



CENTAUR

ANNE BRONTË

Agnes Grey

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Anne Brontë

AGNES GREY

Título original: *Agnes Grey* (1847)

Tradução: Manuela Porto (1908-1950)

2014 © Centaur Editions

centaur.editions@gmail.com

Índice

CAPÍTULO 1 — O PRESBITÉRIO

CAPÍTULO 2 — PRIMEIRAS LIÇÕES SOBRE A ARTE DE ENSINAR

CAPÍTULO 3 — ALGUMAS LIÇÕES MAIS

CAPÍTULO 4 — A AVOZINHA

CAPÍTULO 5 — O TIO

CAPÍTULO 6 — NOVAMENTE O PRESBITÉRIO

CAPÍTULO 7 — HORTON LODGE

CAPÍTULO 8 — ENTRADA NA SOCIEDADE

CAPÍTULO 9 — O BAILE

CAPÍTULO 10 — A IGREJA

CAPÍTULO 11 — AS HERDADES

CAPÍTULO 12 — O AGUACEIRO

CAPÍTULO 13 — AS PRIMAVERAS

CAPÍTULO 14 — O REITOR

CAPÍTULO 15 — O PASSEIO

CAPÍTULO 16 — A SUBSTITUIÇÃO

CAPÍTULO 17 — CONFISSÕES

CAPÍTULO 18 — ALEGRIA E LUTO

CAPÍTULO 19 — A CARTA

CAPÍTULO 20 — A DESPEDIDA

CAPÍTULO 21 — A ESCOLA

CAPÍTULO 22 — A VISITA

CAPÍTULO 23 — O PARQUE

CAPÍTULO 24 — AS DUNAS

EPÍLOGO

Capítulo 1 — O Presbitério

Todas as histórias verdadeiras possuem um ensinamento, embora nalgumas seja difícil de encontrar, e, quando se encontre, seja tão pequeno que, tal como acontece a uma noz seca e encarquilhada, mal nos compense do trabalho de lhe quebrar a casca.

Se tal sucede com a minha história, não me compete a mim julgar. Penso, às vezes, que pode ser útil a alguns, e entreter outros, mas cada qual avaliará por si.

Protegida pela minha própria obscuridade, pelo tempo que já decorreu e pelos nomes inventados, não receio aventurar-me a expor ao público aquilo que não confiaria à pessoa mais íntima.

Meu pai, sacerdote no norte da Inglaterra, foi sempre justamente respeitado por quantos o conheceram. Na sua mocidade viveu razoavelmente do rendimento de uma pequena paróquia e também das rendas de uma pequena propriedade agradável que possuía.

Minha mãe casou com ele contra a vontade da família. Era filha de um proprietário abastado, e mulher de caráter. Em vão lhe repetiram que, casando com meu pai, homem pobre, teria de renunciar a carruagem, criada de quarto e outros luxos e elegâncias, próprios da abastança, e que para ela deviam ser pouco menos que indispensáveis.

Ora um carro e uma criada de quarto são coisas muitíssimo úteis, mas, graças a Deus, ela tinha pés para andar e mãos para se servir. Uma casa elegante e grandes salões são agradabilíssimos, mas ela preferia viver com Richard Grey numa pequena herdade, a viver num palácio com qualquer outro.

Vendo que argumentos de nada serviam, o pai acabou por declarar aos namorados que casassem, se assim o queriam, mas que sua filha, se tal fizesse, perdia o direito à mínima parcela dos seus haveres. Esperava ele acalmar assim o ardor dos namorados, mas enganou-se. Meu pai avaliava bem as qualidades de minha

mãe para a não considerar só por si uma riqueza, e se ela consentia em vir alegrar o seu lar humilde, ele sentia-se feliz em recebê-la em quaisquer condições. Ela, por seu lado, preferia trabalhar por suas próprias mãos a ver-se apartada do homem a quem amava, a quem se sentia unida pelo espírito e pelo coração, e a quem desejava ardentemente tornar feliz. Nestas condições, a sua riqueza foi avolumar a bolsa de uma irmã mais sensata, que casara com um nababo, e ela, com espanto e compaixão de quantos a conheciam, enterrou-se no presbitério rude de uma aldeia, escondida entre colinas.

— Estou convencida de que, a despeito da exaltação de minha mãe e das fantasias de meu pai, se se procurasse por toda a Inglaterra não se encontraria casal mais feliz.

De seis filhos, eu e minha irmã Mary fomos os únicos a sobreviver aos perigos da primeira infância e do crescimento. Sendo eu mais nova cinco ou seis anos, fui sempre considerada a *menina*, o *miminho* de toda a família. Pai, mãe e irmã, todos se juntaram para me estragar: não que me tornasse medrosa e obstinada por indulgência excessiva, mas porque, em virtude da bondade infinita com que fui tratada, fiquei incapaz de iniciativa, demasiadamente dependente e não sabendo lutar contra os cuidados e incertezas da vida.

Mary e eu fomos educadas no maior isolamento.

Sendo minha mãe simultaneamente bem educada, instruída e amiga de se ocupar, tomou a seu cargo toda a nossa educação, com exceção do latim, que meu pai se encarregou de ensinar-nos. De modo que nunca andámos na escola, e, como na vizinhança não havia qualquer espécie de relações, o único contacto que tínhamos com o mundo consistia nalgum chá tristonho, lá de tempos a tempos, a convite dos lavradores e negociantes dos arredores (convite que aceitávamos exatamente para evitar que nos considerassem excessivamente orgulhosos para nos darmos com a vizinhança) e na visita anual que fazíamos à nossa querida avó paterna, mas aí, à parte a própria avó, o bondoso avozinho, uma tia solteira e duas ou três pessoas de idade, não víamos mais ninguém.

Por vezes nossa mãe divertia-nos com histórias e anedotas da sua juventude. Essas histórias, ao mesmo tempo que nos entretinham espantosamente, acordavam — pelo menos em mim — o desejo secreto de ver um pouco mais de mundo.

Imagino que ela deve ter sido muito feliz, mas nunca deu mostras de lamentar esse tempo passado. Porém, meu pai, cujo temperamento não era tranquilo nem alegre por natureza, muitas vezes se atormentava injustamente a pensar nos sacrifícios que a sua querida mulher fizera por ele, quebrando a cabeça com projetos impossíveis, que lhe permitissem aumentar os seus parcos haveres, para bem dela, e para nosso bem.

Em vão minha mãe lhe assegurava estar absolutamente satisfeita, e lhe afirmava que, se ele pusesse de lado um poucachinho para as filhas, teríamos mais do que o suficiente no momento e de futuro. A economia, porém, não era o forte de meu pai. Se não arranjava dívidas (pelo menos minha mãe procurava que ele as não arranjasse) enquanto tinha dinheiro devia gastá-lo. Gostava de ter conforto em casa, de ver a mulher e as filhas bem vestidas e sem lhes faltar nada, e era caridoso, gostando de dar aos pobres conforme podia. Segundo alguns, mesmo mais do que podia.

Um dia um amigo bondoso sugeriu-lhe a ideia e a maneira de duplicar os seus bens de uma só vez e de acrescentá-los depois de uma forma incalculável. Esse amigo era um negociante muito empreendedor e de valor indiscutível, mas que se sentia um pouco constrangido nos seus negócios por falta de capital. Propunha generosamente a meu pai dar-lhe uma boa parte nos lucros, se lhe emprestasse o bastante para ele negociar, e julgava poder prometer que, fosse qual fosse a soma que meu pai lhe entregasse, lhe traria com um lucro de cem por cento.

O pequeno património foi vendido rapidamente e todo o dinheiro da venda entregue ao negociante amigo, que prontamente carregou um navio e se preparou para uma viagem.

Meu pai estava encantado com uma perspectiva tão brilhante, e nós também.

É verdade que de momento estávamos reduzidos ao limitado rendimento da paróquia, mas meu pai não achava que fosse

necessário restringir as despesas a esse rendimento, de modo que, com uma conta a longo prazo a Mr. Jackson, outra a Mr. Smith, outra a Mr. Hobson, continuámos a viver talvez mesmo melhor do que até então.

Minha mãe bem dizia que era melhor não arranjar dívidas, porque os nossos planos de riqueza eram ainda incertos, e, se meu pai a deixasse dirigir, nunca se veria em dificuldades; mas, decididamente, ele era incorrigível.

Quantas horas passámos, eu e Mary, umas vezes sentadas ao lume, outras passeando pelas colinas cobertas de urze, algumas vezes ainda preguiçando debaixo do chorão (a única árvore importante que havia no jardim), falando de futuras felicidades para nós e para os pais, conversando das coisas que faríamos e daquilo que quereríamos ver, sem ter outra base que não fossem as nossas boas esperanças nas riquezas que vinham ao nosso encontro, dado o êxito das especulações do célebre negociante!

Nosso pai ainda era pior do que nós, mas fingia-se menos apressado, mostrando a sua esperança e a sua confiante expectativa em ditos de espírito e brincadeiras, que eu achava sempre muito divertidos e muito alegres.

A mãe ria encantada por vê-lo tão feliz. Receava, contudo, que ele esperasse de mais, e ouvia-a uma vez murmurar num quarto contíguo: "Deus permita que não vá ter uma grande desilusão! Sei bem quanto lhe havia de custar".

Desilusão, teve-a e bem dura. Caiu sobre nós como um raio a notícia de que toda a nossa riqueza se perdera, fora para o fundo de mistura com a restante mercadoria, com parte da tripulação e com o desventurado negociante.

Sofri por ele, sofri por nós, e sofri pela derrocada dos nossos castelos no ar, mas com a adaptabilidade da juventude depressa me restabeleci do choque.

Embora a riqueza tenha suas vantagens, a pobreza não metia medo a uma rapariga inexperiente como eu era. Se quiser falar verdade, direi mesmo que havia certo encanto na ideia de ficar entregue aos próprios recursos.

Só queria que o pai, a mãe e Maiy se encontrassem no mesmo estado de espírito em que eu estava, e que, em lugar de lamentarem passadas desventuras, deitassem todos mãos à obra para tentarem qualquer remédio, e quanto maiores fossem as dificuldades, quanto mais duras fossem as privações presentes, maior devia ser o nosso vigor e a nossa animação para as vencer.

Mary não se lamentava, mas pensava continuamente na nossa desgraça e caiu em tal abatimento que, por mais esforços que eu fizesse, não consegui reanimá-la. Não foi possível fazê-la olhar para a nossa situação com otimismo, e como era muito desagradável ser acusada de frivolidade infantil ou de estúpida insensibilidade, guardei para mim boa parte das ideias animadoras, por ver que não podiam ser compreendidas.

Minha mãe só pensava em consolar meu pai, em pagar as dívidas e em diminuir as despesas por todos os meios. Meu pai estava completamente acabrunhado pela desdita. Saúde, força e coragem foram-se-lhe por completo e nunca mais as recuperou verdadeiramente. Em vão minha mãe se esforçou por animá-lo apelando para a sua piedade, para a sua coragem, para a sua afeição por ela e por nós. Essa afeição era exatamente o seu tormento. Fora por nossa causa que lutara tão ardentemente para acrescentar aqueles poucos haveres. Era o seu interesse por nós, que o levava a esperar tanto, que amargurava o seu desespero atual. Atormentava-se por não ter feito caso da opinião de minha mãe, que, pelo menos, o teria livrado do encargo das dívidas. Censurava-se por tê-la tirado do seu meio, da sua vida agradável, do seu luxo, para a fazer lutar com ele contra desgostos, trabalhos e pobreza. Dilacerava-lhe a alma ver uma mulher tão distinta e tão cultivada, que fora cortejada e admirada, transformar-se numa ativa e trabalhadora dona de casa, com a cabeça e os braços continuamente ocupados nos trabalhos e na economia doméstica.

Era exatamente a boa vontade com que ela cumpria esses deveres, a animação com que suportava os revezes, e a bondade que a impedia de fazer a menor censura, que se transformavam no espírito dele, já atormentado, em causas de maior sofrimento.

E, assim, o espírito, influenciando no corpo, destrambelhou-lhe o sistema nervoso, aumentando-lhe este, por sua vez, os tormentos da imaginação até que a sua saúde ficou seriamente abalada. Ninguém podia convencê-lo de que o estado das nossas coisas não era tão sombrio nem tão desesperado como lho apresentava a imaginação doentia.

Vendeu-se o cavalinho que servia ao faetonte, assim como o nosso velho cavalo favorito, que tínhamos há muito decidido acabasse os seus dias em paz, sem mudar de donos. A pequena cocheira e, a cavalaria foram alugadas, e das duas criadas, a mais importante (porque era a mais dispendiosa) foi despedida.

Os nossos fatos passaram a ser passajados, voltados e consertados quanto era possível, a alimentação, que fora sempre cuidada, passou a ser simplificada, mantendo-se embora certos pratos favoritos de meu pai, o aquecimento e as luzes penosamente economizados, o par de candelabros reduzido a um só, e esse mesmo muito poupado, a lareira foi alimentada com pouquíssimo carvão, especialmente quando meu pai saía para tratar das suas obrigações de sacerdote, ou quando estava doente de cama. Nessas alturas sentávamo-nos com os pés apoiados no guarda-fogo, juntando as brasas meio apagadas e crescendo-as, de tempos a tempos, com um pouco de pó e algumas migalhas de carvão, apenas o bastante para que se não apagasse de todo.

Quanto aos tapetes, estavam muitíssimo usados, mais passajados ainda e mais remendados do que os nossos fatos.

Para evitar a despesa de um jardineiro, Mary e eu resolvemos tratar do jardim, e toda a cozinha e mais trabalho da casa, que não podia ser facilmente feito por uma só criada, era minha mãe e minha irmã quem o executava, um pouco ajudadas por mim, quando calhava — mas pouco, porque, embora eu me considerasse uma mulher, para elas era sempre uma criança. Minha mãe, como acontece à maior parte das mulheres muito ativas e decididas, não tinha filhas muito desembaraçadas, e, por esta razão, sendo ela muito hábil e muito diligente, não era tentada a encarregar alguém do seu trabalho. Pelo contrário, era ela sempre quem tomava conta

nos outros, e com muito boa vontade. Assim, quando eu me oferecia para a ajudar, dava-me sempre respostas como esta:

— Não, amor, tu não podes, não é coisa que tu possas fazer. Vai ajudar tua irmã, ou convence-a a ir dar um passeio contigo. Diz-lhe que não lhe faz bem estar tanto tempo em casa, como costuma.

— Mary, a mamã diz para te ajudar ou então lembra que vás dar um passeio comigo, porque assim, sempre em casa, emagreces e entristeces.

— Tu não podes ajudar-me, Agnes, e eu não posso sair contigo porque tenho muito que fazer.

— Então vou auxiliar-te.

— Não podes, minha querida. Vai estudar a tua música ou, então, vai brincar com o gato.

Realmente, havia sempre muito que coser, mas não me tinham ensinado a talhar uma única peça de roupa, e, a não ser bordar ou pespontar, pouco podia nesse capítulo. Ambas achavam mais fácil fazer o trabalho do que preparar-me uma tarefa, e preferiam ver-me estudar ou mesmo divertir-me. Achavam que tinha muito tempo para estar dobrada, sobre a costura, como uma grave matrona, quando o meu gatinho predileto se tivesse transformado num respeitável gatarrão. Nestas condições, eu para pouco mais servia do que o próprio bichano, e, como veem, a minha ociosidade não era inteiramente indesculpável.

Apesar de todas as faltas de dinheiro, só uma vez ouvi minha mãe queixar-se. Como o verão se aproximava, observou, dirigindo-se a mim e a Mary:

— Era muito bom para vosso pai passar algumas semanas numa praia. Estou convencida de que o ar do mar e a mudança de ambiente lhe seriam muitíssimo proveitosos, mas, bem veem, não temos dinheiro — acrescentou, com um suspiro.

Ambas tínhamos grande desejo de que isso fosse possível e lamentámos não o ser.

— Bem, bem, disse ela, não serve de nada a gente lastimar-se. Talvez se possa fazer qualquer coisa para se ver se é possível realizar o nosso projeto. Mary, tu desenhas muito bem. Que te parece? Se experimentasses fazer alguns desenhos aquarelados, o

melhor que soubesses? Podíamos tentar colocá-los nalguma loja onde tivessem o bom gosto de os apreciar.

— Sinto-me muito contente por a mamã achar que é possível eu servir para alguma coisa.

— Pode-se, ao menos, experimentar, minha filha. Arranja tu os desenhos que eu procurarei arranjar o comprador.

— Gostava tanto de poder fazer também qualquer coisa — disse eu.

— Quem sabe lá, Agnes? Tu também desenhavas muito bem, e, se procurares um motivo simples, tenho a certeza de que és capaz de fazer trabalho que todos teremos prazer em mostrar.

— Não, tenho outro projeto em mente, mamã. Já o tenho há muito tempo, mas não quis ainda falar.

— Então, diz lá?

— Queria ir ser precetora.

Minha mãe soltou uma exclamação de surpresa e desatou a rir. Minha irmã pousou o trabalho, pasmada, e exclamou:

— O quê, tu precetora, Agnes? Estás a sonhar?

— Não vejo onde está o espanto. Não tenho a pretensão de ser capaz de ensinar crianças mais crescidas, mas sou capaz de ensinar meninos pequenos, e gostava até muito, sou muito amiga de crianças. Deixe-me ir, mamã.

— Mas meu amor, ainda nem sequer sabes tomar conta de ti própria. As crianças pequenas requerem ainda mais vigilância e maior critério para lidar com elas.

— Mamã, tenho mais de dezoito anos e sei muito bem tratar de mim e dos outros. A mamã não pode fazer ideia do juízo e da prudência que possuo, porque nunca experimentou.

— Pensa só no que farias numa casa cheia de gente estranha”, disse Mary, “sem me teres a mim nem à mamã para conversar contigo, sem ninguém para te aconselhar? Eras capaz de nem saber o fato que devias vestir.

— Como só me vês fazer aquilo que me mandam, imaginas que não sou capaz de pensar pela minha própria cabeça, mas experimenta e verás se sou ou não sou.

Meu pai entrou neste momento e quis saber o motivo da discussão.

— Quê, a minha pequena Agnes quer ser precetora? — exclamou, e, a despeito da sua tristeza, riu de vontade só com a ideia.

— Quero, sim, papá, não diga que não. Gostava tanto! Tenho a certeza de que me havia de sair bem.

— Mas minha querida, não te podemos dispensar. — E, com os olhos rasos de água, acrescentou: — Não. Estamos muito apoquentados, mas ainda não chegámos a esse ponto.

— Que ideia — disse minha mãe. — Não há necessidade de tal coisa. Trata-se apenas de uma fantasia dela. Cala-te, minha cabeçuda, ficas sabendo que, mesmo que tu estejas disposta a deixar-nos, nós não podemos separar-nos de ti.

Calei-me nessa ocasião e nos dias seguintes, mas não abandonei o meu projeto. Mary arranjou o material para desenhar e principiou a trabalhar com afinco. Eu também comecei, mas, enquanto desenhava, pensava noutras coisas. Devia ser muito bom ser-se precetora! Ver mundo, começar uma vida nova, ter iniciativa, utilizar as minhas próprias faculdades, até então inaproveitadas, experimentar as minhas capacidades, que eu própria desconhecia, ganhar o meu sustento, e poder ajudar e confortar meu pai, minha mãe e minha irmã, além de os aliviar de terem de sustentar-me e de vestir-me, mostrar a meu pai do que era capaz a sua pequena Agnes, convencer a mamã e a Mary de que eu não era o ente incapaz de pensar que elas imaginavam. E que encanto terem-me confiado os cuidados e a educação de algumas crianças!... Dissessem o que dissessem, sentia-me digna dessa tarefa. A recordação nítida do que tinham sido os meus pensamentos na infância era um guia mais seguro do que quantos conselhos houvesse no mundo. Bastava que, ao cuidar dos meus alunos, pensasse no que eu era na idade deles, para imediatamente saber inspirar-lhes confiança e afeição, saber acordar neles o arrependimento, quando errassem, saber animar os tímidos e aconselhar os aflitos, conseguir que procedessem bem e tornar a instrução apetecida e a religião amada e compreendida.

Agradável tarefa!

Ensinar as imaginações jovens a acertar!

Cultivar as plantazinhas tenras, vigiar dia a dia os botões que desabrocham!

Influenciada por tão agradáveis pensamentos, resolvi persistir, embora o receio de desagradar a minha mãe e de afligir meu pai me impedisse de abordar o assunto durante alguns dias. Finalmente, conversei com minha mãe em particular e obtive que promettesse ajudar-me com a sua influência.

Conseguimos, finalmente, que meu pai consentisse, embora com certa relutância, e minha boa mãe começou a procurar-me colocação, apesar de Mary não concordar.

Minha mãe escreveu a pessoas amigas de meu pai e consultou anúncios de jornais — com as suas antigas relações perdera há muito todo o contacto. Desde o seu casamento que só trocara com elas cartas de cerimónia, e em caso nenhum se lhes dirigiria para este fim.

O afastamento de meus pais tinha, porém, sido tão longo e tão completo, que passaram várias semanas antes que aparecesse colocação aproveitável. Finalmente, e com grande regozijo para mim, ficou resolvido que fosse tomar conta dos filhos de uma tal Mrs. Bloomfield, senhora que minha tia Grey conhecera em rapariga, e que afirmava ser muito boa pessoa. O marido era um antigo negociante que ganhara bom dinheiro, mas que não estava na disposição de pagar mais de vinte e cinco libras à precetora dos filhos. Preferi aceitar com alegria a recusar um lugar que meus pais julgavam recomendável.

Os preparativos requereram algumas semanas.

Como me pareceram compridas! Foram contudo agradáveis, se as olhar no conjunto. Cheias de esperanças risonhas, e de expectativa entusiástica.

Com que prazer assisti à confeção dos meus fatos novos, e, em seguida, ao arrumar das malas! Más, ao mesmo tempo, fui tomada de certa amargura ao ocupar-me da bagagem, e, quando acabei, quando tudo ficou pronto, e ia partir no dia seguinte, quando a última noite se aproximava, senti o coração apertado pela angústia.

Os meus entes queridos mostravam-se tão tristes e falavam-me com tal bondade que muito me custou não chorar. Contudo fingi estar alegre.

Dera o meu último passeio com Mary pelos campos, dera uma volta pelo jardim e pela casa. Tinha na sua companhia dado de comer aos nossos pombos pela derradeira vez — vieram comer à nossa mão. Despedi-me, acariciando-lhes as penas prateadas e eles arrulharam no meu colo. Beijei os meus preferidos, um casal todo branco, com a cauda em leque. Toquei uma última melodia no velho piano familiar e cantei, para meu pai ouvir, uma última canção. Não seria a derradeira, segundo esperava, mas seria a última por muito tempo.

Quem sabe se, quando novamente repetisse estes gestos, não o faria em disposição bem diferente... As circunstâncias podiam ter mudado e esta casa podia muito bem nunca, mais ser o meu verdadeiro lar.

O meu gatinho estaria, por certo, muito, muito mudado, ter-se-ia transformado num lindo gato, quando eu voltasse — mesmo que viesse fazer uma rápida visita pelo Natal — e já teria esquecido as suas travessuras e a sua companheira.

Brinquei com ele uma última vez, e quando lhe acariciei o pelo fofo, quando ele se aninhou no meu colo para dormir, senti tal tristeza que mal pude disfarçar.

Quando foram horas de ir para a cama, e me retirei com Mary para o nosso quarto sossegado, onde as minhas gavetas já estavam vazias e as prateleiras da estante despejadas, e onde, de futuro, ela dormiria em lúgubre solidão, o coração apertou-se-me mais ainda. Tive a impressão de que fora sempre egoísta e de que fizera uma maldade ao querer deixá-los. E, quando ajoelhei ao lado da nossa cama, pedi, com mais fervor do que nunca, que Deus abençoasse toda a minha família.

Para disfarçar a minha emoção, escondi a cara nas mãos, que estavam agora banhadas em lágrimas.

Percebi, ao levantar-me, que Mary também tinha estado a chorar, mas nenhuma de nós falou e fomos silenciosamente

repousar, sentindo-nos ainda mais unidas, exatamente porque nos íamos apartar.

Veio a manhã e trouxe consigo, novamente, a esperança e a boa disposição. Tive de partir cedo para que o carro que me levava (um cabriolé alugado a Mr. Smith, dono, ao mesmo tempo, da loja de modas, da capelista, e da casa de chá da nossa, aldeia) pudesse regressar no mesmo dia.

Levantei-me, lavei-me, vesti-me, engoli um almoço rápido, recebi os abraços comovidos de meu pai, de minha mãe e da minha irmã, beijei o gato, com indignação de Sally, a criada, a quem apertei a mão, subi para o carro, puxei o véu para a cara, e, então, mas só então, desatei a chorar.

O carro principiou a andar, olhei para trás, a minha querida mãe e a minha boa irmã estavam ainda à porta, olhando para mim e dizendo-me adeus: em resposta, pedi a Deus que as protegesse. Descemos a colina e deixei de as ver.

— Está uma manhã muito fria para si, Miss Agnes — observou Smith. — E está muito carregado, vamos lá a ver se a gente chega sem muita chuva.

— Vamos a ver — repliquei o mais calmamente que pude.

— Já a noite passada caiu uma boa *caldeirada*.

— Sim?

— Pode ser que a nortada afaste a água.

— Pode ser.

Aqui acabou a nossa conversa. Atravessámos o vale e começámos a subir a encosta. Quando estávamos quase no alto, olhei para trás. Lá estava a aldeia com o seu campanário e, pegado, o velho presbitério escuro, aquecendo-se a um raiozinho de sol oblíquo. Era um raio de sol doente, porque a, aldeia e as colinas em volta estavam metidas na sombra. Saudei o maravilhoso raiozinho como feliz presságio para a minha casa. De mãos postas implorei, cheia de fervor, que Deus protegesse todos os meus, e voltei-me rapidamente, porque vi que o sol ia desaparecer. Evitei tornar a olhar, para não ver o presbitério na sombra como o resto da paisagem.

Capítulo 2 — Primeiras Lições Sobre a Arte de Ensinar

Enquanto o carro seguia o seu caminho, voltei a animar-me, e pensei com prazer na nova vida em que ia entrar. Embora estivéssemos em meados de setembro, as nuvens pesadas e a nortada desabrida combinavam-se para tornar o dia muito frio e muito lúgubre, e a jornada pareceu comprida, porque, conforme Smith observou, os caminhos estavam duros, e, pelo visto, o seu cavalo também. Arrastava-se nas descidas, e nas subidas quase não andava. Só tinha a amabilidade de abanar um pouco os flancos num brando trote, quando o caminho era plano, ou só muito ligeiramente acidentado.

Nestas condições já era quase uma hora quando chegámos ao nosso destino. Ao atravessarmos enfim o portão de ferro, deslizámos suavemente pelo caminho dos carros, muito bem tratado e ladeado de relva e de árvores novinhas; quando nos aproximámos da casa, nova, mas majestosa, erguida entre bosques de choupos muito cuidados, faltou-me a coragem e desejei estar ainda a várias milhas de distância.

Pela primeira vez na vida ia estar só, mas já não havia remédio. Tinha de penetrar na casa e apresentar-me aos seus moradores, todos desconhecidos para mim. Como iriam as coisas passar-se?

A verdade é que eu completara quase dezanove anos, mas, graças à minha vida retirada e à protecção e cuidados de minha mãe e de minha irmã — tinha disso bem a noção —, havia muitas raparigas de quinze anos ou mesmo com menos idade, com mais desembaraço, mais préstimo e mais autodomínio do que eu.

Contudo, se Mrs. Bloomfield era realmente pessoa bondosa e maternal, podia sair-me bem. Quanto às crianças, esperava em breve estar à vontade com elas, e com Mrs. Bloomfield pouco teria de entender-me, segundo pensava.

Conserva-te calma, conserva-te calma, aconteça o que acontecer, disse para comigo. Realmente mantive essa decisão de tal maneira, e senti-me tão preocupada em dominar os nervos e sossegar as pancadas do coração, que, ao mandarem-me entrar para a sala e ao anunciarem-me a Mrs. Bloomfield quase me esqueci de responder ao seu amável cumprimento e notei mais tarde que as poucas palavras que pronunciei foram ditas no tom de uma pessoa moribunda ou adormecida. Quando mais tarde pude refletir sobre o caso, descobri que também nos modos dela havia qualquer coisa de gelado.

Era uma senhora alta e magríssima, com uma espessa cabeleira negra, olhos acinzentados, muito frios, e tez amarelada.

Mostrou-se, contudo, correta e levou-me ao meu quarto, deixando-me lá, para que me arranjasse um pouco.

Quando me vi ao espelho estava um tanto esgazeada. O vento desabrido tinha-me tornado as mãos engeladas e vermelhas, os cabelos estavam ásperos e embaraçados. Ainda para mais tinha as faces muito encarnadas, a gola completamente amachucada, o casaco com salpicos de lama e os pés encafudados numas botas novas muito grossas. Como as malas ainda não tinham sido trazidas para cima, não havia nada a fazer. Alisei o cabelo conforme pude, tentei repetidas vezes endireitar a gola e tratei de descer os dois lances de escadas, procurando consolar-me enquanto descia, e com certa dificuldade lá achei o caminho até à sala onde Mrs. Bloomfield me esperava.

Conduziu-me enfim à sala de jantar, donde o almoço dá família já tinha sido retirado. Serviram-me bifés e batatas mornas, e, enquanto comi, ela sentou-se na minha frente, observando-me, segundo me pareceu, e esforçando-se por sustentar uma conversa que consistiu em grande parte numa série de frases banais, ditas com cerimónia e frieza. Mas a culpa devia ser mais minha do que dela. Sentia-me, na verdade, incapaz de conversar. Toda a minha atenção se achava concentrada na comida, não porque tivesse grande apetite, mas pela aflitiva dureza dos bifés e pelo entorpecimento em que tinha as mãos, quase paralisadas por cinco horas de ventania. De bom grado teria comido as batatas e deixado

a carne, mas, tendo-me servido de um pedaço não muito grande, não era possível deixá-lo ficar, sem isso parecer grande falta de educação. Depois de várias tentativas infrutíferas para cortar o bife com a faca, para desfazê-lo com o garfo, para reduzi-lo a pedaços com a faca e com o garfo, constrangida pela presença da respeitável senhora, empunhei, finalmente, a faca e o garfo como uma criança de dois anos e empreguei todas as minhas escassas forças. Mas era indispensável uma explicação: Tentando sorrir, disse:

— Tenho as mãos tão entorpecidas que mal posso pegar na faca e no garfo.

— Já calculava que devia ter frio — replicou ela com o mesmo ar grave, que me intimidava.

Quando acabei, levou-me novamente para a sala de estar, e tocou para que lhe trouxessem as crianças.

— Não as vai encontrar muito adiantadas nos estudos — disse. — Tenho tido pouco tempo para dedicar à sua educação, e até agora eram muito novas para terem preceptora. Julgo, no entanto, que são crianças inteligentes e muito capazes de aprender, especialmente o pequeno. É, segundo me parece, a flor do rancho: uma criança generosa, cheia de boas qualidades. É um pequeno para ser guiado e não forçado. Fala sempre verdade. Parece detestar toda a mentira.

Isto era para mim uma notícia agradável.

— A irmã chama-se Mary Ann e necessita mais de ser vigiada — continuou. — De um modo geral é boa pequena. Desejo, no entanto, afastá-la o mais possível da *nursery*. Tem quase seis anos e pode adquirir maus hábitos com as criadas. Mande-i pôr a caminha dela no seu quarto, e, se quiser ter a bondade de tomar conta dela, de a vestir, de a lavar e de lhe tratar da roupa, escusará de ter qualquer contacto com a criada das crianças.

Respondi que estava pronta a fazer-lhe a vontade, e nessa altura entraram na sala os meus alunos e as duas irmãs mais novas.

Tom Bloomfield era um rapazinho de sete anos, desenvolvido, forte, com cabelo cor de linho, olhos azuis, narizinho arrebitado e

boa presença. Mary Ann também era alta, um pouco morena, como sua mãe, mas de cara redonda e faces coradas.

A segunda irmã era Fanny, menina muito bonita. Mrs. Bloomfield declarou-me que era uma criança muitíssimo condescendente, que precisava apenas de incitamento. Ainda não tinha aprendido coisa alguma, mas dentro de alguns dias fazia quatro anos e então começaria a aprender as primeiras letras e iria para o quarto de estudo. A mais nova chamava-se Harriet e era uma criaturinha muito gorda, alegre, bem disposta, mas apenas com dois anos. Preferi-a a todos os outros. Mas com essa não tinha eu nada que ver.

Procurei falar com os meus alunos e tornar-me simpática — julgo, no entanto, que com pouco êxito. A presença da mãe intimidava-me.

Eram crianças nada tímidas, desembaraçadas, vivas. Tive esperança de em breves dias estar em muito boas relações com elas, especialmente com o pequeno, de cujo caráter a mãe dissera tanto bem. Mary Ann tinha o hábito de certos requebros afetados e percebia-se que sentia prazer em ser notada; isso desagradou-me. O irmão absorvia toda a minha atenção. Estava em pé, muito direito, entre mim e o lume, de mãos atrás das costas, e falava como um orador, interrompendo-se apenas para fazer alguma observação áspera, se a irmã se mostrava turbulenta.

Subitamente a mãe exclamou:

— Tom, és um verdadeiro encanto, vem dar um beijo a tua mãe. Não queres ir mostrar a Miss Grey o teu quarto de estudo e os teus livros novos?

— Não te dou nenhum beijo, mamã, mas vou mostrar a Miss Grey os meus livros e o meu quarto de estudo.

— O quarto de estudo e mais os livros também são meus — disse Mary Ann.

— Meus é que eles são — replicou decidido. — Venha, Miss Grey, venha comigo.

Depois de vermos o quarto de estudo, não sem algumas implicações entre o irmão e a irmã, implicações que tentei apaziguar o melhor que pude, Mary Ann trouxe-me a sua boneca e

começou a conversar acerca dos lindos vestidos da boneca, da sua caminha e mais da cómoda. Tom mandou-a logo calar, para que Miss Grey pudesse admirar o seu cavalo de balouço, que ele trouxe de um canto para o meio da casa, fazendo muita bulha e clamando por mim para que o viesse ajudar. Depois mandou a irmã pegar nas rédeas e montou, fazendo-me estar aí uns dez minutos a ver como ele se sabia servir do chicote e das esporas. Eu, entretanto, admirava a boneca de Mary Ann e as suas coisas. Disse, no entanto, ao menino Tom que o achava bom cavaleiro, mas que esperava, em todo o caso, que não se servisse do chicote e das esporas quando montasse um cavalo a valer.

— Tenho de as usar — disse ele redobrando de ardor. — hei de fazê-lo em pó! Palavra de honra que o hei de fazer suar.

Achei muito desagradável, mas esperei que, com o correr do tempo, o faria mudar.

— Agora vá pôr a touca e o xaile — disse o nosso herói —, quero mostrar-lhe o meu jardim.

— E o meu também — disse Mary Ann.

Tom fez menção de levantar o punho ameaçador. Ela deu um grito e correu a refugiar-se atrás de mim, fazendo-lhe uma careta.

— Tom, creio que não pretende bater em sua irmã! Espero nunca ver semelhante coisa.

— há de ver pelo menos algumas vezes. Tenho de lhe bater para a meter na ordem.

— Mas não é a si que compete metê-la na ordem, bem sabe que...

— Bem, bem, trate de pôr a touca.

— Acho melhor não. Está muito frio e muita humidade, parece até querer chover. Bem sabe que já dei hoje um grande passeio.

— E isso que tem? Não quero desculpas, tem de vir — replicou, autoritário, o homenzinho. Era o primeiro dia que nos víamos, podia ter-me dispensado.

O jardim era grande e estava tratado com bom gosto. Além de esplêndidas dalias, havia outras flores ainda abertas, mas o meu companheiro não me dava tempo para as observar. Tive de o acompanhar pela relva húmida até a um recanto afastado, mas que

ele considerava como o local mais importante, pois era aí que estava o seu jardim. Vi dois canteiros redondos com várias plantas. Num deles havia uma linda roseira. Parei a admirar as suas flores.

— Oh! Não faça caso! — Disse ele, brusco. — Isso é o jardim da Mary. Olhe mas é para este, que é o meu.

Depois de me ter mostrado todas as flores e de me ter obrigado a ouvir a descrição de cada planta, permitiu-me que me fosse embora, mas, antes disso e com grande pompa, colheu uma flor e deu-ma, com o ar de quem faz uma enorme gentileza. Vi sobre a relva, perto do seu jardim, umas engenhocas com pauzinhos e guitas, e perguntei-lhe o que era.

— Armadilhas para os pássaros.

— Para que os apanha?

— O pai diz que fazem mal.

— E quando os apanha que lhes faz?

— Várias coisas. Às vezes dou-os ao gato, outras vezes parto-os em bocados com o meu canivete, mas agora, quando apanhar um, hei de assá-lo vivo.

— Para quê semelhante coisa?

— Para ver o tempo que ele dura e para ver se gosta.

— Não sabe que isso é uma grande maldade? Lembre-se de que os pássaros sentem exatamente como as pessoas. Pense lá se gostava.

— Isso não quer dizer nada, não sou nenhum pássaro e por isso não posso sentir o que faço aos pássaros.

— Um dia ainda pode vir a sentir, Tom. Já ouviu alguém dizer para onde vão as pessoas más quando morrem? Se não deixa de fazer mal aos pobres passarinhos, vai lá parar e há de sofrer exatamente o mesmo que os fizer sofrer a eles.

— Ora! O papá sabe muito bem o que eu faço e nunca me disse nada. Conta até que fazia, o mesmo em pequeno. O verão passado deu-me um ninho cheio de pardais e viu-me arrancar-lhes as asas, as pernas e as cabeças, e só disse que era uma porcária e que podia sujar as calças, e até o tio Robson se riu e disse que eu era esperto.

— Mas que diria sua mãe?

— Oh, não se importa. Diz que é pena matar os passarinhos que cantam, mas, quanto aos estúpidos dos pardais, aos ratos e às ratazanas, posso fazer deles o que quiser. Bem vê, Miss Grey, que não faz mal.

— Eu continuo a achar que faz, e provavelmente seu pai e sua mãe também achariam, se pensassem um momento. Estou até resolvida — acrescentei, intencional — a que nunca mais faça semelhantes coisas, enquanto me estiver entregue.

Voltámos a atravessar o relvedo e daí fomos para o pátio da herdade, onde estavam mais armadilhas para as doninhas, uma das quais, para satisfação dele, continha uma, já morta. Dirigimo-nos para a cavaliça a ver a magnífica parelha da carruagem e também um potro peludo que, segundo Tom me disse, tinha sido criado para ele e no qual montaria logo que estivesse suficientemente treinado.

Tentei entreter o pequeno ouvindo toda a sua palrice, pensando que se nele havia qualquer afetividade, e eu a procurasse, talvez conseguisse mais facilmente mostrar-lhe os seus erros, méis em vão busquei a generosidade de que sua mãe falava, embora me parecesse que não era destituído de vivacidade e penetração, quando se dava a esse trabalho.

Voltámos para casa perto da hora do chá. Tom disse-me que o pai não estava e que por essa razão tomaríamos chá, nós dois e Mary Ann, com a mãe. Em tais ocasiões ela jantava sempre com eles à hora do lanche, em vez de jantar às seis horas. Logo a seguir ao chá, Mary Ann foi para a cama. Tom ainda nos favoreceu com a sua companhia até às oito.

Depois de se ir, Mrs. Bloomfield elucidou-me sobre as capacidades e os conhecimentos de seus filhos, e também sobre aquilo que deveriam aprender. Disse-mo ainda como era preciso lidar com eles, recomendando-me que não falasse nos seus defeitos a mais ninguém a não ser a ela.

Minha mãe já me dissera que falasse à mãe o menos possível nos defeitos dos filhos, porque as pessoas, em geral, não gostam que lhes apontem defeitos nos seus. De tudo isto concluí que era coisa em que não devia falar a ninguém.

Cerca das nove e meia, Mrs. Bloomfield convidou-me a partilhar a sua ceia frugal: carne fria e pão.

Senti-me muito satisfeita quando ela pegou na vela e se retirou para ir repousar, porque, apesar de todo o desejo que tinha de me sentir bem com ela, a sua companhia era extremamente fatigante para mim, e não podia impedir-me de a achar fria, grave, antipática, exatamente o contrário da matrona bondosa que eu fantasiara na minha imaginação cheia de esperança.

Capítulo 3 — Algumas Lições Mais

Levantei-me na manhã seguinte cheia de entusiasmo e esperança, apesar das decepções sofridas.

Vestir Mary Ann não era, na minha opinião, coisa fácil; os seus abundantes cabelos tinham de ser untados com pomada e divididos em três tranças, atadas com laços de fita, tarefa que os meus dedos pouco habituados não achavam nada cómoda. Disse-me que a ama levava metade do tempo, e estive sempre a mexer-se, impaciente, o que ainda tornou a obra mais demorada. Quando acabámos, fomos para o quarto de estudo, onde já estava o meu outro aluno, e onde brinquei com ambos até à hora do almoço.

Ao terminar a refeição, e tendo trocado algumas palavras amáveis com Mrs. Bloomfield, voltámos para o quarto de estudo e começámos o nosso trabalho diário. Achei os pequenos muito atrasados, mostrando — embora renitentes a toda a espécie de exercícios — que não eram destituídos de qualidades.

Mary Ann mal sabia soletrar e era tão descuidada e tão desatenta que só pude obter dela um esforço mínimo.

No fim de muito trabalho e de muita paciência, consegui que trabalhasse um pouco durante a manhã. Acompanhei em seguida os meus jovens protegidos ao jardim, para que tivessem um pouco de recreio antes de jantar. Tudo correu menos mal, a não ser eu ter chegado à conclusão de que não sabiam acompanhar-me. Era eu quem devia ir com eles para onde quer que me levassem. Devia correr ou seguir muito devagar, parando por vezes, conforme agradava à sua fantasia.

Estava invertida a ordem das coisas, segundo me pareceu. E era tanto mais desagradável, quanto era certo preferirem os locais mais sujos e as ocupações menos próprias. Não havia, contudo, remédio, ou tinha de segui-los ou então devia apartar-me deles inteiramente, parecendo que não dava a devida atenção ao meu cargo.

Nessa manhã manifestaram particular preferência por um poçozito ao fundo do canteiro de relva, onde insistiram em chafurdar com paus e com pedras, durante mais de meia hora.

Eu estava num constante sobressalto, receando que a mãe os visse da janela e me censurasse por deixar que sujassem os fatos e molhassem os pés e as mãos em lugar de andarem a fazer um pouco de exercício. Não houve, porém, ordens, raciocínios ou argumentos que os demovessem.

Ela não os viu, mas houve quem os avistasse. Um cavaleiro entrara o portão e avançava pelo caminho em direção a casa; à distância de alguns passos parou e chamou-os num tom ríspido, ralhando:

— Saíam da água. Miss Grey — disse —, creio que é Miss Grey, espanta-me que os deixe molhar os fatos e os pés desta maneira. Não vê como Miss Bloomfield já tem o casaco sujo? E não percebe que Master Bloomfield está completamente molhado? E ambos sem luvas!... Valha-a Deus! Peço-lhe que daqui por diante os traga ao menos decentemente arranjados!... — Dizendo isto voltou costas e encaminhou o cavalo na direção da casa.

Era Mr. Bloomfield. Estranhei que tratasse os filhos por Master e Miss Bloomfield, e estranhei mais ainda que me falasse com tal grossaria, a mim, precetora das crianças, e pessoa inteiramente desconhecida para ele.

Neste momento tocou a campainha que chamava para as refeições.

Jantei com as crianças à uma hora enquanto Mr. Bloomfield e a esposa lanchavam na mesma mesa. Aí a sua maneira de proceder não o elevou muito na minha consideração.

Era homem de estatura vulgar, mais alto do que baixo, mais magro do que gordo, e aparentando entre trinta a quarenta anos. A sua boca era grande, a tez pálida e macilenta, os olhos de um azul leitoso e o cabelo cor de estopa.

Serviram um assado de carneiro, que colocaram diante dele. Fez ele o prato de Mrs. Bloomfield, os das crianças e finalmente o meu, mandando que eu cortasse a carne dos pequenos. Em seguida

deu várias voltas ao carneiro, mirou-o muito bem, declarou que não estava comível e pediu o rosbife frio.

— Que acha do carneiro, meu filho? — perguntou-lhe a esposa.

— Está assado de mais. Não vê, Mrs. Bloomfield, que está completamente torrado? Não nota que não tem molho nenhum?

— Bem. Espero que o rosbife lhe agrade.

Colocaram-lhe o rosbife na frente e principiou a trinchá-lo, mas com a mais enjoada expressão.

— Que tem o rosbife, Mr. Bloomfield? Tinha a certeza de que o acharia bom.

— Estava realmente bom. Não podia mesmo estar mais bem temperado, mas estragaram-no completamente — replicou ele, azedo.

— Como assim?

— Como assim? Não vê como está cortado? Valha-nos Deus! Chega a ser indecente!

— Devem tê-lo cortado mal na cozinha. Lembro-me de ontem o ter cortado como devia ser.

— Não tenha dúvida de que o cortaram mal na cozinha. Selvagens!... Valha-nos Deus! Se se pode aturar uma coisa destas: um pedaço tão bom completamente estragado? Mas ouça, Mrs. Bloomfield, quando um prato decente sai da mesa ninguém na cozinha lhe deve tocar.

Apesar do deplorável estado em que o rosbife se encontrava, o cavalheiro lá conseguiu cortar algumas fatias delicadas, de que comeu parte, em silêncio. Quando voltou a falar, foi num tom mais ameno e para inquirir o que havia para o jantar.

— Peru e galinhola — foi a lacónica resposta.

— E que mais?

— E peixe.

— Que peixe?

— Não sei.

— Não sabe? — exclamou ele, levantando com importância a vista do prato, e ficando com a faca e o garfo suspensos, tão grande era o seu pasmo.

— Não sei. Disse à cozinheira para arranjar peixe, mas não lhe disse exatamente que peixe.

— Isto excede tudo: uma dona de casa que nem sequer sabe que espécie de peixe tem para o jantar. Manda comprar peixe, mas não diz de qual...

— Talvez daqui por diante prefira determinar os jantares, Mr. Bloomfield.

Ninguém disse mais palavra e experimentei contentamento quando me encontrei fora da sala com os meus alunos. Nunca me sentira tão envergonhada em dias de minha vida com uma coisa que não me dizia respeito.

Durante a tarde continuámos com as lições, e em seguida saímos. Tomámos chá no quarto de estudo e depois vesti Mary Ann, para que fosse assistir à sobremesa dos pais; e enquanto ela e o irmão desceram à sala de jantar, aproveitei para escrever para casa, para os meus. Os pequenos regressaram antes que eu chegasse a menos de metade da minha carta. Às sete horas deitei Mary Ann e brinquei com o irmão até às oito, hora a que este recolheu. Então acabei a minha carta e desfiz as malas, pois ainda não tivera ocasião; finalmente fui eu própria meter-me na cama.

Este foi, porém, um dia bastante favorável quanto às minhas ocupações habituais.

A minha tarefa, à medida que os dias passavam, em vez de se tornar mais fácil, pelo contrário, complicava-se, pois os caracteres iam-se evidenciando. Bem cedo percebi que a designação de precetora, dada à minha pessoa, era mais do que ironia. Os pequenos não tinham a menor noção do que fosse obediência. Eram como leõezinhos indomáveis.

O receio do mau génio do pai e também dos castigos que era capaz de lhes aplicar, conservava-os aperreados, quando estavam perto dele. E também tinham certo medo de fazer a mãe zangar-se. O rapaz era mesmo algumas vezes levado a obedecer-lhe com a esperança de ser recompensado. Eu, porém, não tinha recompensas para oferecer, nem castigos para aplicar, pois compreendi que os pais reservavam para si esse privilégio, embora exigissem de mim que mantivesse os pequenos na devida ordem. Crianças há que são

levadas pelo medo de fazer zangar as pessoas crescidas, ou pelo desejo de que as aprovem. Estas eram absolutamente insensíveis a isso. Master Tom, não contente com não obedecer, queria ele próprio mandar, e estava decidido não só a infundir respeito à irmã, como à própria professora, aplicando, para tal fim, quando necessário, as mãos e os pés, e, como era forte para a sua idade, isso não deixava de apresentar sérios inconvenientes. Estou convencida de que uns bons açoites aplicados a tempo poriam as coisas no devido pé, mas como podia ir acusar-me à mãe, e como ela acreditaria em tudo quanto ele dissesse — embora eu já tivesse descoberto que ele era perfeitamente capaz de pregar a sua peta — resolvi não lhe bater, nem mesmo em defesa própria, e, se o via com fúrias mais violentas, o meu único recurso era deitá-lo de costas e agarrar-lhe as mãos e os pés até que o frenesi lhe passasse. À dificuldade já bastante grande de não permitir que fizesse o que não devia, vinha juntar-se outra ainda maior, forçá-lo a proceder como convinha. Às vezes recusava terminantemente aprender ou repetir as lições, por vezes mesmo recusava olhar para o livro. Ainda para estes casos uma boa palmada seria muito útil, mas, como os meus poderes eram limitadíssimos, tinha de tirar deles o melhor partido.

Como não havia horas marcadas para estudar e para brincar, resolvi incumbir os meus alunos de pequenas tarefas, que eles pudessem, com relativa atenção, acabar num curto espaço de tempo; mas até terminarem, por mais cansada que me sentisse, ou por pior que se estivessem portando, a não ser por intervenção dos pais, não consentia que abandonassem o quarto de estudo, mesmo que tivesse de sentar-me com a cadeira contra a porta, para não os deixar sair. A paciência, a firmeza e a perseverança eram as minhas únicas armas; resolvi usá-las o melhor que pudesse.

Determinei cumprir sempre as ameaças ou as promessas que fosse obrigada a fazer, e por essa razão devia ser cautelosa e não ameaçar nem prometer coisa que não pudesse manter. Procurava dominar qualquer irritabilidade que sentisse, e procurava também não ser demasiadamente indulgente. Quando se portavam bem, tentava ser o mais possível carinhosa e amiga de fazer vontades,

para marcar bem a diferença entre o bom e o mau comportamento deles, e se tinha de repreendê-los fazia-o o mais amigavelmente que sabia. Se recusava satisfazer-lhes a vontade depois de alguma diabrura grave, procurava que se sentissem tristes e não zangados. Além de tudo isto fazia quanto podia para que as suas breves orações e os cânticos que entoavam lhes fossem acessíveis. Quando ao deitar rezavam e pediam perdão das ofensas, recordava-lhes os pecados cometidos durante o dia, com seriedade, mas amigavelmente, para conseguir que criassem certo desejo de se aperfeiçoarem. As orações de penitência eram aplicadas a atos de desobediência, e as orações de graças eram rezadas nos casos contrários. Tudo quanto tinha de ensinar-lhes procurava que os interessasse, sem outra intenção aparente que não fosse diverti-los.

Nestas condições tinha esperança de que, com o decorrer do tempo, conseguiria alguma melhoria nas crianças e alguma estima por parte dos pais, e esperava também convencer a minha família de que não era tão destituída de habilidade e de prudência quanto ela: imaginava. Embora reconhecesse as dificuldades com que tinha de lutar, contava com a paciência infinita que supunha possuir, e com a minha perseverança, para vencer.

Ora aconteceu as crianças serem tão incorrigíveis e os pais tão pouco razoáveis, que todas as minhas boas intenções, todos os meus esforços aturados só produziram troça por parte das crianças, insatisfação por parte dos pais, e tormentos para mim; a não ser que os meus pontos de vista estivessem errados, ou que eu os não soubesse pôr em prática.

A tarefa de os ensinar era tão árdua para o corpo como para o espírito. Tinha de correr muitas vezes atrás dos meus alunos para os apanhar, tinha de empurrá-los muitas vezes também até à mesa, e, uma vez aí, retê-los pela força até a lição acabar.

Precisava de castigar Tom frequentemente, pondo-o num canto e sentando-me eu na sua frente, de livro na mão, o livro onde estava escrita a lição que devia ler ou copiar antes de poder brincar. Como não tinha, bastante força para me empurrar a mim e à cadeira, era obrigado a permanecer no canto, contorcendo-se e fazendo esgares da maneira mais grotesca e mais singular. Creio

que devia ser bastante ridículo para quem visse; eu, porém, não achava graça nenhuma. Tom, nessas alturas, soltava gritos fortes e gemidos lúgubres, mas não deitava uma lágrima, e eu sabia perfeitamente que isso tinha como único fim impacientar-me, e por essa razão, embora me sentisse tremer de raiva, esforçava-me, corajosamente, por não manifestar o mais leve indício de impaciência, e afetava esperar com calma e com indiferença que ele acabasse, para então poder ir brincar e correr no jardim, uma vez que copiara ou que lera o pouco que eu lhe tinha marcado. Algumas vezes escrevia mal propositadamente e era preciso que lhe pegasse na mão para evitar que sujasse e que estragasse o papel. Com frequência tinha de o ameaçar que, ou ele escreveria melhor, ou seria obrigado a copiar mais uma linha; e se se recusava, obstinadamente, via-me forçada, para manter o meu dito, a guiar-lhe a mão, apesar de toda a sua resistência, e levar assim a linha até ao fim.

Tom, no entanto, não era de forma alguma o mais renitente dos meus alunos.

Algumas raras vezes, tinha a alegria de o ver compreender que era mais sensato acabar a tarefa e ir depois brincar, até que eu e sua irmã fôssemos ter com ele, se é que chegávamos a ir, pois Mary Ann raras vezes seguia o exemplo do irmão nesse particular.

Parecia preferir a qualquer outro divertimento rebolar-se no chão. Atirava-se a terra com todo o peso, e, quando eu conseguia levantá-la com grande dificuldade, tinha de a ficar aguentando com uma das mãos enquanto com a outra segurava no livro onde estava a lição. Como o peso morto do corpo de uma rapariga de seis anos é demasiado para um só braço, mudava-o de um para o outro, e, quando já estava, cansadíssima do peso daquele fardo, arrastava-a para o canto, conforme podia, e dizia-lhe que só poderia sair de lá quando recuperasse o uso das pernas e se pudesse ter de pé. A maior parte das vezes preferia ficar para ali atirada, como se fosse um cepo, até à hora do jantar ou do chá, e, como não podia privá-la das refeições, via-me forçada a pô-la em liberdade, e ela lá ia com certo arzinho de triunfo na cara gorda e corada.

Quantas vezes se recusava a pronunciar determinada palavra que parecia no decorrer da lição!... E só eu sei quanto lamento o trabalho que tive para vencer semelhante obstinação. Se não tivesse feito caso e tivesse passado adiante, teria sido bem melhor para ambas as partes. Julguei ser meu dever esmagar essa tendência terrível, e creio que tinha razão; assim o tivesse conseguido. Se os meus poderes fossem menos limitados, poderia fazer-me obedecer; assim tratava-se apenas de uma comparação de forças, e era ela quase sempre quem vencia, e cada vitória servia para animá-la e fortalecê-la para combates futuros.

Em vão eu argumentava, pedia, forçava, ralhava, ameaçava; em vão a impedia de ir brincar ou de sair, em vão recusava brincar com ela e tratá-la com ternura, em vão lhe mostrava as vantagens de fazer o que lhe diziam para se tornar estimada, em vão lhe demonstrava o prejuízo que havia em insistir em tais absurdos. Nessas ocasiões, se ela me pedia qualquer coisa, eu respondia:

— Está bem, Mary Ann, farei isso, se disser o que lhe peço. Diga, vamos, e não se pensa mais em tal.

— Não digo.

— Nesse caso não lhe posso fazer a vontade.

Quando eu tinha a idade dela, o pior castigo para mim era aparentarem não fazer caso de mim, ou mostrarem-se zangados comigo. Isso a ela não fazia a menor impressão. Por vezes, já muito exasperada, eu abanava-a violentamente, ou dava um leve puxão aos seus fartos cabelos, ou mandava-a para o canto, de castigo; ela respondia-me com gritos estridentes que pareciam golpear-me o tímpano como navalhas.

Como sabia que eu detestava gritos, depois de berrar com quantas forças tinha, olhava para mim com ar satisfeito e exclamava vingativa:

— Agora estes são para si!...

E uma vez gritou tanto que tive de tapar os ouvidos e Mrs. Bloomfield veio perguntar cá acima o que estava a acontecer.

— É Mary Ann, que é uma criança muito insubordinada, minha senhora.

— Mas que significam semelhantes gritos?

— Está a gritar enfurecida.

— Nunca ouvi coisa igual. Parece que a quer matar. Por que não está ela a brincar com o irmão?

— Não consigo que acabe as suas lições.

— Mary Ann, vai ser uma menina bonita e vai acabar as lições — disse ela para a pequena com brandura. — Mas que eu não torne a ouvir estes gritos. — E fixou em mim os seus olhos frios em que se lia que não podia ter dúvidas sobre o sentido da sua frase; depois puxou a porta e foi-se embora.

Algumas vezes tentei apanhar a pequena obstinada, de surpresa, e perguntar-lhe a palavra que se recusava a pronunciar, quando a via distraída. Ia a dizê-la, mas, de repente, calava-se, com um olhar provocante, que parecia dizer: «Ora, sou muito esperta para que me apanhem assim!»

Outras vezes fingi esquecer o caso, e brinquei com ela, como se nada fosse, até à noite, e, ao metê-la na cama, quando a via toda sorrisos e bom humor, antes de me retirar, curvava-me sobre ela e dizia-lhe, com muito bom modo e com muita ternura:

— Agora a Mary Ann vai-me dizer aquilo que sabe, antes de eu lhe dar as boas-noites; é uma menina muito boazinha e vai dizer.

— Não digo, não.

— Então não lhe dou um beijo.

— Então não dê, que me importa a mim!

Debalde lhe dizia que ficava triste, e debalde esperava o mais leve sinal de arrependimento; na realidade não se importava... Deixava-a só, às escuras, sentindo-me pasmada com semelhante teimosia.

Quando eu era pequena, o castigo que mais me impressionava era minha mãe recusar-se a beijar-me, quando eu me ia deitar. Só essa ideia era insuportável para mim. Mais do que a ideia nunca experimentei, porque, felizmente, jamais cometi falta que justificasse semelhante castigo. Lembro-me de que, uma vez, minha mãe aplicou esse castigo a minha irmã, por qualquer diabrura que ela fez. O que ela sentiu não sei, mas o que nunca esquecerei foi o que chorei e o que sofri por causa dela.

Outra coisa bastante aborrecida era o costume que tinha Mary Ann de ir para a *nursery* brincar com as irmãs e as criadas.

Eu achava isso perfeitamente natural, mas era contra as ordens da mãe.

Proibi, e esforcei-me por tê-la sempre ao pé de mim. Com isto unicamente consegui que quisesse ainda mais ir para lá, e quanto mais a proibia, pior ela fazia, com grande desagrado de Mrs. Bloomfield, que deitava as culpas para cima de mim, como não podia deixar de ser.

Outro drama era vesti-la pela manhã. Umas vezes não queria que a lavasse, outras não queria que a vestisse, ou então só consentia em pôr qualquer vestido especial, que a mãe não gostava de lhe ver, outros dias gritava e fugia, quando eu queria penteá-la.

Desta maneira, quando, no fim de grande trabalho e de muita maçada, conseguia trazê-la para baixo, para almoçar, já todos estavam quase no fim, e os olhares coléricos da mamã, e as observações petulantes do papá, que, se não eram ditas diretamente para mim, me eram, no entanto, endereçadas, constituíam a minha recompensa. Poucas coisas irritavam tanto Mrs. Bloomfield como a falta de pontualidade às refeições.

Entre outros aborrecimentos menos importantes estava a minha incapacidade de satisfazer Mrs. Bloomfield quanto ao arranjo de sua filha. Nunca achava que os cabelos da pequena estivessem apresentáveis, e, às vezes, com grande ar de censura, penteava-a ela própria, queixando-se amargamente de quanto isso á incomodava.

Quando a pequena Fanny veio para o quarto de estudo, esperei que ao menos fosse sossegada e inofensiva, mas em poucos dias, talvez mesmo horas, perdi essa ilusão. Apresentou-se-me como uma criança maldosa e intratável, gostando de mentir e de intrujar. Pequenina como era, sabia manejar perfeitamente as suas armas: cuspir na cara daqueles que não sabiam agradar-lhe e gritar como um vitelo quando não lhe satisfaziam vontades absurdas.

Como geralmente na presença dos pais estava sossegada, tinham a impressão de que era muito obediente e muito boa, e as mentiras eram acreditadas, e os berros levados à conta dos maus

tratos que eu lhe dava; finalmente quando as suas más qualidades foram evidentes aos olhos parciais de seus pais, atribuíram-me a responsabilidade delas.

Mrs. Bloomfield tinha o ar de dizer ao marido: «Como Fanny se está fazendo má! Já reparou, meu amigo, como está diferente desde que foi para o quarto de estudo? Daqui a pouco está tão insuportável como os outros, e é com desgosto que devo reconhecer que têm piorado nos últimos tempos».

«Acho-lhe toda a razão», parecia ser a resposta, «tenho exatamente a mesma impressão. Pensei que melhorassem, quando lhes arranjámos uma precetora, mas estão cada vez pior. Não sei se terão aprendido alguma coisa, mas os modos são ainda mais grosseiros, e acho-os cada vez menos apresentáveis».

Sentia que era isso o que pensavam a meu respeito, e as suas insinuações feriam-me mais do que se me acusassem abertamente. Se tal fizessem poderia ao menos defender-me. Parecia-me no entanto mais sensato reprimir o meu ressentimento e prosseguir conforme pudesse, porque, por pior que fosse a minha situação, desejava conservá-la.

E se conseguisse continuar com firmeza e com integridade, as crianças sempre acabariam por melhorar um pouco. À medida que os meses decorressem ir-se-iam tornando mais ajuizadas e mais tratáveis, porque uma criança de nove anos tão frenética e tão indomável como estas eram aos seis e aos sete já seria anormal.

Consolava-me a ideia de estar ajudando meus pais e minha irmã. Por pequeno que o meu ordenado fosse, sempre era ganhar; com economia poderia juntar qualquer coisa para eles, e sentir-me-ia muito grata se aceitassem. Fora por minha vontade que viera para este lugar, estava resolvida a aguentá-lo, e não me sentia arrependida do meu passo.

Desejava mostrar à minha família que era competente para assumir este cargo e para levá-lo a bom termo, e mesmo sentindo que era humilhante submeter-me tanto e achando intolerável tudo quanto me rodeava, pensava no meu lar e dizia comigo mesma: «Podem querer esmagar-me, que não me submetem! É em vós que penso, não é neles».

Pelo Natal autorizaram-me a ir a casa, mas só me deram quinze dias de férias. Mrs. Bloomfield disse-me:

— Deixou os seus há tão pouco que não deve precisar de muito tempo para estar com eles.

De que servia tirar-lhe esse convencimento? Mal sabia ela como essas catorze semanas me tinham parecido fatigantes e compridas, com que ansiedade eu esperava pelas férias e como me senti lograda por serem tão pequenas.

Não é justo censurá-la por isso, nunca lhe tinha falado dos meus sentimentos de família, e ela não podia adivinhar. Estivera em sua casa tão pouco tempo, que era justo que não me desse umas férias muito longas.

Capítulo 4 — A Avozinha

Não quero aborrecer os meus leitores com a narrativa da grande alegria que senti ao voltar a casa, nem com a descrição da minha felicidade enquanto lá estive, gozando esse pequeno período de descanso e de liberdade no meu querido lar, entre as criaturas que me estimulavam e que eu amava com igual fervor. Não quero tão-pouco narrar a minha tristeza ao ter de dizer-lhes adeus mais uma vez.

Contudo voltei para o meu lugar com igual decisão para o trabalho — trabalho esse tão penoso que só pode ser avaliado por aqueles que já conheceram a infelicidade de ter a seu cargo, para cuidar e dirigir, uma porção de criaturas, turbulentas e rebeldes, para quem todas as observações e todos os esforços se tornam inúteis, sendo nós ao mesmo tempo responsáveis pelo seu procedimento, e não possuindo os meios de nos fazermos obedecer, pois toda a autoridade nos é negada por aqueles de quem isso depende, seja por indolência, seja por receio de desagradar às ditas criaturas.

Poucas situações haverá tão embaraçosas como aquelas em que desejamos agradar, e em que, ao mesmo tempo, nos é preciso cumprir um dever qualquer, sentindo que todos os nossos esforços estão a ser escarnecidos e inutilizados por aqueles que nos estão abaixo, e censurados e mal julgados por quem nos está superior.

E não enumerei nem metade das tendências aborrecidas dos meus alunos, nem contei metade dos incómodos que as minhas pesadíssimas responsabilidades me acarretavam, com receio de abusar demasiadamente da paciência do leitor, ainda que provavelmente isso já me tenha acontecido. Contudo o meu desejo, ao escrever as últimas páginas, não foi apenas desabafar, mas, antes, ser de alguma utilidade àqueles a quem estas coisas possam dizer respeito. Quanto aos outros a quem isto não interessa, sem dúvida já saltaram por cima e já amaldiçoaram a prolixidade do escritor. Basta-me, porém, que haja um ou outro pai que daqui

retire qualquer ensinamento, ou que alguma infeliz precetora encontre nestas páginas um pequeno benefício, para que as dê por bem empregadas.

Para evitar confusões tomei até aqui os meus alunos um por um, e discuti-lhes as qualidades e os defeitos separadamente, mas isso não pode dar a mínima ideia do que era aturar os três ao mesmo tempo, quando resolviam, e era frequente, portarem-se todos mal para «arreliar Miss Grey».

Em tais ocasiões só pensava: «Se me vissem agora!» referindo-me aos meus; e só lembrar-me de quanto me lastimariam, fazia-me ter pena de mim mesma, e era-me difícil conter as lágrimas. Tinha até então sabido sempre conter-me, até ao momento em que os meus pequenos algozes desciam, para irem assistir à sobremesa dos pais, ou para se irem deitar (únicos momentos em que me deixavam em paz), e então, gozando das delícias da solidão, dava-me ao luxo de derramar rios de lágrimas. Raramente, porém, me permitia esta fraqueza. Os meus momentos de liberdade eram muito raros e por isso muito preciosos, para que dedicasse tempo a lamentações inúteis.

Recordo-me de uma tarde, particularmente desagradável e cheia de neve, isto em janeiro, pouco tempo depois de eu regressar. As crianças tinham todas vindo de jantar, e acabavam de declarar em conjunto que «tencionavam portar-se mal». Eu já me sentia rouca, e já tinha a garganta a doer-me à força de tentar, inutilmente, metê-las na ordem. Tom já estava de castigo ao canto, com ordem de não sair de lá sem acabar a tarefa que lhe tinha marcado. Entretanto Fanny apoderara-se do meu saco de trabalho, e despejava-o, cuspiendo-lhe depois para dentro. Mandei-a estar quieta, sem nenhum resultado. Tom gritou-lhe então: «Deita-o para o lume». E ela apressou-se a obedecer. Precipitei-me para retirar o meu saco do fogo, e Tom logo correu para a porta, gritando ainda: «Mary Ann, deita a pasta dela pela janela fora». E a minha preciosa pasta, com todos os meus papéis, com todas as cartas da minha família e com todas as minhas economias e valores foi parar à varanda. Corri a apanhá-la, enquanto Tom saía do quarto, correndo pelas escadas abaixo, seguido por Fanny. Depois de apanhar a

pasta corri atrás deles e Mary Ann seguiu-me. Escaparam-se-me os três e saíram de casa, indo para o jardim enterrar-se na neve, gritando e rindo muito contentes.

Que devia fazer? Se os seguisse, não os agarraria, provavelmente, e só conseguiria levá-los até mais longe. Mas como fazê-los voltar? E que é que os pais haviam de pensar de mim, quando vissem os filhos insubordinados, a correr pela neve, em cabelo, sem luvas nem botas convenientes para tal temperatura? Quando estava assim perplexa em frente dá porta, procurando fazê-los obedecer por palavras zangadas e por olhares coléricos, ouvi atrás de mim uma voz áspera exclamar:

— Miss Grey, que quer isto dizer? Que diabo está para aí a fazer?

— Não consigo fazê-los voltar para casa — disse, virando-me e encarando com Mr. Bloomfield, e com os seus cabelos ralos e os seus olhos azuis salientes e dilatados.

— Exijo que venham para casa imediatamente! — gritou furioso, aproximando-se.

— Nesse caso tenha a bondade de os chamar, porque á mim não me querem ouvir — repliquei, voltando para dentro.

— Entrem imediatamente, miúdos descarados! — vociferou ele, e os pequenos entraram de facto. — Vê que vieram logo?

— Quando é o senhor quem os chama.

— E não estranha que, estando-lhe eles entregues, não saiba exercer melhor a sua autoridade? Agora que estão todos emporcalhados, subam essas escadas, seus indecentes! Acompanhe-os, ande, e pelo amor de Deus ponha-os apresentáveis.

A mãe de Mrs. Bloomfield estava momentaneamente lá em casa, e quando subi as escadas e passei perto da sala, tive o prazer de ouvir essa senhora dizer à nora, bastante alto: (Só consegui, no entanto, ouvir as palavras principais).

— Deus do Céu!... Nunca vi na minha vida coisa igual... mata-os com certeza... Está convencida, minha querida, de que é a pessoa mais indicada? Acredita?

Não ouvi mais, mas chegou.

Mrs. Bloomfield mãe tinha sido sempre muito simpática para comigo, e até essa ocasião julgara-a uma senhora de idade, bondosa e meiga. Vinha algumas vezes ter comigo e conversava em tom meio confidencial, meneando a cabeça e gesticulando muito, como acontece a algumas senhoras de idade. Todavia nunca conheci outra que tanto exagerasse nos gestos. Parecia-me simpática e dava-me a impressão de gostar de mim pelo esforço que me via fazer pelas crianças, e algumas vezes dizia-me, por meias palavras e por gestos, que não achava bem que a mãe dos pequenos limitasse tanto os meus poderes e não apoiasse a minha autoridade. Devo confessar que esta maneira de mostrar a sua reprovação não me agradava muito, e que, em geral, só mostrava compreender aquilo que me dizia abertamente, pelo menos nunca fiz mais do que concordar friamente em que o meu trabalho seria mais fácil se as coisas fossem postas noutro pé. Precisava, no entanto, de futuro, tornar-me ainda mais cautelosa.

Embora já tivesse percebido que a senhora tinha os seus defeitos (um dos quais era proclamar sempre as suas qualidades), sentira-me sempre pronta a desculpá-la e a acreditar nas virtudes que ela se atribuía a si mesma e que não queria que os outros ignorassem possuir. A bondade fora durante tantos anos o meu prato familiar, e via-me ultimamente tão privada dela, que acolhia sempre bem qualquer coisa que se lhe assemelhasse. Não é, pois, de estranhar que me sentisse bem quando essa senhora de idade se aproximava de mim, e que tivesse pena se a via afastar-se.

Agora, que ouvira, por infelicidade, as suas palavras, as minhas ideias a seu respeito tinham-se transformado, e considerava-a hipócrita, adúladora e mesmo uma espécie de espia dos meus ditos e dos meus atos.

Sem dúvida que eu tinha toda a vantagem em me dirigir a ela com o mesmo sorriso amável e no mesmo tom de respeito que usara até então; simplesmente não podia, embora quisesse. Os meus modos mudaram e tornei-me tão fria e tão arisca que ela não podia deixar de notar. Realmente assim foi, e também o seu modo se transformou. O cumprimento amigável que me fazia tornou-se num seco baixar de cabeça, e o gracioso sorriso, num olhar de

Medusa... A sua loquacidade recaiu toda sobre os *queridos pequeninos*, que amimou e que desculpou de forma ainda mais absurda do que a mãe.

Devo confessar que tão brusca mudança me perturbou um pouco e que tive receio das consequências do seu desagrado, chegando mesmo a esforçar-me por recuperar o terreno perdido, e conseguindo, aparentemente, maior sucesso do que esperava.

Perguntei-lhe uma vez, por mera cortesia, como ia da sua tosse, e imediatamente o seu comprido rosto se alargou num sorriso, e me favoreceu com a história pormenorizada dos seus padecimentos, seguida de uma narrativa minuciosa da sua piedosa resignação, contando tudo isto no seu estilo declamatório e habitual, que nenhum escritor saberia reproduzir:

— Há um grande remédio para todos os males, minha querida, é a resignação. — Aqui fazia um meneio com a cabeça. — Resignar-se a gente à vontade do Senhor. — Um erguer de mãos e um olhar em alvo. — Foi sempre o que me amparou nos meus desgostos, e há de ser sempre o que me há de amparar. — Vários movimentos com a cabeça. — Nem todos se podem gabar disso, mas eu posso dizer que sou uma das pessoas mais religiosas que há, Miss Grey. — Novo cumprimento de cabeça. — E graças a Deus sempre fui... e alegro-me muito com isso!

Retirou-se depois de ter dito alguns versículos deturpados e aplicados pouco a propósito, tornando-os, por isso, de tal modo ridículos, que desisto de continuar. Parecia bem disposta e satisfeita consigo própria, e tive esperança de que fosse mais pobre de espírito que maldosa.

Na sua próxima visita disse-lhe que tinha prazer em a ver com tão bom aspeto. O efeito destas minhas palavras foi notável. Em vez de tomá-las como um simples cumprimento de boa educação, sentiu-se muitíssimo lisonjeada. Todo o seu rosto se abriu num sorriso, e ficou desde então mais macia que veludo, na aparência, pelo menos.

Do que aprendera à minha custa, e do que as crianças me diziam, depreendi que bastava uma frase lisonjeira para merecer toda a sua simpatia: mas, como fazer isso por hábito era contra

todos os meus princípios, a caprichosa senhora depressa me riscou definitivamente do rol das pessoas da sua simpatia, e creio que pelas costas me fez muito mal.

Se realmente não conseguia influenciar muito a nora, porque entre ambas havia certa antipatia — evidenciada pela senhora mais velha em censuras e insinuações, e pela mais nova num excesso de frieza e cerimónia que nenhuma lisonja conseguia quebrar — em compensação junto do filho era muito mais bem sucedida.

Este ouvia tudo quanto lhe dizia, e só ela tinha o condão de acalmar o seu temperamento irritável. Tenho razões para supor que fortaleceu consideravelmente a má vontade dele para comigo. Deve ter-lhe dito que eu não fazia caso algum das crianças, que mesmo a mulher não as atendia convenientemente, e que, se ele não olhasse por elas, Deus sabe onde as coisas chegariam.

Instigado pela mãe, Mr. Bloomfield muitas vezes se dava ao trabalho de vigiar os filhos da janela, enquanto brincavam; por vezes, mesmo, seguia-os pelo jardim, e em muitíssimas ocasiões os apanhou quando se estavam salpicando com água suja do poço, falando com o cocheiro nas cavalariças, ou divertindo-se com porcarias pelo pátio, e eu, já sem forças, exausta de os repreender sem resultado, para ali ficava sem reagir. Também algumas vezes entreabriu a porta do quarto de estudo subitamente, durante a hora das refeições, encontrando os pequenos a entornar leite pela mesa e pelos vestidos, e metendo os dedos na própria tijela ou nas dos irmãos, ou ainda guerreando por causa de um bocado, como uma ninhada de tigreinhos.

Se me encontrava com ar tranquilo no meio dessa desordem, é que eu estava de acordo com semelhante despropósito; se, pelo contrário, me encontrava exaltada, como acontecia muitas vezes, elevando a voz para me fazer obedecer, achava que eu lhes estava dando um péssimo exemplo com a minha violência disparatada.

Recordo-me de uma tarde de primavera em que por causa da chuva não podíamos sair. Não sei que boa fada arranjava que todos acabassem as lições. Estavam tão bem dispostos que nem sequer ainda tinham descido a incomodar os pais, coisa que me aborrecia muito, mas que em dias de chuva geralmente não podia evitar,

porque no andar de baixo encontravam mais coisas novas que os distraíssem, especialmente se havia visitas. A mãe recomendava que os conservasse no quarto de estudo, mas nunca ralhava por irem ter com ela, nem os mandava embora.

Ora nessa tarde mostravam-se tão satisfeitos e tão quietos que era realmente maravilhoso, e mostravam-se até dispostos a brincar uns com os outros, sem exigir que estivesse e entretê-los, e sem implicarem entre si. O seu divertimento era um pouco estranho; estavam todos estatelados no chão, perto da janela, com um monte de brinquedos partidos ao lado e uma grande porção de ovos de pardal — melhor, cascas de ovos, porque o conteúdo já fora felizmente retirado. A sua brincadeira era partir essas cascas em pedacinhos muito pequenos. Para que as queriam, não fazia a menor ideia. Mas quando os via quietos e sem fazer grandes tolices, achava bem. Sentia certo bem-estar pouco vulgar, e, sentada junto ao lume, dava uns últimos pontos num vestido da boneca de Mary Ann, tencionando, quando acabasse, começar uma carta para minha mãe. Subitamente Mr. Bloomfield entrou.

— Está tudo aqui muito quieto. Que estão vocês a fazer? — perguntou.

«Hoje, ao menos, não estão fazendo nada de mal», pensei comigo.

Não foi, porém, essa a opinião do pai. Quando avançou para a janela e viu em que se estavam a entreter, exclamou muito mal disposto:

— Que diabo vem a ser isso?

— Estamos a partir cascas de ovos — disse Tom muito contente.

— Como se atrevem a fazer semelhante porcaria, seus estafermos? Não veem o estado em que põem o tapete?

O tapete era uma manta de algodão lisa e acastanhada.

— Miss Grey já viu o que eles estão a fazer?

— Vi.

— Quê? Já tinha visto?

— Já.

— Já tinha visto e estava para aí sentada sem se importar, sem lhes dizer coisa alguma?

— Não me pareceu que isso tivesse qualquer inconveniente.

— Com que então, não lhe pareceu que tivesse qualquer inconveniente? Olhe para o tapete e verá. Se se pode tolerar uma coisa destas numa casa decente? Não me admiro de que o seu quarto esteja como uma verdadeira pocilga, nem de que os seus alunos sejam verdadeiros porquinhos!... Olhe, só lhe digo que isto já excede a minha paciência. — E foi-se embora, atirando com a porta, o que fez rir os pequenos.

— Também a minha! — balbuciei, levantando-me e pegando no atizador para remexer violentamente as cinzas, acabando por atirar com ele, tentando gastar a minha irritação com o pobre do lume.

Depois desta cena, Mrs. Bloomfield passou a vigiar o quarto de estudo continuamente, para que estivesse em ordem, e como os pequenos atiravam a todo o momento para o chão com brinquedos, com paus, com pedras, com folhas e com outras porcarias, que eu não podia impedir que trouxessem do jardim, e como as criadas se recusavam a andar atrás deles a limpar, gastava eu grande parte do tempo de descanso ajoelhada no chão, arrumando e limpando.

Certo dia resolvi que não comessem a cear sem apanhar tudo quanto tinham atirado para o tapete.

Fanny apanharia certa quantidade, Mary Ann apanharia o dobro, e Tom apanharia o restante.

Caso bem raro, as pequenas fizeram o que lhes competia, mas, quando chegou a vez de Tom, este enfureceu-se de tal maneira que se precipitou sobre a mesa, espalhou o pão, entornou o leite no chão, bateu nas irmãs, entornou o carvão, tentou voltar a mesa e as cadeiras, e parecia disposto a reduzir tudo a pó. Segurei-o conforme pude, e mandei chamar a mãe por Mary Ann, conservando-o agarrado, apesar dos empurrões, dos pontapés e dos gritos, até que a mãe chegou.

— O que aconteceu ao meu filhinho? — perguntou ela. E quando se lhe explicou, tudo quanto fez foi mandar a criada dos pequenos arrumar o quarto e trazer a ceia de Mrs. Bloomfield.

— Bem vê!... — gritou Tom com a boca tão cheia que mal podia falar. — Bem vê que comi e que não apanhei coisa alguma!

Creio que à única pessoa que tinha por mim verdadeira simpatia era a ama, porque sofrera desgostos iguais aos meus, embora menos talvez, pois não tinha de ensiná-los, nem era responsável pela sua educação.

— A Miss Grey tem tantas ralações com estes meninos!...

— Lá isso tenho, Betty.

— Eu é que não me baixava como a Miss Grey. Muitas vezes lhes dei a sua bofetada e uma boa palmada, lá de tempos a tempos. Assim ou assado sempre tinha de perder o lugar.

— Perder o lugar, Betty? Ouvi realmente dizer que se ia embora.

— Pois vou. A senhora preveniu-me. Já antes do Natal me disse que me mandava embora, se eu tornasse. Mas eu não podia segurar-me. Não sei como pode conter-se. E mesmo assim, Miss Mary Ann não é tão má como as irmãs!

Capítulo 5 — O Tio

Além da senhora de idade, havia outro parente cujas visitas me apouquentavam muito. Era o tio Robson, irmão de Mrs. Bloomfield, homem alto, muito cheio de si, com cabelos escuros e tez amarelada, como a irmã, e possuidor de um nariz que parecia desdenhar de tudo e de todos, uns olhos acinzentados e pequenos, sempre semicerrados, com expressão verdadeiramente estúpida. Olhava com afetação para tudo quanto o rodeava.

Era homem forte e bem constituído, mas apertava a cintura de tal maneira, e apresentava-se com uma rigidez tão pouco natural, que bem se percebia quais eram as preocupações do seu elevado espírito.

Creio, além disso, que o seu desprezo pelo sexo fraco era tão rígido como as varas do seu espartilho. Raras vezes dava pela minha existência, mas, se o fazia, era com ar tão insolente que me convencia de que não era uma pessoa bem educada, embora tivesse a pretensão de fazer ver o contrário.

Contudo não eram estas as razões que me faziam emburrar com ele, mas, sim, o mal que a sua presença fazia aos pequenos, animando-lhes todas as tendências más, e tendo a habilidade de desfazer em poucos minutos aquilo que eu levava meses a conseguir.

Quanto a Fanny e à pequena Harriet, raramente dava por elas, mas Mary Ann era a sua favorita. Favorecia a sua tendência para a vaidade, falando-lhe continuamente na linda carinha e enchendo-lhe a cabeça de preocupações referentes ao seu bom aspeto físico, quando eu me esforçava exatamente por lhe incutir preocupações contrárias.

Encorajava exatamente o que nela havia de pior assim como no irmão ou, quando não encorajava, pelo menos achava graça. Mal as pessoas grandes sabem quanto prejudicam as crianças rindo dos seus erros e metendo a ridículo coisas que aqueles que as estimam lhes ensinaram a detestar!

Embora não fosse bêbedo, Mr. Robson ingeria habitualmente grande quantidade de álcool, tomando com gosto o seu copinho de aguardente, e ensinava o sobrinho a imitá-lo nisto, como em grande parte dos seus bons hábitos, fazendo-o acreditar que quanto mais bebesse tanto melhor, pois demonstrava assim a sua coragem e o seu espírito viril, tornando-se superior às irmãs. Mr. Bloomfield pouco poderia objetar, porque à sua bebida habitual era genebra com água, sendo a isto exatamente que eu atribuía a sua má cor e a sua irritabilidade.

Mr. Robson também acalentava a tendência de Tom para perseguir os animais, tanto na teoria, como até na prática. E como vinha muitas vezes caçar para as propriedades do cunhado, trazia consigo os cães, e tratava-os com tal brutalidade que eu, pobre como era, teria, mesmo assim, dado dinheiro para o ver mordido por um deles, contanto que o pobre animal não sofresse as consequências. Por vezes, com ar de grande complacência, ia com as crianças aos ninhos, coisa que me irritava muitíssimo, tanto mais que há muito me esforçava por lhes demonstrar como esse passatempo era cruel, e esperava, com a ajuda do tempo, incutir-lhes certos sentimentos de justiça e de humanidade. Ora dez minutos passados com Mr. Robson, ou apenas o seu riso, se lhe contavam as suas antigas barbaridades, destruíam todo o meu trabalho de longos meses.

Felizmente, durante essa primavera, só uma vez conseguiram encontrar alguma coisa mais do que ninhos vazios e ovos. Dessa vez Tom, que andara com o tio pelas vizinhanças, veio a correr, muito alegre, ter connosco ao jardim, com uma ninhada de passarinhos implumes na mão. Mary Ann e Fanny correram a admirar e pediram um passarinho para cada uma.

— Não, não dou nenhum! — gritou Tom. — São todos meus. O tio Robson deu-mos a mim... ninguém lhes toca!

Exultando, pousou o ninho no chão e colocou-se sobre ele, com uma perna para cada lado, mãos nas algibeiras e fazendo vários trejeitos, tanta era a sua satisfação.

— Vão ver o que lhes vou fazer. hei de fervê-los, palavra! Vai ser um grande divertimento para mim, este ninho.

— Tom — disse eu, muito séria — não consinto que torture esses passarinhos. Ou são imediatamente mortos, ou os vai pôr onde os tirou, para que os pais os continuem a alimentar.

— Não vou, e não lhe digo onde é. E como só eu e o tio Robson é que sabemos...

— Nesse caso serei eu mesma quem os mate, por muito que isso me custe.

— Não se atreve, não se atreve a tocar-lhes, porque sabe muito bem que o papá, a mamã e o tio Robson ficariam zangados consigo. Ah! Ah! Ah! Apanhei-a, Miss Grey.

— Se seu pai e sua mãe não aprovarem, terei grande pena; quanto às opiniões do tio Robson não me interessam; mas, seja lá como for, neste caso tenho de proceder como entendo justo...

Dizendo isto, com risco de desagradar aos patrões, apanhei uma grande pedra, e pedi ao tirano, mais uma vez, que me deixasse levar os passarinhos para o lugar donde os trouxera, perguntando-lhe também o que tencionava fazer às aves. Começou a enumerar os tormentos com uma alegria diabólica. Enquanto estava ocupado com isso, atirei a pedra para cima das vítimas, esmagando-as por completo debaixo dela.

Os gritos foram fortes e os improperios enormes. O tio Robson aproximava-se neste momento, e parara justamente para dar um pontapé num cão.

Tom precipitou-se pedindo-lhe que me desse o pontapé a mim e não a *Juno*. Mr. Robson apoiou-se à espingarda e riu da violência do sobrinho.

— És muito bem caçado! — exclamou por fim, pegando na arma e dirigindo-se para casa. “Diabo! O pequeno tem certa coragem! Realmente já não está agarrado às saias da mãe! Ah! Ah! Ah! Não te amofines, Tom, amanhã arranjo-te outros.

— É melhor não arranjar, Mr. Robson, porque terei de lhes fazer o mesmo.

— Ora! Ora!... — replicou, dando-me a honra de me fitar demoradamente, olhar que sustentei sem desviar a vista, ao contrário do que ele esperava. Retomou a sua expressão de supremo desdém, e entrou em casa.

Tom abalou a contar à mãe.

Não era hábito de Mrs. Bloomfield dizer muito sobre os diferentes casos mas, desta vez, quando a vi, mostrou-se sombria e ressentida, e depois de quaisquer observações insignificantes, entrou no assunto:

— Custou-me muito, Miss Grey, que tivesse julgado necessário intervir nos passatempos de Master Bloomfield, que ficou desolado por lhe terem morto os seus pássaros.

— Quando os passatempos consistem em fazer mal a criaturas vivas, julgo meu dever intervir — respondi.

— Não se lembra — disse ela com calma — que os animais foram criados para nosso uso...

Embora semelhante doutrina merecesse várias objeções, limitei-me a responder:

— Se assim é, não temos o direito de os atormentar para nos divertirmos.

— Creio — disse ela — que o divertimento de uma criança não pode ser comparado ao simples bem-estar de uma criatura irracional.

— É exatamente pela criança, e pela sua alma, que acho que não se deve consentir que se divirta dessa maneira — respondi o mais brandamente que pude, e, para justificar a minha insistência pouco usual, continuei: — Abençoados sejam os misericordiosos, porque eles obterão misericórdia.

— Sem dúvida, mas isso diz respeito aos nossos semelhantes.

— Deve haver misericórdia também para com os animais — aventurei-me a acrescentar.

— Parece-me que não demonstrou grande misericórdia — replicou com uma espécie de riso sardónico — esmagando os pobres animais e dando ao pequeno tamanho desgosto, por um capricho, afinal.

Julguei prudente não responder. E foi esta a conversa que mais se pareceu com uma discussão que tive com Mrs. Bloomfield, e também o maior número de palavras seguidas que trocámos.

Mr. Robson e Mrs. Bloomfield mãe não eram os únicos hóspedes cuja vinda me trazia dissabores. Todas as visitas me

incomodavam mais ou menos, não pela sua atitude em relação a mim, que era a de me ignorarem em absoluto, embora, achasse isso estranho debaixo de certos pontos de vista, mas por outra razão, porque era impossível manter os meus alunos longe delas, como gostaria. Não havia maneira. Tom tinha de falar por força, para que o escutassem, e Mary Ann tinha de fazer-se admirar. Desconheciam em absoluto o que fosse timidez ou simplesmente modéstia. Tinham de interromper as conversas das pessoas mais velhas, de maçá-las com perguntas mais ou menos importunas, de pendurar-se brutalmente na gola dos cavalheiros, de trepar-lhes para os joelhos, de passar-lhes as algibeiras em revista, ou então de puxar pelos vestidos das senhoras, estragar-lhes os penteados e pedir-lhes as joias para brincar.

Mrs. Bloomfield tinha senso bastante para achar isto aborrecido, mas não sabia, ou não queria impedi-lo. Esperava que fosse eu. Mas como podia eu, se os hóspedes eram os primeiros a desculpá-los e a lisonjeá-los para agradar aos pais? Como havia eu de impedir, eu, que trazia os meus fatos humildes de todos os dias e só lhes dizia palavras simples? Empregava todos os meus esforços para ver se conseguia qualquer coisa. Procurava entretê-los, esforçava-me por atraí-los para o pé de mim, mostrava toda a autoridade de que me atrevia a usar. Procurava evitar que atormentassem as visitas, censurando-os e tentando envergonhá-los. Tomava-se tudo inútil, porque não sabiam o que era ter vergonha; troçavam da autoridade, que realmente eu não tinha maneira de impor-lhes, e, quanto à bondade e ao carinho, ou não tinham coração, ou o tinham de tal modo endurecido e tão bem fechado, que apesar de tantos esforços ainda não pudera encontrá-lo nem abri-lo.

Contudo, as minhas provações chegaram a um fim e mais depressa do que eu esperava, ou desejava.

Numa tarde suave de maio, exatamente quando começava a alegrar-me com a aproximação das férias, e também com pequenos progressos, que, apesar de tudo, notava nos meus alunos, pois sempre conseguira meter-lhes algumas noções na cabeça, parecendo-me que estavam um nadinha mais razoáveis, Mrs.

Bloomfield mandou-me chamar, e muito calma, disse-me que a partir do S. João dispensava os meus serviços. Assegurou-me que o meu procedimento e o meu caráter, de um modo geral, tinham sido impecáveis, mas que as crianças aproveitavam tão pouco que Mr. Bloomfield e ela tinham resolvido procurar outra solução. Embora os filhos fossem crianças superiores a outras da sua idade, quanto às qualidades que demonstravam, achava-as decididamente atrasadas quanto às maneiras e à educação. Mostravam-se selvagens, de caráter pouco domado.

Atribuía isso a falta, de firmeza e perseverança da minha parte.

Apontava-me exatamente as qualidades que me prezava de possuir e com as quais esperava chegar a vencer, se me dessem tempo para isso.

Desejei dizer qualquer coisa em minha defesa, mas a voz faltou-me quando quis falar e preferi não dizer uma única palavra a mostrar a minha emoção, ou deixar cair as lágrimas que me boiavam nos olhos. Ouvi tudo, como se me reconhecesse culpada.

Assim me mandaram embora, e assim voltei para casa.

Que iria a minha família pensar de mim? Mostrara-me incapaz, apesar das minhas fanfarronadas, de conservar o lugar, por um ano que fosse, sendo preceptora de três crianças apenas, e sendo a mãe uma pessoa *muito boa*, no dizer de minha tia.

Ora, havia sido tão mal sucedida e tão pouco apreciada, receava que não me deixassem tornar a experimentar, e essa ideia incomodava-me, porque, embora me sentisse vexada, atormentada, desamparada, desiludida, e sabendo agora avaliar melhor o que valia a minha casa, não queria desistir. Tinha a certeza de que nem todos os pais eram como Mr. e Mrs. Bloomfield, nem todas as crianças iguais às suas.

Outra família seria diferente, e qualquer mudança seria, forçosamente, para melhor.

Fora infeliz, mas havia sido uma experiência, e só desejava levantar-me aos olhos dos meus, cuja opinião tinha para mim maior valor do que todas as outras opiniões juntas.

Capítulo 6 — Novamente o Presbitério

Permaneci em casa durante alguns meses, gozando as doçuras da liberdade, do descanso e da verdadeira amizade, coisas de que estivera privada tanto tempo.

Entreguei-me com entusiasmo ao estudo, para recuperar o tempo perdido, e para adquirir um pouco mais de saber, que me servisse no futuro. A saúde de meu pai era ainda precária, mas não era pior do que quando eu estivera em casa pela última vez. Sentia-me feliz por depender de mim satisfazê-lo com a minha presença e distraí-lo com as suas canções favoritas.

Ninguém se mostrou satisfeito por eu ter sido mal sucedida, nem houve ninguém que dissesse «deves fazer isto ou aquilo», mas todos se mostraram alegres por eu estar de volta e todos me trataram ainda com maior bondade, para me compensarem dos sofrimentos passados, isto sem nunca aludirem a eles. Contudo, recusaram aceitar o pouco que eu ganhara e que guardara cuidadosamente na esperança de partilhar com eles.

À custa de grandes economias estavam quase as nossas dívidas pagas. Mary tivera sorte com as suas pinturas, mas o pai também insistia em que ela guardasse o dinheiro que ganhava só para si. E aconselhava-nos a que tudo quanto pudéssemos guardar, uma vez feitas as despesas do nosso humilde vestuário, o puséssemos no Banco. Dizendo que breve teríamos de contar só connosco, pois já não lhe restava muito para viver, e «nessa altura que seria de nós e de nossa mãe?» Querido pai! Se se tivesse atormentado menos por causa das aflições que nos esperavam quando nos faltasse, estou convencida de que tão terrível acontecimento não se teria dado tão depressa.

Minha mãe evitava, sempre que podia, que ele falasse em tal assunto.

— Oh, Richard — ouvi minha mãe uma vez exclamar —, se varresses essas ideias lúgubres do teu espírito viverias tanto tempo como nós, viverias pelo menos o bastante para ver as pequenas

casadas e para te veres transformado num respeitável avô, com uma velhíssima companheira ao lado.

Meu pai riu, mas depressa esse riso desapareceu, e ele disse com tristeza:

— Casarem, elas! Sem um real! Admiro-me muito se alguém as quiser.

— Se ninguém as quiser por essa razão, tanto melhor. Tinha eu alguma coisa quando casaste comigo? E afirmas tu estar satisfeito com a tua aquisição! Que importa lá que casem ou não. Há mil maneiras honestas de viver agradavelmente. Só me admiro, Richard, que estejas a quebrar a cabeça com a nossa pobreza, uma vez que nos faltes, como se isso fosse alguma coisa, comparado com a enorme desgraça de te perdermos. Essa seria a nossa única grande aflição, e deves fazer o possível por evitá-la; não há como o espírito despreocupado para conservar a saúde do corpo.

— Sei muito bem, Alice, que não devo estar a lastimar-me. Mas que queres? Não posso impedir-me de o fazer. Tens de suportar-me assim.

— Não te suportaria assim, se te pudesse modificar — replicou minha mãe, mas a aspereza das suas palavras era compensada pela afetuosidade do tom e pelo sorriso meigo.

Meu pai sorriu novamente e o seu sorriso foi desta vez mais persistente do que costumava.

— Mamã — disse eu, logo que encontrei oportunidade —, o meu dinheiro é pouco e não pode durar sempre, se eu pudesse aumentar o meu pecúlio, sempre o papá estaria menos preocupado, ao menos por esse lado. Não sei desenhar tão bem como Mary, de modo que me parece que o melhor que tenho a fazer é procurar outra colocação.

— Estás então resolvida a tentar novamente, Agnes?

— Estou, sim, minha mãe.

— Pensava que te tivesses saciado, minha filha.

— Estou convencida de que nem toda a gente é como Mr. e Mrs. Bloomfield.

— Ainda há quem seja pior — afirmou minha mãe.

— Mas não muito pior, estou convencida — repliquei — e tenho a certeza de que nem todas as crianças são como aquelas. Nem eu nem a Mary fomos assim. Sempre fizemos o que a mãe mandou, não é verdade?

— Quase sempre, mas eu não vos estragava com mimos, e, mesmo assim, não se pode dizer que fossem anjos. Mary era no fundo obstinada e tu possuías certo mau génio. Contudo, eram crianças boas.

— Lembro-me de que às vezes amuava. Se lhe disser que até teria gostado de ver aquelas crianças amuar! Ao menos tê-las-ia entendido. Mas nada as ofendia, nada as magoava, nada as envergonhava. Nunca se sentiam, a não ser para se enfurecerem.

— A culpa não é delas. Ninguém pode esperar que a pedra seja tão maleável como o barro.

— Pois não. Mas não imagina como é desagradável viver com criaturas tão incompreensíveis e tão pouco maleáveis. Não é possível gostar delas, e, mesmo que fosse, era inútil. Esse amor não seria retribuído porque não saberiam entendê-lo nem apreciá-lo. Em todo o caso se tivesse a infelicidade de encontrar outra família assim, já teria a experiência a meu favor, e saberia conduzir-me de forma mais apropriada. Peço-lhe, mãe, deixe-me tornar a experimentar.

— Bem, minha filha, vejo que não perdes facilmente a coragem, e isso alegra-me. Mas deixa-me dizer-te que estás um pouco mais magra e bastante mais pálida do que quando saíste de casa, e não queremos que estragues a saúde a ganhar dinheiro, seja para ti, seja para os outros.

— Mary já me disse que me achava abatida, e não admira, porque estava numa agitação constante e numa grande ansiedade todo o dia. Mas estou decidida, para a próxima vez, a tomar as coisas mais friamente.

Depois de trocarmos mais algumas palavras, minha mãe acabou por prometer que me ajudava, mas com a condição de ter paciência e de esperar um pouco.

Deixei a seu cuidado falar a meu pai, o que ela fez, quando e como lhe pareceu mais a propósito. Entretanto, eu percorria com

grande interesse as colunas dos periódicos e respondia a todos os anúncios que diziam: «Precetora precisa-se». As minhas cartas e as respostas, se as havia, eram sempre mostradas a minha mãe, e ela, com grande desgosto meu, fez-me rejeitar grande número de colocações; umas por que lhe parecia tratar-se de pessoas pouco educadas, outras de pessoas muito exigentes, e ainda outras porque seria muito mal paga.

— As tuas capacidades, Agnes, não são as de qualquer pobre pequena, filha de um pastor — dizia ela — e não deves desaproveitá-las. Lembra-te de que me prometeste ter paciência. Tens na tua frente muito tempo, e não faltarão ocasiões.

Por fim aconselhou-me a que pusesse eu própria um anúncio, dizendo as minhas habilitações: «Música, canto, desenho, francês, alemão e latim». Minha mãe afirmava que não é muito vulgar encontrar tudo isto reunido e que muita gente se sentiria satisfeita em encontrar uma precetora capaz de ensinar tantas coisas. Além de que devia, desta vez, tentar fortuna em casa de gente mais bem educada.

— Tratar-te-ão com mais respeito e mais consideração do que esses novos ricos — afirmava minha mãe. — Conheci pessoas verdadeiramente bem educadas, que tratavam as suas precetoras como pessoas de família, embora tenha conhecido outras que eram insolentes e insuportáveis. Em toda a parte há bom e mau, e em todas as classes há gente bem educada, e gente que o não é.

Redigiu-se o anúncio rapidamente e mandou-se. Das duas respostas que tive, só uma se propunha pagar as cinquenta libras que minha mãe me aconselhara a pedir. Receava aceitar porque tratando-se de crianças já bastante crescidas, pensei que os pais exigissem alguém com mais prática do que eu, e com mais saber. Minha mãe dissuadiu-me de recusar por essa razão. Saberia desempenhar-me muito bem, afirmava, desde que perdesse o medo, e adquirisse maior confiança em mim própria.

Escrevi dando uma nota pormenorizada dos meus conhecimentos, pus as minhas condições, e esperei o resultado. De resto, a única condição que me atrevi a estipular foi que precisava

de dois meses de férias por ano, parte no verão, parte no Natal, para ver minha família.

A senhora que me respondeu, e que eu ainda não conhecia, não fez qualquer objeção e achou que as minhas habilitações satisfaziam. Não considerava esse o ponto essencial. Como vivia perto de O..., podia mandar vir professores que suprissem as minhas deficiências. Na sua opinião, essencial era uma moralidade impecável e um temperamento carinhoso e atento.

Minha mãe não gostou desta resposta e insistiu para que não aceitasse, e minha irmã deu-lhe toda a razão.

Desejosa de aproveitar desta vez o ensejo, consegui vencê-las a ambas, e tendo obtido o consentimento de meu pai, que já fora prevenido das tentativas anteriores, escrevi uma carta amável aos meus correspondentes desconhecidos, e finalmente tudo ficou resolvido.

Combinou-se que no último dia de janeiro entraria para o meu novo lugar, em casa da família de Mr. Murray, em Horton Lodge, perto de O..., cidade que ficava a cerca, de setenta milhas da nossa aldeia. Distância para mim formidável, pois nunca me afastara de casa mais de vinte milhas em toda a minha vida. Para mais, tratava-se de uma família que me era completamente desconhecida, e mesmo na sua vizinhança não havia ninguém que eu conhecesse. Contudo essa circunstância até dava certo atrativo à aventura que ia empreender.

Já não sentia aquele acanhamento que antes tanto me fazia sofrer.

Dava-me certa excitação agradável a ideia de ir atravessar regiões que nunca vira, e de fazer caminho entre criaturas desconhecidas. Agora, sim, ia ver mundo. A casa de Mrs. Murray era perto de uma grande cidade, que não era sequer uma dessas cidades industriais onde as criaturas só pensam em ganhar o pão de cada dia. Tanto quanto se podia avaliar pelas suas cartas, essa senhora parecia pertencer a uma categoria social mais elevada do que Mrs. Bloomfield, e devia ser por certo uma dessas pessoas bem educadas que «tratam as precetoras como se pertencessem à família». Os meus alunos, sendo todos mais crescidos, eram

forçosamente mais razoáveis e mais capazes de aprender, pelo menos, sempre seriam menos incomodativos, e, como estariam menos tempo no quarto de estudo, não exigiriam de mim aquele trabalho constante e aquela vigilância aturada.

Finalmente vieram juntar-se a estas esperanças outras que já nada tinham que ver com o trabalho de precetora.

Falo disto para que o leitor não me considere como uma mártir do dever filial, sacrificando a minha liberdade e o meu bem-estar pelos meus pais, embora o desejo de sossegar meu pai e de poder mais tarde manter minha mãe, muito contribuíssem para a minha decisão, e as cinquenta libras me parecessem uma quantia muito apreciável. Seriam indispensáveis fatos decentes e compatíveis com a minha situação, teria, ainda, de pôr de parte o necessário para a lavagem das minhas roupas e para pagar as viagens para casa, nas férias. Com atenção, mesmo nestas condições, pondo de parte umas vinte libras, ou um pouco mais para essas despesas, ficaria o restante para depositar no Banco, o que viria muito a propósito para engrossar as nossas economias. Tinha de manter esta situação, custasse o que custasse. Tanto para que os meus me jugassem capaz de preencher o lugar, como para lhes poder prestar algum auxílio, quando dele necessitassem.

Capítulo 7 — Horton Lodge

O último dia de janeiro foi tempestuoso e desagradável. Soprava um fortíssimo vento norte e a neve amontoava-se no chão, para depois ser atirada em turbilhões batidos pelo vento.

Em minha casa queriam que adiasse a partida, mas, receosa de desagradar aos meus patrões, por me mostrar logo de início pouco pontual, resolvi abalar.

Não atormentarei os meus leitores com a narrativa da disposição em que deixei á minha casa nessa escura manhã de inverno, nem com as despedidas, nem com a viagem até O..., nem tão pouco com as esperas nas estalagens até que chegasse a diligência, e nas estações até que o comboio viesse. — Já então havia alguns comboios. — Finalmente cheguei a O..., e aí encontrei o criado que fora mandado esperar-me com o carro para me trazer a Horton Lodge. A neve muito espessa tornara o caminho quase impraticável, tanto à diligência, como ao comboio, de modo que foi noite fechada muitas horas antes de chegar ao termo da minha viagem, e nessa altura desabou uma tremenda tempestade, que fez com que as poucas milhas que separavam O... de Horton Lodge se transformassem num longo trajeto muito penoso. Enquanto o carro avançava, sentia a neve fria e cortante atravessar-me o véu e encher-me o colo, sem conseguir ver nada e admirando-me que o cavalo e o cocheiro pudessem encontrar a estrada, mesmo com dificuldade e muito devagar.

Chegámos finalmente; e a um chamamento do cocheiro alguém correu o fecho e fez rolar nos gonzos ruidosos qualquer coisa que devia ser o portão do parque. Em seguida continuámos por um caminho plano, onde pude avistar no escuro grandes massas acinzentadas, que deviam ser árvores cobertas de neve. Depois de andarmos ainda bastante tempo, parámos diante da entrada imponente de uma casa grande e com várias portas envidraçadas.

Levantei-me com certa dificuldade, e sacudi a enorme quantidade de neve que se amontoara nos meus joelhos, e desci da carruagem, esperando que um acolhimento amigável e hospitaleiro me consolasse dos incómodos e dos esforços desse dia.

Um homem com aspeto de pessoa bem educada e vestido de preto, abriu a porta e fez-me penetrar numa: sala de entrada espaçosa e iluminada por um candeeiro fosco, suspenso do teto, conduzindo-me depois por um corredor até a uma porta, que abriu, dizendo ser ali o quarto de estudo. Entrei e vi duas raparigas e um rapaz, os meus alunos, segundo supus. Depois de um cumprimento cerimonioso, a rapariga mais velha, que se estava entretendo com um pedaço de talagarça e com umas lãs, perguntou se eu queria ir para cima, para o meu quarto. Respondi que sim.

— Matilda, arranja uma luz e vai mostrar-lhe o quarto — disse.

Miss Matilda era uma mocetona de uns catorze anos, com ar arrapazado, vestido curto e calcinhas. Fez uma careta, encolheu os ombros, pegou na luz e acompanhou-me pelas escadas, que eram altas e inclinadas, com dois corrimãos. Atravessámos um corredor bastante comprido e entrámos num quarto pequeno mas confortável. Perguntou-me então se queria tomar chá ou café. Ia dizer que não queria nada, quando me lembrei de que desde pela manhã não tomava coisa alguma, e me sentia bastante fraca. Respondi então que tomaria chá. A rapariga saiu do quarto dizendo que ia prevenir a «Brawn», e quando daí a pouco retirava o meu grosso casaco, o chapéu, etc., uma franzina criadinha veio dizer que as meninas mandavam perguntar se eu queria que me trouxessem o chá ou se preferia ir tomá-lo ao quarto de estudo.

Fatigada como estava, preferi tomá-lo no meu quarto. Saiu, e pouco depois voltou com um pequeno serviço de chá, colocando-o sobre a cómoda que servia de toucador. Agradei-lhe e perguntei a que horas era costume levantarem-se na casa.

— As meninas e os senhores tomam o pequeno almoço às oito e meia, minha senhora — disse ela. — Levantam-se cedo, mas é raro darem lição antes de almoçar. Creio bastar que a senhora se levante depois das sete.

Pedi-lhe que fizesse o favor de me chamar às sete. Ela disse que sim, e saiu.

Depois de quebrar o meu longo jejum com uma chávena de chá e com um pedaço, de pão com manteiga, sentei-me ao pé do fogão chamejante e dei-me ao luxo de um pequenino ataque de choro. Senti-me depois bastante mais aliviada e comecei a preparar-me para me ir deitar, depois de dizer as minhas orações.

Reparei então que a minha bagagem não tinha sido trazida para cima, e comecei à procura de uma campainha; como não encontrasse vestígios dela em nenhum canto do quarto, peguei no candeeiro e aventurei-me a atravessar o longo corredor e depois a descer as escadas em viagem de reconhecimento. A certa altura encontrei uma pessoa muito bem vestida e disse-lhe o que desejava, não sem certa hesitação, pois não tinha a certeza de estar a falar com uma das criadas particulares de Mrs. Murray, ou com a própria. Felizmente era a criada.

Com o ar de quem faz um enorme favor, consentiu em tomar conta da incumbência.

Voltei para o quarto, e esperei tanto tempo que receava que se tivessem novamente esquecido, ou que a desconhecida não se houvesse dignado dar o recado; não sabia já o que fazer, se esperar, se meter-me na cama, se descer novamente as escadas. Voltei a ter esperança, ouvindo risos e passos no corredor, e a bagagem lá foi trazida por um criado forte e por outro homem. Ambos se mostraram bem educados e respeitosos. Fechei a porta, retirei várias coisas da mala e preparei-me para repousar, satisfeita, porque estava fatigada de corpo e de espírito.

Levantei-me na manhã seguinte com certo sentimento de desolação, misturado com curiosidade por tudo quanto me rodeava, e que não conhecia ainda. Sentia-me como alguém que tivesse sido arrebatado por um génio e caísse subitamente das nuvens numa terra desconhecida e remota, completamente isolada de tudo quanto vira e conhecera até então, ou como uma semente de cardo, levada pelo vento, para uma terra que lhe não era propícia e onde iria ficar muito tempo antes de criar raiz e germinar. Mas nada disto dá ideia dos meus sentimentos. Ninguém, a menos que tenha

levado uma vida tão sedentária e tão retirada como a minha, pode avaliar como eu estava. Era como se tivesse embarcado uma noite e acordasse no dia seguinte em Port-Nelson ou na Nova-Zelândia, com as águas a separarem-me de quanto conhecia.

Nunca me esquecerei do que senti quando levantei os olhos para o desconhecido e olhei pelos vidros da janela.

Um deserto largo e grande, foi tudo quanto vi, até onde a vista podia alcançar. Uma vastidão de «desertos enterrados em neve, e de matagais soterrados».

Desci ao quarto de estudo sem grande interesse de encontrar os meus alunos, embora, com certa curiosidade por aquilo que um conhecimento mais completo das suas personalidades me iria revelar.

Decidira, entre outras coisas de somenos importância, que lhes chamaria Miss e Master.

Sempre me parecera confrangedor e pouco natural esse tratamento dado a crianças pela sua própria precetora, a sua companheira de todos os dias, especialmente se as crianças eram pequenas como acontecia em Wellwood. Contudo, mesmo nesse caso, o tê-los tratado simplesmente pelo nome fora considerado pelos pais como uma liberdade ofensiva, e davam-se sempre ao trabalho de os designar por Master e Miss, ao falar comigo. Tinha levado muito tempo a compreender, tão absurdo me parecera. Desta feita, porém, resolvia ser mais razoável e começaria desde já com tal formalismo e com tanta cerimónia que toda a família ficaria contente. Realmente, sendo os pequenos mais velhos, como eram, tornava-se mais fácil, embora essas palavrinhas tão simples tivessem o condão de impedir qualquer familiaridade e qualquer franqueza, e de extinguir a cordialidade que devia existir entre nós.

Não quero importunar o leitor com todos os meus aborrecimentos, nem o vou maçar com a narrativa pormenorizada de todas as descobertas que fiz e de tudo quanto se passou nesse dia e nos seguintes. Basta uma rápida vista de olhos sobre os diferentes membros da família, e sobre os primeiros dias que lá passei.

Para começar pelo dono da casa, direi que Mr. Murray era, a todos os respeitos, um fidalgo de província, arrogante e animado, gostando da caça à raposa, hábil cavaleiro e tratador de cavalos, lavrador prático e ativo, verdadeiramente um *bom vivant*.

Posso dizer que, exceto aos domingos, em que ele ia sempre à igreja, durante meses e meses não o via, a não ser que, ao atravessar a sala de entrada, ou ao passear pela propriedade, me cruzasse com esse homem alto e forte, de faces coradas e nariz vermelho. Em tais ocasiões, se passava bastante perto para poder falar, fazia-me um cumprimento pouco cerimonioso acompanhado de uma frase condescendente, «viva Miss Grey», ou coisa semelhante. Ouvia-o muitas vezes rir, ao longe, ou zangar-se e ralhar com os criados, com os cocheiros, ou com outro qualquer serviçal.

Mrs. Murray era uma senhora bonita e elegante, de cerca de quarenta anos, que não precisava de carregar no pó de arroz para ter encantos e para quem a felicidade suprema parecia ser frequentar muitas festas e andar vestida à última moda. No dia seguinte ao da minha chegada, quando me mimoseou com a sua visita, era perto de meio-dia, e fê-lo como minha mãe teria feito, indo até à cozinha ver a nova criada. Não, minha mãe iria vê-la logo que chegasse, não teria esperado pelo dia seguinte, e teria encontrado, com certeza, para se lhe dirigir, um tom mais amigável e mais bondoso e algumas palavras de boas vindas, explicando-lhe ao mesmo tempo as suas obrigações. Mrs. Murray não encontrou uma coisa, nem se importou com a outra. Entrou no quarto de estudo, quando regressava da copa, depois de dar as ordens para o jantar, deu os bons dias, aqueceu-se durante uns minutos, disse duas palavras acerca do mau tempo que eu tivera para a viagem, fez uma festa na cabeça do filho mais novo — um pequeno de dez anos — que acabava de limpar a boca e as mãos ao bibe, depois de ter petiscado qualquer guloseima trazida da copa, disse-me que ele era um pequeno muito meigo e muito bom, e partiu com um sorriso de grande satisfação íntima, convencida, sem dúvida, de que fizera mais do que o necessário e de que tinha sido muitíssimo

condescendente. Os filhos pareciam ser da mesma opinião, e só eu não estava inteiramente de acordo.

Mais tarde veio ter comigo uma ou duas vezes, durante a ausência dos pequenos, para me elucidar quanto às minhas obrigações para com eles.

Quanto às raparigas, parecia unicamente desejosa de as tornar o mais superficiais e o mais atraentes que fosse possível; ao mesmo tempo vistosas e distintas, sem lhes pedir para isso grande esforço, nem as importunar. Devia, portanto, atuar em conformidade, estudando-lhes os feitios, e esforçando-me por entretê-las e por tornar-me simpática: procurar instruir, educar e polir com o menor esforço para elas, e sem exercer qualquer espécie de autoridade. Com os rapazes devia proceder quase da mesma maneira, simplesmente devia insistir um pouco mais no latim e meter-lhes na cabeça um bocado de gramática. Conseguir bons resultados, mas sem os incomodar muito. John era muito corajoso e Charles, talvez um pouco nervoso, aborrecia-se facilmente.

— Mas o que lhe peço, Miss Grey, é que não se exalte, que seja tema, paciente, especialmente com esse querido Charles, que é muito nervoso e muito suscetível, e que está tão pouco habituado a não ser tratado com meiguice. Desculpe que lhe recomende estas coisas, mas realmente é uma qualidade que falta quase sempre às precetoras, mesmo às melhores. Faz-lhes falta aquele espírito de afabilidade de que fala S. Mateus, ou outro santo, quando diz que a afabilidade vale mais do que os melhores ornamentos do espírito... Conhece á passagem a que aludo... sei que é filha de um sacerdote. Mas estou certa de que nos vai agradar nesse ponto, como em todos os outros. E quando algum dos pequenos se portar menos bem, se a persuasão carinhosa não chegar, deixe que um dos outros me venha dizer, porque eu lhe falarei com aquela, rispidez que não conviria que Miss Grey empregasse. Faça com que gostem de si, Miss Grey, e estou certa de que tudo correrá muito bem.

Observei que, embora Mrs. Murray se mostrasse muito solícita do bem-estar dos filhos, não pensava um momento no meu próprio bem-estar, embora eles estivessem em sua casa, rodeados de

amigos, e eu estivesse em casa alheia e entre pessoas estranhas. Nessa altura ainda não conhecia bastante o mundo para não estranhar estas anomalias...

Miss Murray chamava-se Rosalie, tinha cerca de dezasseis anos, quando eu cheguei, e era decididamente bonita rapariga. Dois anos mais tarde, quando já estava completamente desenvolvida, com formas graciosas e arredondadas, tornou-se mesmo de uma beleza nada vulgar. Era alta e esbelta, embora não fosse magra, elegante, com feições delicadas, ao mesmo tempo fresca, sadia e vistosa. O cabelo, que penteava em muitos cachos, era castanho claro, quase louro, os olhos azuis claros, mas tão brilhantes e tão vivos que não precisavam de ser mais escuros.

As outras feições eram delicadas e, se não completamente regulares, eram, pelo menos, muito graciosas. Ninguém podia hesitar em achá-la bonita rapariga. Gostaria de poder dizer do seu espírito o que digo das suas formas e das suas feições.

Não tenho, no entanto, muito mal a dizer. Era briosa, ativa, e sabia ser muito simpática para quem a não contrariava. Quando cheguei, mostrou-se fria e altiva, senão insolente e despótica, mas, depois de nos conhecermos melhor, pôs de parte esses ares, e, no fim de algum tempo, chegou a ser minha amiga, tão amiga quanto era possível, a uma rapariga como ela, ser amiga de uma pessoa como eu, com o meu feitio e a minha posição. Raras vezes esquecia por mais de meia hora que eu era a filha de um humilde pastor de aldeia. E, contudo, estou convencida de que, no fundo, tinha por mim mais respeito do que a si própria confessava, exatamente por ser eu a única pessoa naquela casa que defendia com firmeza pontos de vista sãos, que falava habitualmente verdade e que respeitava certas coisas... Evidentemente que não. digo isto para me gabar, digo-o simplesmente para falar do infeliz ambiente em que vivia aquela família e aqueles que a rodeavam.

Esta falta de princípios não me afligia tanto nos outros membros da família, como em Miss Murray. Não só porque sentia que ela simpatizava comigo, mas porque havia nela tantas coisas simpáticas, e tanta afabilidade, que, a despeito dos seus vários defeitos, eu era amiga dela. Desejava ardentemente convencer-me

de que as suas más qualidades eram antes produto da educação e do meio, do que defeitos de caráter. Ninguém a ensinara a distinguir claramente o bem do mal. Desde a infância que tanto ela como os irmãos se tinham habituado a tyrannizar as precetoras, as governantas e as criadas... Ninguém a tinha habituado a saber moderar os seus desejos, a dominar o seu mau génio, e a limitar as suas vontades, sacrificando por amor dos outros os seus próprios prazeres.

Como era boa por natureza, nunca se mostrava violenta nem áspera, mas em virtude da indulgência constante a que estava habituada, e do desprezo do que era razoável, mostrava-se muitas vezes cabeçuda e caprichosa. Ninguém cultivara o seu espírito, e se a sua inteligência era um pouco superficial, possuía, no entanto, grande vivacidade, rapidez de compreensão, algum talento musical e facilidade para as línguas. Até aos quinze anos não se dera ao trabalho de aprender coisa alguma. Nessa idade a vaidade fê-la puxar pelas faculdades, e levou-a a aplicar-se, mas só nas coisas que faziam vista e se podiam mostrar. Depois que cheguei, continuou na mesma. Não se interessava por mais nada senão por francês, alemão, música, canto, labores e desenho — aquele desenho que se pode fazer sem grande esforço, mas dá na vista, e que em grande parte era executado por mim. Para o canto e para a música, além da minha ajuda, tinha os melhores professores da região, e essas duas prendas e a dança conseguiu aprendê-las bem, sem dúvida nenhuma. À música dedicava muito tempo, tempo de mais, e, apesar de precetora, várias vezes lho fiz notar. A mãe, contudo, como ela gostava, achou que nunca era de mais dedicar-se a uma arte tão agradável.

Quanto aos labores, eu só sabia aquilo que via á minha aluna fazer, ou aquilo que aprendera à minha própria custa, mas logo que me pressentiu iniciada utilizou-me de todas as maneiras possíveis. Era eu quem esticava o bastidor, quem cosia a tela, quem matizava as lãs e as sedas, quem enchia os fundos e retificava os enganos, e finalmente quem acabava as peças de que ela já estava aborrecida.

Aos dezasseis anos, Miss Murray era já um tanto desenvolta, mas não mais do que seria natural numa rapariga da sua idade; aos

dezassete, porém, essa tendência, como muitas outras, começara a desenvolver-se e mostrou-se desejosa de agradar e de atrair o sexo contrário. Mas já falei bastante dela. Voltemo-nos agora para a irmã.

Miss Matilda Murray era uma ignorante de quem pouco há a dizer. Era cerca de dois anos e meio mais nova do que a irmã. Tinha feições menos delicadas e constituição mais espessa. Talvez viesse a ser uma linda mulher, mas era grande de mais e bastante desastrada para ser rapariga bonita; nessa altura cuidava muito pouco de si.

Rosalie conhecia os seus próprios encantos, considerando-os maiores do que eram na realidade, e atribuindo-lhes mais valor do que seria razoável. Matilda tinha-se em boa conta, mas pouco pensava nisso, e ainda pensava menos em cultivar o espírito ou em adquirir algumas prendas. A maneira como aprendia as lições ou estudava música, desesperaria qualquer precetora. Por mais curtas e mais fáceis que fossem as suas tarefas, se as fazia, atrapalhava-as de todas as maneiras, e executava-as nos momentos menos oportunos e proveitosos para ela, e menos satisfatórios para mim. A curta meia hora em que estudava era tormentosa. Respondia-me mal, porque a interrompia com correções, ou porque não a emendava antes de se ter enganado, ou por qualquer tolice no género. Uma vez ou duas me aventurei a censurar-lhe seriamente o seu proceder, mas de ambas as vezes recebi da mãe palavras tão repreensivas, que me convenci de que, se queria conservar o meu lugar, devia deixar que Matilda seguisse o seu caminho.

Geralmente quando as lições acabavam, o mau humor acabava também, e quando ela montava a cavalo, quando corria atrás dos cães, ou com os irmãos, especialmente com o seu querido John, era alegre como uma cotovia. Considerada como um animalzinho, Matilda era sã, cheia de vida, vigorosa e ativa; como ser pensante, era muitíssimo ignorante, pouco dócil, descuidada e incapaz de raciocínio, por conseguinte, desanimadora para quem, como eu, tinha, a obrigação de lhe cultivar as maneiras e a inteligência, e ainda de ensinar-lhe algumas prendas, que, ao contrário da irmã, lhe interessavam tão pouco como tudo mais.

A mãe reconhecia as suas deficiências e deu-me vários conselhos acerca da maneira como eu devia tentar transformar-lhe os gostos e cultivar-lhe a vaidade latente. Precisava, na sua opinião, de insinuar hábeis lisonjas, que lhe chamassem a atenção sobre o ponto desejado — o que evidentemente eu não queria fazer — e devia aplanar e adoçar de tal maneira o caminho dos estudos que ela deslizesse por ele sem dar por isso, o que me era absolutamente impossível, porque não se pode ensinar coisa alguma sem qualquer esforço da própria pessoa que aprende.

Quanto a qualidades morais, Matilda era negligente, cabeçuda, violenta, e impossível de levar por persuasão. Uma prova do seu deplorável temperamento, era o seguinte: conforme o exemplo do pai, aprendera a praguejar como um soldado de cavalaria. A mãe sentia-se muito com esse «hábito tão pouco feminino» e perguntava «onde o teria ela adquirido».

— Contudo, pode corrigi-la facilmente, Miss Grey — dizia-me —, trata-se apenas de um mau hábito, e se lhe chamar a atenção, com certo carinho, de cada vez que ela se esquecer, tenho a certeza de que se emendará rapidamente.

Não só lhe chamei a atenção carinhosamente, como lhe fiz notar quanto esse hábito era desagradável e quanto incomodava os ouvidos das pessoas bem educadas. Tudo foi vão.

Só conseguia ouvir uma gargalhada ou um: «Oh, como ficou chocada, Miss Grey!» ou ainda «Não me posso impedir, o papá que me não ensinasse. Aprendi com ele, e também um pouco com o cocheiro».

Seu irmão John, aliás Mr. Murray, tinha aproximadamente onze anos, quando cheguei. Era rapaz bonito, forte, saudável, franco, e devia ser bom por natureza, seria mesmo um pequeno muito decente se tivesse sido convenientemente educado, assim era selvagem como um urso, turbulento, insubordinado, e difícil de educar — pelo menos para mim, que estava sempre sob a influência da mãe. Os professores, na escola, podiam facilmente conseguir mais do que eu. Realmente mandaram-no para uma escola, no decorrer do ano, com grande alívio meu. Ia em estado verdadeiramente vergonhoso quanto a conhecimentos de latim ou

quaisquer outros, quer se tratasse das disciplinas mais importantes quer das mais insignificantes. Sem dúvida que as culpas me foram atiradas para cima das costas; que devem ter dito que eu me propusera «ensinar coisas para que não era competente».

Do irmão só me vi livre quase um ano depois, quando foi despachado para a mesma escola, no mesmo vergonhoso estado de ignorância. Master Charles era o preferido da mãe. Era mais novo do que John pouco mais de um ano, mas era muito mais pequeno, mais pálido, menos ativo e menos robusto. Mostrava-se caprichoso, egoísta, cobarde e impertinente. Só tinha atividade para fazer maldades, e imaginação para inventar mentiras. Mentia não só para encobrir as suas faltas, mas por vezes também sem necessidade alguma e só para comprometer os outros. Master Charles foi para mim causa de grandes dissabores. Era precisa muita paciência para viver com ele em paz, para o vigiar e para tentar ensinar-lhe qualquer coisa. Com dez anos não sabia ler corretamente uma linha de um livro, por mais fácil que fosse, e como, segundo a teoria de sua mãe, se lhe devia ensinar a palavra antes que tivesse tido tempo de hesitar ou de examinar a ortografia, e como não havia licença para lhe dizer que os rapazes da sua idade estavam mais adiantados, não admira que progredisse pouco durante os dois anos que tive a sua educação a meu cargo.

As suas minúsculas lições de latim, de gramática, etc., deviam ser-lhe repetidas, até que dissesse que já sabia, e nessa altura era preciso ajudá-lo a dizer. Se se enganava nas suas pequenas contas de somar, devia-se emendar logo e somar por ele, em vez de o deixar exercitar as suas faculdades e procurar por si. Desta maneira não é de estranhar que não se desse ao trabalho de evitar os erros, e que muitas vezes escrevesse números absolutamente ao acaso.

Devo dizer que nem sempre me mantive dentro desta norma, que era absolutamente contra a minha consciência. Contudo, raras vezes deixei de incorrer na cólera de Mrs. Murray, por essa razão, porque o pequeno ia sempre contar à mãe tudo, muito acrescentado com enfeites de sua invenção. Várias vezes estive prestes a ter de abandonar o meu lugar.

Em atenção àqueles que tinha em casa, esquecia o meu orgulho, esmagava a minha indignação, e procurava aguentar até que o meu pequeno algoz fosse mandado para a escola, o que se fez depois de o pai declarar que a educação doméstica não dava resultado, porque a mãe o estragava com mimos e a precetora não tinha mão nele.

Com mais algumas poucas observações sobre Horton Lodge e os seus arredores, dou por terminada a minha descrição, momentaneamente. A casa tinha muito carácter. Era superior à de Mr. Bloomfield tanto em antiguidade, como em tamanho, e em luxo. O jardim não estava tratado com tanto gosto, mas em lugar da relva muito bem aparada, das árvores novas apoiadas em estacas, da alameda de álamos e da plantação de abetos, este era um velho parque muito amplo, cheio de veados, e com velhas árvores de rara beleza. Os campos à volta também eram agradáveis, férteis, cheios de árvores que se cobriam de flores na primavera, com relvados e sebes carregadas de flores silvestres; simplesmente tudo isto parecia terrivelmente plano a uma pessoa como eu, habituada às montanhas da região de..., onde tinha nascido.

Estávamos a cerca de duas milhas da igreja da povoação, e, por conseguinte, a carruagem familiar esperava por todos nós ao domingo pela manhã, e por vezes ainda noutras ocasiões. Mr. e Mrs. Murray achavam em geral suficiente mostrar-se nos ofícios da manhã; mas as crianças algumas vezes gostavam de ir uma segunda vez para vaguear pelos campos.

Se algum dos meus alunos queria ir a pé, e desejava que o acompanhasse, era ótimo para mim, porque, de outra maneira, iria esborrachada na carruagem, no canto mais afastado da única janela aberta, e de costas para os cavalos, posição que quase sempre me fazia enjoar, e, se podia às vezes impedir-me de abandonar a igreja a meio da cerimónia, em todo o caso as minhas devoções eram muito perturbadas pela sensação de enjoo e pelo terror de piorar, e ficava-me sempre uma forte dor de cabeça, que me acompanhava o dia inteiro. Sem isso seria um dia de repouso muito apreciável e de alegria calma.

— É extraordinário que a carruagem a faça sempre enjoar, Miss Grey, eu nunca enjoar — dizia-me Matilda.

— Nem eu — replicava a irmã — mas creio que enjoaria se fosse sentada no lugar dela. É um lugar horrível. Miss Grey, não sei como pode ir aí...

«Não tenho outro remédio, visto que me não dão a escolher», devia ter respondido, mas, em atenção a elas, disse apenas:

— Oh! É tão perto, que, a não ser quando depois estou muito agoniada na igreja, não me importo.

Se quiser descrever a maneira como os dias decorriam, ver-me-ei em sérias dificuldades. Tomava todas as minhas refeições no quarto de estudo com os meus alunos, e às horas em que lhes dava na real gana.

Por vezes pediam o jantar muito antes que pudesse estar pronto, outras vezes deixavam-no estar na mesa quase uma hora, e ficavam furiosos por encontrar as batatas frias e o molho da carne coberto de pedacinhos de gordura já branca de coalhada, algumas vezes queriam o chá às quatro horas, frequentemente descompunham as criadas porque o não serviam às cinco em ponto, e se essa ordem era cumprida, como encorajamento a que fossem pontuais deixavam-no esperar até às sete ou até às oito.

As horas de estudo eram determinadas mais ou menos da mesma maneira. Não eram levados em conta nem o meu critério nem qualquer outra espécie de conveniência. Às vezes Matilda e John resolviam acabar com as maçadas antes do almoço, e mandavam a criada chamar-me às cinco horas da manhã sem o menor escrúpulo nem a menor consideração, outras vezes diziam-me para estar pronta às seis em ponto, e, tendo-me vestido a correr, achava o quarto de estudo vazio e depois de esperar muito tempo chegava à conclusão de que tinham mudado de resolução, e de que se conservavam ainda na cama, ou, se acontecia estar uma linda manhã, Brown acabava por vir dizer-me que os meninos tinham achado melhor não dar lições nesse dia e haviam saído todos. Nesses casos ficava-me à espera do almoço até estar quase a cair de fraqueza, porque eles tinham tomado qualquer coisa antes de sair.

Em certas ocasiões queriam dar lição ao ar livre. Eu acharia muito bem, se isso algumas vezes não me fizesse constipar, por me haverem sentado sobre a relva húmida, ou coisa no género, que para eles parecia inofensiva. Que fossem muitíssimo resistentes estava bem, mas podiam mostrar alguma consideração pelos outros. Não devo no entanto querer-lhes mal por estás e por outras razões, de que eu afinal também era culpada, pois nunca pus a menor objeção a sentar-me fosse lá onde fosse, preferindo, insensatamente, sofrer as consequências a contrariá-los por conveniência minha. A maneira desordenada como davam as lições era quase tão notável como a escolha dos lugares e dos momentos. Enquanto recebiam as lições ou repetiam as coisas aprendidas, estavam, por exemplo, deitados num tapete, estirados num sofá, espreguiçando-se, bocejando, falando uns com os outros ou à janela, ao passo que eu não podia espreitar o lume nem levantar o lenço, se me caísse, sem acharem que estava desatenta, ou sem que um ou outro me dissesse que «a mamã não gostava de me ver tão despreocupada».

As criadas, sentindo a precetora tratada pelos pais e pelos filhos com tão pouca atenção, regulavam a bitola pelo modelo.

Muitas vezes fui a favor delas — com risco de desgostos para mim — e esforcei-me sempre por lhes dar o menor trabalho que me era possível, mas não queriam saber do que me era preciso, não se importavam com os meus pedidos, e desprezavam as minhas sugestões. Nem todas as criadas teriam procedido assim, estou convencida, mas as serviçais, em geral, são ignorantes e estão pouco acostumadas a refletir, sendo por isso facilmente corrompidas pelo exemplo de quem lhes está acima. E neste caso os exemplos não eram dos melhores.

Algumas vezes me senti diminuída com a vida que levava, e envergonhada por me submeter a tais humilhações, mas pensava, melhor e acabava sempre por julgar-me insensata em ligar importância a estas coisas, e receava até não possuir bastante humildade cristã. «Sofre muito e sê bom. Não te importes contigo, não te encolerizes, suporta todas as aflições».

Com o decorrer do tempo, e à força de muita paciência, as coisas melhoraram um pouco, devagarinho, é verdade, quase impercetivelmente. Livrei-me dos alunos, o que já não foi pequena vantagem, e, quanto às raparigas, quando nos conhecemos melhor tornaram-se menos insolentes, pelo menos uma delas, e começou mesmo a demonstrar-me certa estima.

— Miss Grey era uma criatura estranha, que nunca as lisonjeava nem as gabava, mas se as aprovava podiam ter a certeza de que era sincera. Era serviçal, tranquila, e em geral pacífica; havia, porém, certas coisas que a punham fora de si. Isso não tinha grande importância, mas era mais agradável, se estava bem disposta. Nessas ocasiões conversava com elas e mostrava-se simpática e às vezes engraçada. A sua maneira de ser era absolutamente diferente da mamã, mas não era mau, para variar. Tinha opiniões próprias sobre os assuntos conservava-as com firmeza (às vezes eram opiniões bastante fatigantes). Estava sempre preocupada com o bem e com o mal, e tinha um respeito exagerado por tudo quanto fosse religião, e uma preferência inexplicável pelas pessoas boas.

Capítulo 8 — Entrada na Sociedade

Aos dezoito anos Miss Murray devia sair da tranquila obscuridade do quarto de estudo e ingressar nos esplendores do mundo elegante — pelo menos tanto quanto isso era possível fora de Londres, porque não persuadiam o pai a deixar os seus prazeres campestres e as suas caçadas, mesmo que fosse por poucas semanas.

Miss Murray devia fazer a sua estreia no dia três de janeiro, num magnífico baile que sua mãe se propunha oferecer a todos os fidalgos e a todas as pessoas distintas das vinte milhas mais próximas e de O...

Como era natural, Miss Murray esperava esse dia com a maior impaciência e com as melhores esperanças de divertir-se imenso.

— Miss Grey — disse-me ela, uma tarde, cerca de um mês antes do dia memorável, exatamente quando eu estava lendo uma longa carta, cheia de interesse, que recebera de minha casa, e que lera pela manhã muito de raspão, unicamente para ver se não trazia más notícias. — Miss Grey, ponha de parte essa carta tão aborrecida e ouça-me, tenho a certeza, de que a minha conversa é mais divertida.

Sentou-se numa cadeirinha baixa, a meus pés, e eu, reprimindo um gesto de impaciência, comecei a dobrar a carta.

— Precisa de mandar dizer às pessoas da sua casa que não a massacrem com cartas desse tamanho, e além disso que lhe escrevam em folhas de papel de carta e não em folhas de papel tão ordinário. Precisa de ver os bilhetinhos encantadores que a mamã escreve às amigas.

— As pessoas lá de casa — repliquei — sabem muito bem que quanto maiores forem as cartas, mais eu as aprecio. Ficaria muito triste se recebesse delas bilhetinhos, e considero-a, Miss Murray, bastante educada para que venha falar do papel ordinário.

— Só falei dele para a arreliar. Mas preciso de conversar realmente sobre o baile, e quero dizer-lhe que tem de desistir de

ter férias daqui até lá.

— Porquê, se não assisto ao baile?

— Pois não, mas precisa de ver as salas arranjadas antes do baile principiar, e tem de ouvir a música, e principalmente tem de me ver com o meu magnífico vestido novo. Vou ficar tão imponente que lhe há de apetecer dar-me excelência. Precisa de estar cá.

— Gostava muito de estar, mas espero mais oportunidades de a ver tão bonita como dessa vez, quando for aos numerosos bailes e às festas que há de ter, e agora não quero desgostar a minha família, adiando a minha ida.

— Não queira saber da sua família. Diga-lhe que não a deixamos ir.

— Para lhe falar com franqueza, ficava eu própria desgostosa. Tenho tanta vontade de os ver como eles a mim, senão mais.

— Ora! Mas é por tão pouco tempo.

— Quase quinze dias mais. Além disso não suporto a ideia de passar o Natal longe de casa, e então agora, que minha irmã vai casar.

— Vai casar? Quando?

— Não casa antes do mês que vem, mas quero estar lá para ajudar nos preparativos e para gozar o mais possível da sua companhia enquanto está em casa.

— Por que é que ainda não me tinha dito nada?

— Só por esta carta é que soube, exatamente por está carta que me não deixou acabar de ler.

— E com quem casa?

— Com Mr. Richardson, o pastor da paróquia vizinha.

— É rico?

— Creio que tem alguma coisa.

— É ao menos bonito?

— Não. É apresentável.

— E novo?

— Também não. É um homem de meia, idade.

— Santo Deus! Que infelicidade!... E a casa dele como é?

— É uma casinha de pastor, com um alpendre coberto de hera e um jardim antiquado.

— Basta! Basta! Está a fazer-me mal. Como o pode ela suportar?

— Espero que não só o suporte, mas que venha até a ser muito feliz. Não me perguntou se Mr. Richardson era bondoso, se era sensato, se era atencioso, porque, então, ter-lhe-ia respondido que sim. Pelo menos, Mary assim o julga, e espero que não se engane.

— Mas pobre criatura, como pode ela conformar-se em passar assim o resto da vida, amarrada a um homem já velho, e sem esperança de vir a mudar?

— Ainda não é velho, tem apenas trinta e cinco anos, e ela já tem vinte e oito, e é tão sossegada como se tivesse cinquenta.

— Nesse caso está melhor. Mas como o tratam? Por Reverendo Vigário?

— Não sei se o tratam assim, mas merece bem esse título.

— Santo Deus! Isso é muito ridículo! E ela há de ter de pôr um avental branco e ir para a cozinha fazer bolos e pudins.

— Lá se põe um avental branco, não sei, mas, quanto aos pudins, já agora os faz e terá de continuar a fazê-los. Não é nenhum mal, porque já está habituada.

— E há de ter de sair embrulhada num grande xaile e com um chapéu de palha, e levar consolações e mantimentos aos pobres lá da paróquia.

— Não lhe posso responder quanto aos pormenores, mas tenho a certeza de que fará o possível para confortar de corpo e alma àqueles que disso necessitem, seguindo nisso o exemplo da mãe.

Capítulo 9 — O Baile

— Agora, Miss Grey — exclamou Rosalie, assim que entrei no quarto de estudo, depois de ter mudado de fato quando do regresso das minhas quatro semanas de férias. — Agora sente-se, que lhe quero contar como correu o baile.

— Não, agora não — gritou Matilda. — Cala-te e deixa-me falar da minha poldra nova. É tão bonita, Miss Grey! Uma poldra puro-sangue...

— Cala-te, Matilda, e deixa-me falar primeiro.

— Não, Rosalie, não. Nunca mais acabas. Ela tem de me ouvir primeiro a mim. Diabos me levem, se assim não for!

— Tenho pena de verificar, Miss Matilda, que ainda não perdeu certo mau hábito.

— Custa-me muito evitá-lo, mas nunca mais digo uma palavra feia se me ouvir primeiro, e mandar calar Rosalie.

Rosalie respondeu e pensei que acabariam por me fazer em pedaços, mas, como Miss Matilda tinha a voz mais forte que a irmã, conseguiu contar-me primeiro a sua história. Tive de ouvir uma longa narrativa acerca da poldra, da sua genealogia, da maneira como a tratavam, etc. Falou-me ainda da sua admirável coragem a montar, terminando por dizer que já sabia atirar, e que o papá já declarara que a levaria à caça para a próxima vez e que a mamã até já lhe mandara fazer um casaquinho escarlata.

— Oh, Matilda — exclamou a irmã —, que estás para aí a inventar?

— Ora! — respondeu ela. — Sei muito bem que sou capaz de atirar, se experimentar. O papá leva-me à caça quando eu lhe disser, e a mamã manda-me fazer um casaquinho encarnado quando eu lhe pedir.

— Bem, agora vai-te embora — replicou Miss Murray — e faz-me um favor, minha querida Matilda, procura ser um pouco mais senhoril. Miss Grey, gostava que lhe recomendasse que não usasse palavras tão grosseiras. Chama poldra ao cavalo e usa tais

expressões, ao descrevê-lo, que, com certeza, foram aprendidas com os criados. Quase me sinto mal ao ouvi-la.

— Aprendi-as com o papá, grande burra, e com os seus amigos! — retorquiu a rapariguinha fazendo estalar fortemente o chicote que habitualmente trazia na mão. — Já percebo tanto de cavalos como eles.

— Então vai-te embora, minha malcriada. E agora ouça-me, Miss Grey, vou contar-lhe como foi o baile. Deve estar mortinha por ouvir, bem sei. Oh, que baile!... Nunca na sua vida viu, nem ouviu falar, nem sonhou coisa que se pareça com isto. As decorações, a ceia, as diversões, a música... Era indiscreto! E os hóspedes!... Havia fidalgos, baronetes, e mesmo cinco titulares, além de inúmeros cavalheiros mais. As senhoras só me interessaram para poder comparar-me com elas, e sentia-me bem ao ver quanto, a maior parte, eram feias e desengraçadas. E mesmo as mais bonitas, segundo me disse a mamã, as mais perfeitas, ficavam a perder de vista ao pé de mim. Tenho pena que me não visse, Miss Grey, estava um verdadeiro encanto, não é verdade, Matilda?

— Assim, assim.

— Estava, realmente, pelo menos foi o que a mamã disse e também o que disseram Williamson e Brown. Brown até afirmou que nenhum rapaz poderia olhar para mim sem se apaixonar imediatamente. Tenho por isso o direito de me sentir um pouco vaidosa. Sei que me considera frívola e superficial, mas não creia que atribuo tudo aos meus encantos naturais, havia o penteado e o meu lindo vestido (hei de mostrar-lho amanhã) gaze branca sobre cetim cor-de-rosa. E ficou tão bem feito! Levava, além disso, um colar e um bracelete de pérolas muito lindas e bastante grandes.

— Não ponho em dúvida que parecesse muito bem. Mas sentiu-se assim tão contente?

— Senti, mas não foi só por isso. Fui muito admirada e fiz muitas conquistas nessa noite. Vai ficar pasmada.

— Mas de que serviu tal coisa?

— Parece impossível, uma mulher a fazer uma pergunta dessas!

— Quer-me parecer que uma única conquista devia bastar, e que seria o suficiente, se o encanto fosse igual dos dois lados.

— Ora sabe muito bem que nesse ponto não estamos de acordo. Espere um instantinho que lhe quero dizer os nomes dos meus principais admiradores, dos que se tornaram mais notados nessa noite e daí em diante (porque já tive mais duas festas. Infelizmente, dois dos fidalgos eram casados, Lord G... e Lord F...) Podia perfeitamente ter aceitado as suas gentilezas com agrado, mas não... embora Lord F..., que detesta a mulher, ficasse muito impressionado comigo. Veio duas vezes buscar-me para dançar. É muitíssimo bom dançarino, como eu também sou... Não pode calcular que bem que dancei. Eu própria estava admirada. Lord F... apresentou-se muito galanteador (mesmo de mais) e pareceu-me melhor mostrar-me altiva e nada acolhedora... Tive, porém, o prazer de ver a horrível mulher dele quase morrer de despeito.

— Oh, Miss Murray, não acredito que tal coisa lhe desse prazer!

— Sei que não é bonito, mas não me importo! Às vezes, desejo ser boa, mas, nesta ocasião, não me diga nada, peço-lhe. Ainda não lhe contei nem metade... Deixe-me ver... onde ia eu? Ah, estava a enumerar os meus admiradores: Olhe, Sir Thomas Ashby, Sir Hugh Meltham, Sir Broadley Wilson, que já são velhotes e só são bons companheiros para o papá e para a mamã. Sir Thomas é novo, rico e alegre, mas é muito estúpido. A mamã diz que isso não tem importância, depois de o conhecer há alguns meses. Também posso contar Henry Meltham, filho mais novo de Sir Hugh, que não é nada feio, por sinal, e que é muito agradável para *flirtar*, pena é que seja filho mais novo e não sirva por isso para nada. O jovem Mr. Green, em compensação, é bastante rico, mas não é de boa família, e é muito parvo. E temos ainda o nosso bom pastor, Mr. Hatfield, um humilde admirador, como ele próprio se intitula. Em todo o caso parece-me que ele riscou a humildade de entre as virtudes cristãs.

— Mr. Hatfield esteve no baile?

— Esteve, porquê? Acha-o mal empregado?

— Não. Pensei que não acharia isso próprio de um sacerdote.

— De modo nenhum. Não chegou a profanar as vestes dançando, mas creio que bem lhe custou, pobre homem! Parecia morrer de desejo por me pedir que dançasse com ele uma vez que fosse... e afinal... Sabe que lá conseguiu arranjar um novo cura? Esse velho rabugento desse Mr. Bligh acabou por resolver-se a ir desta para melhor.

— E que tal é o novo cura?

— Oh! Tão parvinho! Chama-se Mr. Westom. Descreve-se em três palavras: bruto, feio, insensato e estúpido. Afinal, empreguei quatro palavras a descrevê-lo, mas não importa.

Voltou a falar-me do baile, descreveu-me pormenorizadamente o que se tinha passado, contou, em seguida, das festas a que assistira, depois voltou a falar de Sir Thomas Ashby, de Sir Meltham, de Mr. Green, de Mr. Hatfield, etc., e da inefável impressão que fizera em todos eles.

— Ora muito bem — perguntei — e qual prefere desses todos?
— E disfarcei o meu terceiro ou quarto bocejo.

— Detesto-os a todos igualmente — replicou ela, atirando para trás os seus lindos caracóis, com vivo desdém.

— Quer isso dizer, segundo me parece, que gosta de todos. Mas qual prefere?

— Não. Não é isso. Detesto-os, realmente. Harry Meltham é o mais bonito, e Mr. Hatfield é o mais esperto. Sir Thomas é o mais desagradável e Mr. Green o mais estúpido. Mas aquele que devo suportar (se é que estou condenada a suportar algum) é Sir Thomas.

— Mas porque há de suportá-lo, se é tão desagradável e se não gosta dele?

— Não pretendo dizer que seja extraordinariamente desagradável, é mesmo o melhor, sob determinado ponto de vista... Pouco ou nada teria a objetar quanto a tornar-me Lady Ashby, se realmente tenho de casar. Se pudesse ficar sempre nova, ficaria solteira. Preferia divertir-me e namorar muitos rapazes até estar quase uma solteirona, e nessa altura escapar a semelhante vergonha, mas só depois de ter feito dez mil conquistas e de ter quebrado outros tantos corações; nessa altura casaria com um

homem indulgente, bondoso e de boa família, que fosse a aspiração, pelo menos, de cinquenta raparigas.

— Parece-me que enquanto estiver nessa disposição se deve conservar solteira e não pensar em casar, mesmo que não queira passar pela vergonha de ficar solteira.

Capítulo 10 — A Igreja

— Então, Miss Grey, que tal lhe parece o novo cura? — perguntou-me Miss Murray, quando voltávamos da igreja, no domingo seguinte a termos recomeçado as lições.

— Não posso dizer nada por enquanto — respondi — ainda não o ouvi fazer nenhuma prédica.

— Mas já o viu, não é verdade?

— Pois vi, mas não posso avaliar de um homem unicamente pela cara.

— Mas não o achou feio?

— Não me pareceu especialmente feio. Não desgosto daquele género de fisionomias. O que mais notei foi a sua maneira de ler, que me pareceu boa... pelo menos muitíssimo melhor do que a maneira de ler de Mr. Hatfield. Leu como se quisesse dar a cada palavra o seu verdadeiro sentido e tive a impressão de que mesmo uma pessoa desatenta ou ignorante não poderia deixar de entender. Quanto às orações que pronunciou, não pareciam as orações habituais, pareciam improvisos vindos do íntimo da sua alma.

— Não digo que não. Mas só serve para isso... Talvez saiba cumprir os seus deveres religiosos, mas não tem uma única ideia que preste dentro daquela cabeça.

— Como pode saber?

— Ora! Percebe-se perfeitamente. Viu como ele atravessou a igreja? Sempre a olhar em frente, como se na igreja não estivesse mais ninguém a não ser ele, sem olhar para lado nenhum, sem pensar em mais nada que não fosse em sair da igreja e ir para casa comer. Via-se muito bem que não pensava noutra coisa.

— Parece-me que não desgostava que ele deitasse certos olhares para as bancadas das famílias finas — respondi, rindo da veemência daquela hostilidade.

— Pelo contrário. Ficaria ainda mais indignada, se ele se atrevesse! — replicou, com altivez, e depois de refletir um

momento: — Afinal parece-me que deve estar muito bem para o lugar que ocupa. Mas digo-lhe que me sinto satisfeita por não precisar dele para me divertir. Lembra-se como Mr. Hatfield se precipitava para cumprimentar e para chegar a tempo de nos acompanhar à carruagem?

— Lembro — respondi, e acrescentei para comigo: «Até me parecia um tanto impróprio da sua dignidade eclesiástica precipitar-se assim do púlpito para vir a toda a pressa despedir-se dos fidalgos e acompanhar a senhora e as filhas, ajudando-as a subir para a carruagem. Além disso, devo-lhe o obséquio de fechar sempre a porta deixando-me de fora». De facto, enquanto eu estava diante dele, junto do estribo da carruagem à espera de que me deixasse entrar, insistia em levantar o dito estribo e em fechar a porta da carruagem, até que alguma das pessoas da família dizia, para fora, que a precetora ainda não tinha entrado. Então, sem uma palavra de desculpa, despedia-se e abalava, deixando o trintanário acabar o que faltava.

Notarei ainda que, assim como Mr. Hatfield, Sir Hugh, Lady Meltham, Mr. Green e as irmãs, bem como todas as visitas da casa, ninguém me dirigia a palavra.

Na tarde desse dia Miss Murray mandou aprontar a carruagem para ela e para a irmã, dizendo que estava muito frio para se estar no jardim, e que além disso supunha que Harry Meltham devia aparecer na igreja.

— Porque — dizia ela, sorrindo à sua própria imagem no espelho — tem sido um frequentador muito fiel da igreja nos últimos tempos. Parece ser muito bom cristão. Pode vir connosco, Miss Grey, gostava que o visse. Está tão elegante, desde que voltou do estrangeiro, que vai ficar admiradíssima. E além disso tem ocasião de tornar a ver o belo Mr. Weston, e de ouvi-lo pregar.

Fui realmente ouvi-lo pregar, e fiquei encantada com a verdade evangélica das suas palavras, com a simplicidade das suas maneiras e com a clareza do seu estilo. Era realmente agradável ouvir uma prédica assim, depois de estar há tanto tempo a escutar os prosaicos discursos do último cura, e as arengas ainda menos edificantes de Mr. Hatfield, que atravessava a nave todo esvoaçado,

como que trazido por um turbilhão, com as suas ricas vestes de seda batendo nas bancadas, subia ao púlpito, como um conquistador ao seu carro triunfal, e que, uma vez lá, mergulhava a cabeça na almofada de veludo, e permanecia prostrado durante algum tempo numa atitude graciosa e estudada. Em seguida murmurava uma oração e papagueava um Padre-Nosso, levantando-se depois e descalçando uma bonita luva clara para abençoar a assistência com a mão reluzente de anéis e, passando os dedos pelo cabelo bem tratado, sacava de um lenço de cambraia, recitava uma passagem muito curta, um simples versículo das Sagradas Escrituras e, finalmente, principiava a sua prédica — que, como prédica, seria boa, mas que era demasiadamente estudada e artificial para me agradar. As frases eram bem compostas, os argumentos lógicos, e contudo chegava a ser difícil ouvi-lo até ao fim sem impaciência.

Os seus pontos prediletos eram a disciplina da igreja, os ritos e as cerimónias, a sucessão apostólica, o respeito e a obediência devidos à Igreja, as atrocidades terríveis dos dissidentes, a necessidade absoluta de observar todas as formas da devoção, a presunção censurável dos indivíduos que procuravam pensar por si próprios em matéria de religião e que pretendiam guiar-se pelas suas próprias interpretações dos textos Sagrados; por vezes, mesmo, (para agradar às famílias ricas) falava da necessidade que têm os pobres de obedecer aos ricos, apoiando-se, para isso, em citações dos Doutores da Igreja, que pareciam ser-lhe mais familiares do que os Apóstolos e os Evangelistas, e cuja importância parecia considerar maior. De tempos a tempos dava-nos um sermão de outro género — sermão que poderia mesmo considerar-se muito bom, mas em que a Divindade era sempre apresentada como Senhor terrível, e nunca como Pai benevolente. Enquanto o ouvia, era levada a acreditar na sinceridade dele, pensava que teria mudado os seus pontos de vista e que se teria tornado decididamente religioso, sóbrio, austero mas devoto. Porém as minhas ilusões dissipavam-se logo, ao sair da igreja, ao ouvi-lo em alegre colóquio com os Meltham e com os Greens, ou com os próprios Murray, rindo possivelmente do seu próprio sermão, e

convencido de que tinha dado ao povo matéria para cogitar. Exultando talvez com a ideia de que o pobre Betty Holmes ficaria em dúvida se o seu cachimbo seria ou não inofensivo — o seu cachimbo, o seu único companheiro e sua única alegria durante tantos anos — que George Higgins ficaria aterrado só com a lembrança dos seus passeios ao sábado à tarde, e que Thomas Jackson ficaria com as suas esperanças na vida eterna um tanto abaladas.

E daqui concluía que Mr. Hatfield era um daqueles homens que juntam fardos pesados e difíceis de transportar e os colocam sobre os ombros dos outros, enquanto eles próprios são incapazes de carregar com uma pena, e que ao mesmo tempo tornam inútil a palavra de Deus, porque ensinam como doutrina os mandamentos dos homens.

Agradou-me ver que o novo pastor, tanto quanto me era possível avaliar, se parecia muito pouco com ele em qualquer destes pontos.

— Então, Miss Grey, que tal lhe pareceu ele agora? — perguntou Miss Murray, quando voltámos a sentar-nos na carruagem, de regresso da igreja.

— Por ora, nada mal — repliquei.

— Nada mal! — repetiu, pasmada. — Que pretende dizer?

— Quero dizer que não o acho pior do que o achei.

— Pior! De modo nenhum. Não o acha muitíssimo melhor?

— Sem dúvida — repliquei, descobrindo nessa altura que se tratava de Harry Meltham e não de Mr. Weston. Harry Meltham viera muito pressuroso falar às raparigas, coisa que não teria feito se a mãe estivesse presente, e veio mesmo acompanhá-las até ao carro. Não procurou deixar-me de fora, como Mr. Hatfield, mas também não se ofereceu para me ajudar (coisa, de resto, que eu não queria aceitar), e, enquanto a portinhola esteve aberta, para ali se deixou ficar, debicando e brincando com elas; em seguida cumprimentou e encaminhou-se para o seu próprio carro. No entanto eu mal repara nele durante todo esse tempo. As minhas companheiras, pelo contrário, tinham-se mostrado muito atentas, e enquanto a carruagem rodava vieram sempre a discutir-lhe os

olhos, as palavras, os movimentos, cada uma das feições e até o preço do vestuário.

— Não imagines que o deixo só para ti — disse Miss Matilda, para fechar a discussão. — Gosto dele e sei que lhe é muito agradável a minha companhia.

— Creio que também gosta de estar contigo, Matilda — respondeu a irmã com afetada indiferença.

— Tenho a certeza que sente por mim exatamente a mesma admiração que sente por ti. Não lhe parece, Miss Grey?

— Não sei. Como hei de saber a sua maneira de sentir!

— Tenho a certeza de que é assim.

— Minha querida Matilda, ninguém poderá sentir por ti admiração enquanto não perderes essas maneiras rudes.

— Ora! Ora! Harry Meltham aprecia tanto as minhas maneiras como os amigos do papá.

— Pode ser que consigas cativar algum velho ou algum filho segundo, mas, à parte esses, ninguém gostará de ti, tenho a certeza.

— Não te importes. Não estou sempre a pensar no dinheiro como tu e como a mamã. Se o meu marido puder ter uns tantos cavalos e alguns cães, já me dou por satisfeita e posso mandar tudo mais para o diabo.

— Se continuas a empregar tais expressões, tenho a certeza de que nenhum verdadeiro fidalgo se aproximará de ti. Realmente, Miss Grey, não devia consentir...

— Como posso impedir, Miss Murray?!

— Estás completamente enganada, se te convences de que Harry Meltham sente por ti a mais leve admiração. Afirmo-te que não.

Matilda ia responder, mas, felizmente, a nossa viagem estava no fim, e foi interrompida pelo trintanário, que abriu a porta e baixou o estribo para descermos.

Capítulo 11 — As Herdades

Como nessa ocasião tinha apenas uma aluna regular, e embora essa aluna me desse mais trabalho do que três ou quatro normalmente, e a irmã ainda recebesse lições de alemão e de desenho, sempre dispunha de um pouco mais de tempo do que até ali. Dedicava parte desse tempo a corresponder-me com a minha família, parte a ler e a estudar, parte a tocar ou a cantar e ainda algumas vezes passeava pelas propriedades com as minhas alunas, se queriam que as acompanhasse, ou então só.

Quando não tinham coisa melhor para se entreterem, as duas meninas divertiam-se visitando os rendeiros pobres, para receberem palavras lisonjeiras, ou para ouvir histórias antigas e bisbilhotices de comadres tagarelas, talvez ainda para alegrarem, com a sua presença e com os seus donativos, essa pobre gente, donativos para elas tão fáceis de conceder e que eram sempre recebidos com tanta gratidão... Às vezes eu era chamada para acompanhar uma ou outra das irmãs nestas visitas, ou mesmo as duas, e outras vezes ia só, para cumprir qualquer promessa que elas tinham feito mais prontamente do que cumprido, ou para fazer um pouco de leitura a qualquer doente. Deste modo arranjei algumas relações entre os rendeiros e acabei por ir vê-los de moto próprio.

Geralmente sentia-me mais satisfeita indo só, porque as pequenas, em virtude da sua educação defeituosa, procediam às vezes de uma maneira que me era muito desagradável presenciar. Nunca se punham no lugar dos outros, de modo que não tinham a mínima consideração pelos sentimentos de cada um, tanto mais que julgavam as pessoas pobres de massa bem diferente da sua própria. Se assistiam às refeições, faziam observações mal educadas quanto aos alimentos e à maneira de comer, troçavam do que diziam e das expressões rústicas que empregavam, até que essa pobre gente mal se atrevia já a falar. Chamavam a homens e mulheres, já idosos, cabeçudos e burros, sem se importarem que

estivessem presentes, tudo isto sem intenção de ofenderem. Eu percebia que as pessoas ficavam magoadas e aborrecidas, mas que o respeito pelos *senhores* os impedia de se manifestarem. Contudo, elas nunca davam fé.

Imaginavam que esses rendeiros, como eram pobres e ignorantes, deviam ser por força estúpidos e parvos, e que, quando elas, criaturas superiores, condescendiam em lhes dar dinheiro e fatos e em falar com eles, tinham todo o direito de se divertir à custa deles, devendo, ainda por cima, ser adoradas como anjos do céu que se dignassem atender às necessidades e descer às humildes moradas.

Fiz várias tentativas para livrar as minhas alunas de noções tão falsas, sem lhes magoar o orgulho — que se feria facilmente e era difícil de apaziguar — mas os resultados foram nulos. Não sei qual das duas era mais digna de censura. Matilda era mais rude e mais violenta, mas Rosalie, exatamente por ser mais velha e mais senhoril, tinha outras obrigações, embora se mostrasse tão descuidada, tão provocante e desatinada como uma criança de cinco anos.

Um belo dia, na última semana de fevereiro, passeava eu no parque gozando as delícias da solidão, com um livro para ler e achando o tempo muito agradável (Miss Murray fora com a mãe pagar visitas), quando me lembrei que devia abandonar os meus prazeres egoístas: o parque com a sua cúpula azul celeste, o vento a rumorejar nas copas das árvores ainda sem folhas, caramelos nos galhos mais altos derretendo rapidamente ao calor do sol, e os veados graciosos pastando na relva, que começava a mostrar-se com o verde muito tenro que tem na primavera. Iria à herdade de Nancy Brown, viúva, cujo filho trabalhava o dia inteiro nos campos, e a qual, atacada de uma grande inflamação nos olhos, não podia ler, durante algum tempo — coisa que lhe causava grande desgosto, pois era pessoa que gostava de cultivar o espírito. Fui, pois, a casa dela, e encontrei-a sozinha, como de costume, na sua cozinha pequena e escura, negra de fumo, e pouco arejada, mas tão airosa e tão limpa que mais não podia ser. Estava sentada junto da lareira (onde havia apenas cinzas ainda acesas e alguns

pauzinhos) e fazia meia, com uma almofada, aos pés, para acomodação do seu amigo gato, enroscado com a cauda rodeando-lhe as patas aveludadas e de olhos semicerrados a fitarem o guarda-fogo curvo e incandescente.

— Viva, Nancy, como se sente hoje?

— Assim, assim, Miss. Os olhos estão na mesma, mas sinto-me muito melhor de espírito — replicou, levantando-se, para me dar as boas vindas, e mostrando-me um sorriso alegre, que me agradou ver, porque Nancy atravessara uma grave crise de melancolia.

Concordou que fora grande mercê e mostrou-se muito grata por ela, acrescentando:

— Se Deus me conceder vista bastante para poder voltar a ler a minha Bíblia, hei de julgar-me uma rainha.

— Espero que isso depressa aconteça — respondi — e entretanto venho eu ler-lhe uns pedaços, sempre que puder.

Com expressões de grande prazer e gratidão, a pobre mulher moveu-se, para ir buscar uma cadeira; evitei-lhe o incômodo, e ela tratou de espertar o lume, juntando mais uns pauzinhos ao borralho. Indo depois buscar à estante a velha Bíblia, limpou-a do pó, carinhosamente, e entregou-ma. A minha pergunta sobre se tinha preferência por qualquer capítulo em especial, respondeu-me:

— Se não se importasse, Miss Grey, gostava de ouvir o primeiro capítulo da primeira Epístola de S. João, que começa: *Deus é amor, e aquele que conhece o amor, conhece Deus, e Deus está com ele.*

Depois de procurar um pouco, lá encontrei o ponto. Quando cheguei ao sétimo versículo, interrompeu-me, e com várias desculpas desnecessárias, pela liberdade que tomava, pediu-me que tornasse a ler ainda mais devagar, de modo que ela pudesse penetrar bem o sentido das palavras, insistindo novamente que a desculpasse, porque era uma «criatura simples».

— Acho que mesmo pessoas inteligentes se podem demorar em cada um desses versículos mais de uma hora sem estarem a perder o seu tempo, e prefiro lê-los devagar a lê-los depressa.

Acabei, pois, o capítulo o mais lentamente que pude e ao mesmo tempo, com toda gravidade, Nancy ouviu-me atentamente, agradecendo-me com efusão assim que cheguei ao fim. Conservei-

me calada algum tempo para a deixar refletir à vontade. Quebrou o silêncio, com grande surpresa minha, para me perguntar se gostava de Mr. Weston.

— Não sei — repliquei, um pouco surpreendida com a pergunta repentina — acho que prega muito bem.

— Pois prega; e também conversa muito bem.

— Sim?

— Conversa. Mas provavelmente a Miss ainda não o ouviu muitas vezes, nem conversou -com ele.

— Pois não. Nunca converso muito com ninguém, a não ser com as meninas lá de casa.

— Ah! São muito boas meninas, não haja dúvida.

— Ele costuma vir vê-la, Nancy?

— Costuma, sim, Miss, e estou-lhe muito grata por isso. Vem ver todos os pobres que precisam dele, e muito mais vezes do que Mr. Bligh ou do que o Reitor, e ainda bem, porque é sempre bem vindo. Já do Reitor se não pode dizer outro tanto, todos têm medo dele. Quando entra numa casa é para achar tudo mal, e começa a ralhar logo que passa a porta; talvez pense que é esse o seu dever... Censura muito as pessoas por não irem à igreja, ou por não ajoelharem quando devem, ou por irem à Igreja Metodista e outras coisas assim. Por mim, não tenho grande razão de queixa. Veio-me ver uma vez ou duas antes de Mr. Weston chegar, quando eu estava muito aflita. Como a saúde era pouca, pedi-lhe licença para o mandar chamar. Veio logo, isso é verdade. Estava tão descoroçada, Miss Grey (graças a Deus já me passou) que quando pegava na Bíblia era o mesmo que nada... Até esse capítulo, que me leu, me atormentava. (Os que não conhecem o amor não conhecem Deus.) Sentia-me aterrada, sentia que não amava, a Deus nem ao próximo como devia, e não conseguia, por mais que fizesse. Esse capítulo que diz: «Aquele que é filho de Deus não pode pecar» e outro passo que afirma: «o amor é a lei», e muitas outras frases, tudo parecia condenar-me e mostrar-me que não estava no bom caminho. Não sabia o que havia de fazer para o alcançar. Mande o meu Bill suplicar a Mr. Hatfield que tivesse a

bondade de chegar cá, e quando veio disse-lhe o que me perturbava.

— E ele que lhe respondeu, Nancy?

— Oh! Miss, parecia até trocar de mim. Pode ser que me tenha enganado. Soltou uma espécie de assobio e pareceu-me que se ria. Respondeu apenas: «Tudo isso são tolices. Andou para aí com os metodistas, mulherzinha.» Eu jurei-lhe que nunca tinha ido a semelhante igreja, e ele respondeu: «Trate de vir à igreja e aí lhe explicam as Sagradas Escrituras como deve ser, em vez de andar com a Bíblia aos tombos e a dar tratos à imaginação.» Afirmei-lhe que quando tinha saúde ia sempre à igreja, mas que, com o mau tempo, no inverno, não me atrevia a ir tão longe, por causa dos meus reumáticos e do mais. Ele então disse-me que não havia nada melhor para o reumático do que o exercício. «Se pode andar em casa, também pode andar na rua. Parece-me que aprecia demais as suas comodidades. É fácil encontrar desculpas para fugir aos deveres», acrescentou ele. Miss Grey sabe muito bem que não é assim. Prometi-lhe, contudo, tentar, e perguntei-lhe: «Mas se for à igreja sentir-me-ei mais aliviada?» Precisava compreender que os meus pecados haviam de ser perdoados e precisava de sentir que o meu coração se abrasava de amor divino, e, se não conseguia isso lendo a Bíblia e fazendo as minhas orações em casa, achar-me-ia melhor indo à igreja? Ele respondeu-me que a igreja era o sítio indicado por Deus para salvar as almas, e que era um dever ir lá o mais possível. Se queria sentir-me confortada devia trilhar o caminho do dever, e disse ainda mais coisas de que me não lembro. Mas vinha tudo a dar no mesmo, que devia ir à igreja o mais possível, que devia levar o meu livro de orações, que devia lê-lo nas ocasiões devidas, e ajoelhar e levantar-me, quando era dado, e tomar muitas vezes o Senhor, e ouvir os sermões dele e de Mr. Bligh com atenção e cumprir bem os meus deveres e que então seria salva. «Se assim não se sentir confortada», disse ele, «então é mau sinal». «Quer isso dizer que não tenho salvação?», perguntei. «Se fizer o possível por entrar no céu e não o conseguir, é porque é uma dessas criaturas que pretendem entrar pela porta estreita mas não cabem.» Depois perguntou-me se tinha visto alguma das meninas

nessa manhã. Respondi-lhe que sim. Atirou com o meu pobre gato ao chão e abalou, mais contente do que um rato, mas eu fiquei muito triste. As suas últimas palavras tinham-me entrado no coração como um dardo, e custou-me muito a suportá-las. Contudo segui-lhe o conselho. Pensei que teria razão, embora achasse estranha a sua maneira de proceder. Mas ele é rico e novo e não pode entender uma pobre velha como eu. Mesmo assim, fiz o possível por lhe seguir os conselhos. Mas provavelmente estou a maçá-la, Miss, com a minha conversa.

— De modo nenhum, Nancy, continue.

— Ora do reumatismo estou eu melhor, mas não sei se foi uma manhã a caminho da igreja que apanhei esta constipação nos olhos. Talvez não... A inflamação não veio toda de uma vez, veio aos poucos... Mas eu não estava a falar dos meus olhos, estava a contar-lhe as minhas apoquentações (e, para lhe falar com franqueza, Miss Grey, nem sempre me é fácil ir à igreja), mas também não é disso que lhe quero falar. Mesmo que estivesse melhor de saúde, do que eu estava pior era do espírito. Ouvia e tornava a ouvir os pastores, lia e tornava a ler o meu livro de orações, mas era malhar em ferro frio. Os sermões não podia entendê-los e o livro de orações só me demonstrava quanto eu era pecadora, porque, estando a ler tão boas palavras, não me sentia melhor por isso. Tudo me parecia escuro e desesperado. E então essas palavras terríveis: «Muitos hão de querer entrar e não hão de conseguir». Pareciam-me escritas com um ferro em brasa. Um domingo, quando Mr. Hatfield deu os sacramentos, ouvi-o dizer: «Se há aí alguém que precise de conforto ou de conselho, por não ter a consciência tranquila, venha ter comigo, ou com qualquer ministro do Senhor, e abra o coração.» No domingo seguinte, depois das cerimónias, entrei na sacristia e pedi para falar novamente ao Reitor. Nem sei como me atrevi, mas, como considerava a minha alma em perigo, achei que não devia hesitar... Ele disse-me que não tinha tempo para me atender. «De resto», acrescentou, «nada mais tenho a dizer além do que já lhe disse. Tome os Sacramentos e vá cumprindo os seus deveres religiosos, e se isso não a consolar não há nada que a console. E não me volte a maçar.» Fui-me

embora, mas ouvi Mr. Weston, que estava presente e que eu via pela primeira vez a ajudar ao serviço, inquirir quem eu era e Mr. Hatfield responder: «É uma velha hipócrita». Fiquei muito magoada, Miss Grey. Voltei para o meu lugar, para continuar as orações, mas não havia maneira de sossegar. Tomei o Senhor, mas só tinha maus pensamentos e fui para casa muito perturbada. No dia seguinte, logo pela manhã (ainda não tinha feito nada, nem tinha coragem para pegar na vassoura, nem para lavar a louça, e estava sentada no meio da porcaria) quem me há de aparecer? O próprio Mr. Weston. Estremeci, porque como estava tudo desarrumado esperava que ele começasse logo a ralhar por causa disso, como Mr. Hatfield teria feito, mas enganei-me. Deu-me os bons-dias muito sossegado. Limpei o pó de uma cadeira, para ele se sentar, e espertei o lume, mas ainda não me tinha esquecido das palavras do Reitor e não pude deixar de lhe dizer: não sei como se deu ao incómodo de vir cá tão longe, por causa de uma velha hipócrita como eu. Quis ele disfarçar e procurou convencer-me de que o Reitor dissera isso a brincar, mas, quando viu que não conseguia convencer-me, disse-me: «Nancy, não devia ter dado tanta importância a essa frase. Mr. Hatfield estava de mau humor nessa ocasião. Não há ninguém perfeito, até Moisés disse palavras inconsideradas. Mas sente-se, se me pode dispensar alguns minutos de atenção, e conte-me as suas dúvidas e os seus receios. Tentarei desvanecê-los.» Sentei-me perto dele. Era uma pessoa que eu não conhecia, como Miss Grey sabe, e creio mesmo que é mais novo que Mr. Hatfield, e à primeira vista não é tão simpático (é até um bocadinho carrancudo), mas foi tão bem educado para comigo!... e quando o meu pobre bichano lhe saltou para o colo, fez-lhe uma festa e sorriu. Isto pareceu-me bem. Uma vez que aconteceu o mesmo com o Reitor, este enxotou-o com zanga, embora ninguém possa esperar que um gato tenha a educação de uma pessoa, não é verdade, Miss Grey?

— Com certeza, Nancy; mas que fez Mr. Weston nessa ocasião?

— Disse pouco, mas ouviu-me com toda a atenção e com toda a paciência e sem sombra de desdém, de modo que pude contar-lhe tudo quanto acabo de lhe dizer e ainda mais coisas. «Bem»,

disse ele, «acho que Mr. Hatfield teve toda a razão em lhe dizer que fizesse as suas devoções e que fosse à igreja, embora não pretendesse afirmar que a isso se reduzem os deveres de um cristão. Pensava unicamente que lhe seria mais fácil, cumprindo os seus deveres, achar prazer nessas mesmas devoções em vez de considerá-las como um fardo. E se lhe tivesse pedido para lhe explicar as frases que tanto a perturbam, ele ter-lhe-ia dito, por certo, que, se muitos procuram entrar pela porta estreita e não conseguem, é porque os pecados os impedem. Exatamente como uma pessoa com um grande saco às costas pode desejar atravessar uma porta pequena sem resultado, a menos que tenha pousado o saco. Mas estou certo que a Nancy não tem pecados que não queira deixar à porta, desde que lhe digam como!» «Lá isso é verdade, meu senhor.» «Ora muito bem», replicou ele, «conhece o primeiro mandamento que é o mais importante, e o segundo que se depreende daí, e sabe que desses dois mandamentos derivam todas as leis e todas as profecias. Diz-me que não pode amar Deus verdadeiramente, mas parece-me que, se considerar quem Ele é e como é, não poderá impedir-se de sentir por Ele grande amor. Se é o seu pai, o seu melhor amigo e se todos os benefícios, todos os bens, todas as coisas agradáveis, todas as coisas úteis nos vêm dele e se tudo quanto é mau e odioso nos vem de Satã, Seu inimigo e nosso inimigo, como é possível não O amar? E por isso Deus encarnou em seu filho, para poder destruir as obras do diabo. Numa palavra, Deus é amor e quanto maior for o nosso amor mais perto estaremos dele e mais perto estaremos de alcançar a Graça.» «Realmente, se pensar nessas coisas», disse eu, «posso perfeitamente amar a Deus, mas como poderei amar o próximo, se ele me faz mal, se é tão pecador e tão contrário a tudo quanto é bom, como muitas vezes acontece?» «Realmente é difícil», respondeu ele, «amar o próximo que é muitas vezes mau e cujos erros vêm, nalguns casos, acordar o que há de pior em nós. Lembre-se, contudo, de que Deus o criou e que o ama e por isso esforça-se por amar quem engendrou e quem foi engendrado. E se Deus amou bastante os homens para deixar seu filho morrer por eles na cruz, devemos, pelo menos, amar-nos uns aos outros. Mas

se não consegue sentir positivamente afeição por aqueles que não querem saber de si, pode, em todo o caso, tentar fazer-lhes aquilo que gostaria que lhe fizessem, pode apiedar-se dos seus erros, perdoar-lhes as ofensas e fazer todo o bem que puder àqueles que a rodeiam. E, se se habituar a isso, Nancy, verá que esse mesmo esforço contribuirá para que goste deles mais ou menos, sem falar do que a sua boa vontade e a sua bondade criarão de bondade e de boa vontade aos demais. Se amamos a Deus e queremos servi-lo, procuremos assemelharmo-nos a Ele, trabalhando com Ele e por Ele, apressando a vinda do seu reino, que será a paz e a felicidade no mundo. Por mais pobres que sejamos, se fizermos tudo quanto está ao nosso alcance, durante toda a vida, o mais humilde de entre nós pode fazer muito por Ele. Quanto maior for a felicidade que espalharmos, tanto maior será a felicidade que receberemos, mesmo neste mundo e maior ainda será a nossa recompensa no céu, quando descansarmos das nossas fadigas.» Creio, Miss, que foram estas as suas palavras, porque tenho pensado muito nelas. Pegou então nessa Bíblia e leu-me pedaços, aqui e além, tornando-os claros como água. Parecia que uma nova luz se fizera no meu espírito, senti como se se me abrisse o coração e só desejei que o meu Bill e toda a gente estivessem ao pé de mim, para os abraçar a todos. Depois de ele se ir embora, apareceu-me uma vizinha a pedir que a fosse ajudar a lavar. Disse-lhe que não podia naquela ocasião, porque ainda não pusera as batatas ao lume nem lavara a louça do almoço, chamou-me porca e mandriona, senti-me um pouco zangada, mas não lhe respondi. Só lhe disse muito calmamente que as coisas iam mudar. Acabei o meu trabalho e, logo que pude, fui ajudá-la. Ela ficou muito enternecida e eu senti aquecer-se-me o coração e desde então ficámos amigas. É assim mesmo, Miss Grey, uma boa palavra puxa outra, e uma zanga traz outra consigo. Não falo pelos outros, falo por mim.

— É uma grande verdade, Nancy; oxalá que nunca a esqueça.

— Isso é que era bom.

— E tornou a ver Mr. Weston?

— Já me veio ver várias vezes desde que estou pior dos olhos.

Vem ler alto e conversar comigo aí uma meia hora, mas, bem vê,

Miss, tem muitas coisas para fazer. Deus o abençoe! No domingo passado fez uma prédica tão linda!... O motivo era «Venham a mim os pequeninos, os que trabalham e os que sofrem, e eu lhes darei o repouso». Miss, estava ainda em férias, não pôde assistir, mas não calcula como me fez bem ouvi-lo. Sinto-me agora muito feliz, graças a Deus. E sinto tal satisfação em prestar pequenos serviços aos meus vizinhos!... Os poucos serviços que uma cega pode prestar. E todos se tornaram melhores para comigo, conforme ele me dizia. Quer ver, Miss Grey, estou a fazer um par de peúgas. São para Thomas Jackson, que é um pobre velho afinal, e como tive noutros tempos várias peguilhas com ele, achei que lhe devia fazer este par de peúgas quentinhas.

— Pois sinto-me muito contente por vê-la tão bem disposta e tão sensata, Nancy, mas agora tenho de me ir embora, sou precisa lá em casa.

Disse-lhe adeus e pus-me a caminho, não sem lhe ter prometido que voltaria logo que pudesse, e sentindo-me quase tão feliz como ela.

Outra vez fui fazer um pouco de leitura a um pobre homem tuberculoso no último grau — as minhas alunas tinham-no ido ver e haviam prometido voltar, mas acharam que era incómodo excessivo e pediram-me que fosse em lugar delas. Acedi com boa vontade, e ouvi infinitos louvores a Mr. Weston, por parte do doente e de sua mulher. Esta última disse-me que o doente recebera grande conforto das visitas do novo pastor, que aparecia muitas vezes e que era bem diferente de Mr. Hatfield, que ia lá raramente e que queria sempre a janela aberta para arejar, pensando unicamente em si próprio, sem se importar com o doente. Então abria o livro de orações e lia para ali, muito à pressa, morto por se ir embora. Só se demorava para fazer qualquer observação áspera à pobre mulher, ou para lhe dizer palavras que ainda aumentavam a sua aflição.

— Enquanto que Mr. Weston — confirmou o homem — diz comigo as orações de forma bem diferente, fala-me com grande bondade, lê para eu ouvir e conversa comigo como um irmão.

— Como fala a toda a gente! — exclamou a mulher. — Há umas três semanas veio cá e notou que o pobre John tremia de frio

e reparando que a lareira estava muito fraca, perguntou se a nossa provisão de carvão ia acabar. Disse-lhe que sim e que nos era muito difícil arranjar mais, mas não lhe pedi nada; pois no dia seguinte mandou uma saca de carvão e desde então temos sempre bom fogo, o que é uma bênção por estes tempos de inverno. Faz sempre assim, Miss Grey, quando chega a uma casa pobre, onde há um doente, repara no que falta e se vê que é coisa que têm dificuldade em arranjar, não diz nada, mas manda-a, logo que pode. Nem todos fariam outro tanto, tendo tão pouco como ele; toda a gente diz que o Reitor, de quem ele por ora, depende, lhe dá muito pouco.

Recordei-me que esse homem fora alcunhado de bruto pela amável Miss Murray, porque usava relógio de prata e trazia os fatos mais usados do que o elegante Mr. Hatfield.

Ao voltar para casa sentia-me feliz e agradeci a Deus ter-me dado uma coisa agradável em que pensar, uma coisa que se elevava como um ponto mais alto na monotonia fastidiosa da minha vida atual e no meio das minhas ocupações insignificantes e solitárias. Porque, na realidade, sentia-me absolutamente só. Nunca, durante meses e meses, ano após ano — exceto durante os breves intervalos que estive em casa — tinha tido alguém com quem pudesse abrir-me, ou falar livremente dos meus pensamentos, na esperança de achar simpatia e compreensão. Ninguém, a não ser essa pobre Nancy Brown, com quem podia passar uns momentos de real entendimento, cuja conversa me podia tornar melhor, mais sensata ou mais feliz, e que por isso me era benéfica. Os meus únicos companheiros tinham sido crianças desagradáveis, raparigas frívolas e ignorantes, e sentir-me isolada de tais companheiros era antes um alívio ardentemente desejado. Mas passar a vida acorrentada a semelhantes companhias causa sério prejuízo no presente e no futuro. Não recebia do exterior qualquer ideia nem qualquer incitamento e os impulsos que se levantavam dentro de mim eram, na sua maioria, miseravelmente esmagados ao surgir, sem chegarem a ver a luz.

Sabe-se quanto os companheiros habituais exercem influência sobre os nossos espíritos e maneiras. Aqueles cujas ocupações nos estão sempre presentes, cujas palavras ouvimos constantemente,

hãõ de por força influenciar-nos, mesmo contra nossa vontade, com os seus atos e com as suas palavras, gradualmente, impercetivelmente. Não posso avaliar até que ponto chega esse irresistível poder de assimilação, mas, se um homem civilizado fosse condenado a passar a sua vida entre uma raça de selvagens intratáveis — a menos que tivesse poder para os aperfeiçoar — pergunto a mim mesma se, passado tempo, não ficaria ele próprio meio selvagem. Ora eu, como não conseguia melhorar os meus companheiros, receava muito que eles me tornassem pior, e que transformassem gradualmente os meus sentimentos e os meus hábitos, pondo-os ao nível dos seus, sem contudo partilharem comigo a sua alegre crueldade e a sua vivacidade descuidada.

Pelo menos já me parecia sentir a inteligência alterar-se-me, o coração empedernir-se-me e a alma contrair-se-me; e tremia com a ideia de que os meus sentimentos morais se evaporassem, que as minhas noções do bem e do mal se confundissem e que as minhas melhores faculdades desaparecessem sob o jugo dessa maneira de viver. Grossas emanações terrestres se estavam condensando à minha volta e tapando-me o céu. Encontrava-me eu nesta disposição de espírito quando Mr. Weston me apareceu, como a estrela da manhã acima de um horizonte estreito, salvando-me de uma escuridão maior. Alegrei-me por ter qualquer coisa para onde olhar, qualquer coisa que me era superior, que me ultrapassava. Senti-me contente com a ideia de que o mundo não estava cheio apenas de Bloomfields, de Murrays, de Hatfields, etc., e consolei-me pensando que a bondade humana não é mero sonho. Quando se ouve dizer bem de uma pessoa a várias criaturas, e não se ouve dizer mal a ninguém, é fácil e agradável imaginar mais ainda. Em resumo, é talvez inútil analisar todos os meus sentimentos, mas o caso é que o domingo se tornou para mim um dia particularmente agradável — já quase me habituara ao canto da carruagem. Gostava de ouvir e de ver Mr. Weston, embora soubesse que não era bonito, nem sequer agradável o seu aspeto exterior, mas má pessoa é que não era, com certeza.

A sua estatura era pouco inferior à mediana, as feições podiam considerar-se demasiadamente definidas para serem belas. Aos

meus olhos, porém, essas feições indicavam firmeza de caráter. Os seus cabelos não andavam cuidadosamente tratados, como os de Mr. Hatfield: penteava-os para o lado, descobrindo a fronte alta e branca; as sobrancelhas creio que eram proeminentes de mais, mas, por debaixo delas, brilhavam uns olhos singularmente firmes, de cor escura, não muito grandes, mas muitíssimo brilhantes e expressivos. A boca também tinha caráter, havia nela qualquer coisa que indicava um homem de resoluções firmes, habituado a pensar, e, quanto ao sorriso..., mas não falemos dele agora, porque, até o momento de que estou a falar, não o vira ainda sorrir, e o seu aspeto geral não dava a impressão de que fosse pessoa acostumada a sorrir, nem se adivinhava que fosse tal como os lavradores o descreviam. Contudo já formara o meu juízo a respeito dele e estava convencida de que era homem de grande senso, de fé muito firme, de piedade ardente, inteligente e austero; e quando percebi que essas qualidades se juntavam a uma benevolência verdadeira e a grande bondade alegrei-me ainda mais, porque não esperava tanto.

Capítulo 12 — O Aguaceiro

Só fiz novamente uma visita a Nancy Brown na segunda semana de março, porque, embora tivesse vários pedaços livres no decorrer do dia, raras vezes podia contar com uma hora seguida, pois, andando tudo à mercê dos caprichos de Miss Matilda e da irmã, não era possível haver regularidade nem método. Estivesse fazendo o que estivesse, ocupada ou não com coisas delas, precisava de ter sempre os sapatos nos pés e o chapéu à mão, porque, se não acorria logo ao chamamento, consideravam isso grave ofensa, tanto elas como a mãe; e até as próprias criadas, que vinham chamar-me a correr, diziam: «tem de vir imediatamente ao quarto de estudo, as meninas estão à espera!...» Que horror, esperar pela própria precetora!

Desta vez tinha a certeza, de estar livre durante umas duas horas. Matilda preparava-se para ir dar um grande passeio a cavalo, e Rosalie estava a arranjar-se para um jantar em casa de Lady Ashby. Aproveitei, pois, a ocasião para ir a casa da viúva, e encontrei-a muito ralada por causa do gato que ainda não voltara desde pela manhã. Sosseguei-a, contando várias histórias referentes à tendência desses bichos para se demorarem nas suas digressões.

— Só tenho medo do guarda campestre — disse ela. — Se as meninas estivessem pelo parque também me lembraria que tivessem atirado os cães contra o pobre bichano, como têm feito de outras vezes, mas assim estou mais sossegada.

Nancy passava melhor dos olhos, mas ainda longe de estar bem. Começara uma camisa domingueira para o filho, mas, como só podia trabalhar pouco tempo, ia muito devagar, embora a camisa estivesse a fazer muita falta ao rapaz. Ofereci-me para a ajudar, depois de lhe ter feito um pouco de leitura, porque me considerava livre bastante tempo e não precisava de regressar antes do entardecer. Aceitou agradecida.

— Ao mesmo tempo faz-me companhia, Miss — disse ela. — Sinto-me muito só sem o meu gato.

Quando, depois de ter lido, estava a costurar, com o vasto dedal de Nancy espetado no dedo com a ajuda de um rolinho de papel, fui interrompida pela entrada de Mr. Weston com o bichano ao colo. Vi nessa ocasião como ela sabia sorrir muito agradavelmente.

— Acabo de lhe prestar um bom serviço, Nancy — disse, depois de me ter baixado a cabeça, a cumprimentar. Mr. Hatfield ou outro da sua igualha, não daria sequer pela minha existência. — Acabo de arrancar o seu gato das mãos do guarda campestre de Mr. Murray.

— Deus lhe pague, meu senhor — exclamou a velhota muito grata, quase a chorar de alegria, pegando no seu predileto.

— Tenha cuidado — disse Mr. Weston — não o deixe aproximar das armadilhas dos coelhos, senão o guarda campestre dá cabo dele, segundo diz. E já hoje o tinha feito, se eu não chego. Parece-me que chove, Miss Grey — acrescentou suavemente, vendo que eu dobrava o trabalho e me preparava para partir. — Não quero incomodar, só me demoro uns minutos.

— Podiam demorar-se ambos um pouco, até passar o aguaceiro — disse Nancy, espartando o lume e aproximando outra cadeira — há espaço para todos.

— Vejo melhor aqui, obrigada, Nancy — repliquei, encaminhando-me para a janela com o trabalho, onde ela me deixou sossegada enquanto pegou numa escova para tirar os pelos de gato do fato de Mr. Weston; depois sacudiu-lhe a chuva do chapéu e deu comida ao gato, falando sempre, ora para agradecer ao seu amigo pastor ter-lhe salvo o bicho, ora admirando-se do bichano encontrar as capoeiras e as armadilhas, ora lamentando as consequências de semelhante descoberta. Ele escutava com um sorriso tranquilo e bem disposto e por fim sentou-se para corresponder aos convites repetidos que ela lhe fazia, mas voltando a dizer que não podia demorar-se.

— Tenho outra visita a fazer e vejo — acrescentou, olhando para a Bíblia que estava sobre a mesa — que já houve quem estivesse a ler.

— Sim, meu senhor, Miss Grey teve a bondade de me ler um capítulo e agora está a ajudar-me a fazer uma camisa para o meu Bill. Só receio que aí apanhe frio. Não quer aproximar-se do lume, Miss Grey?

— Não, obrigada, Nancy, tenho de me ir, logo que passe o aguaceiro, e por ora estou muito quentinha.

— Oh! Miss, tinha-me dito que podia demorar-se até ao escurecer! — exclamou a insensata mulher.

Mr. Weston pegou no chapéu.

— Não, meu senhor, peço-lhe que não saia enquanto chover.

— Mas custa-me privar a sua amiga da lareira.

— Com certeza que não, porque há muitíssimo lugar!...

— Miss Grey — disse ele, desejando mudar de assunto, quer tivesse alguma coisa especial a dizer-me quer não. — Agradeço-lhe, se quiser apresentar as minhas desculpas ao fidalgo, quando o vir. Estava perto, quando salvei o gato de Nancy e creio que não gostou. Respondi-lhe que ele podia passar mais facilmente sem coelhos do que Nancy sem o seu gato e ele respondeu a esta afirmação audaciosa com palavras um tanto rudes; ora creio que lhe retorqui mais animadamente do que seria para desejar...

— Deus do Céu, espero que se não tenha indisposto com o patrão por causa do meu gato.

— Não tem importância, Nancy, não tem importância nenhuma. Não lhe disse nada inconveniente, pela minha parte e quanto a Mr. Murray acho que usa termos um tanto ásperos quando o fazem zangar.

— Lá isso é verdade, meu senhor, até é uma pena.

— E agora preciso realmente de partir, tenho de fazer outra visita a cerca de uma milha daqui, e não hão de querer que volte já noite fechada. Aproveito agora, que a chuva está quase passada. Boa tarde, Nancy. Boa tarde, Miss Grey.

— Boa tarde, Mr. Weston; mas creio que não pode contar comigo para fazer as pazes com Mr. Murray, porque raramente o vejo, e nunca lhe falo.

— Não! Não posso então contar com a sua ajuda? — replicou com ar resignado. — Paciência. Parece-me que o fidalgo teria talvez

mais de que justificar-se do que eu, no fim de contas. — E lá se foi.

Continuei com a minha costura enquanto tive luz, e nessa altura despedi-me de Nancy, respondendo aos seus agradecimentos com a afirmação de que só fizera por ela o que ela teria feito por mim em idênticas circunstâncias.

Voltei a toda a pressa para Horton Lodge. Assim que entrei no quarto de estudo achei a mesa de chá muitíssimo desarranjada, cheia de chá entornado, e Miss Matilda de muito mau humor.

— Miss Grey, onde diabo se meteu? Tive de tomar chá sozinha há mais de meia hora, e vi-me obrigada eu própria a fazê-lo! Por que não veio há mais tempo?

— Fui visitar Nancy Brown. Pensei que se demorasse mais a passear.

— Quem pode passear com um tempo destes? — Este maldito aguaceiro já me arreliou bastante. Ter de voltar, quando me apetecia passear, chegar a casa e não encontrar ninguém para o chá! Sabe perfeitamente que não faço o chá a meu gosto.

— Não pensei que o aguaceiro a fizesse voltar — repliquei. Realmente essa ideia não me passara pela cabeça.

— É sempre assim. Como estava abrigada, foi incapaz de pensar nos outros.

Suportei os seus desabafos com uma calma extraordinária, mesmo com certa jovialidade; tinha a certeza de ter feito maior bem a Nancy Brown do que prejudicado a minha aluna, e é possível que ainda outros pensamentos ocupassem o meu espírito e me ajudassem a beber a minha chávena de chá, já frio e choco, e a suportar o desalinho da mesa, e, pior do que isso, a cara carrancuda de Miss Matilda. Depressa, porém, se encaminhou ela para os estábulos, e me deixou em paz, entregue à minha solitária refeição.

Capítulo 13 — As Primaveras

Agora Miss Murray ia sempre duas vezes à igreja., porque gostava de ser admirada, e não podia suportar a ideia de perder qualquer oportunidade para isso. Tinha a certeza de encontrar aí, quer estivessem Harry Meltham e Green quer não, alguém não de todo insensível aos seus encantos, além do Reitor, cujo cargo oficial o obrigava a atendê-la.

Em geral, se o tempo o permitia, tanto ela como a irmã queriam voltar para casa a pé. Matilda, porque detestava ir fechada dentro da carruagem, Rosalie, porque detestava, ir só connosco e preferia a companhia, que geralmente tinha durante metade do caminho, desde a igreja até ao portão do parque, de Mr. Green. Logo a seguir começava o caminho privativo de Horton Lodge, que se desviava, enquanto a estrada continuava até à morada mais distante, que era a de Sir Hugh Meltham. Deste modo havia muitas probabilidades de ser acompanhada, por Harry, por Miss Meltham, por Mr. Green e pelas irmãs e ainda por visitas que viessem com eles. Ir com elas ou seguir de carro com os pais dependia do capricho do momento. Se preferiam levar-me, lá ia eu. Se preferiam, por motivos só delas conhecidos, ir sós, eu tomava assento na carruagem.

E preferia ir a pé, mas a relutância que sentia, em impor á minha presença a quem não a desejava, obrigava-me a mostrar completa indiferença nestas ocasiões e á nunca inquirir das razões que as levavam a decidir.

Era sem dúvida o melhor partido a tomar, porque a obrigação da precetora aqui era submeter-se, e às alunas competia resolver. A primeira parte do percurso era muito aborrecida para mim. Nenhuma das pessoas mencionadas dava pela minha presença, e era-me desagradável caminhar ao lado delas, como se fosse a ouvir o que diziam, ou como se desejasse fazer parte do grupo enquanto falavam entre si, sobre a minha cabeça ou através da minha pessoa, e, se por acaso os seus olhos se pousavam em mim,

parecia que olhavam para o vácuo, como se desejassem não me ver, ou pelo menos quisessem demonstrar que era assim... Também não era agradável caminhar atrás deles, pois dava a impressão de reconhecer a minha inferioridade, quando, na realidade, me considerava perfeitamente igual a eles, preferindo que soubessem ser assim mesmo, e que não imaginassem me considerava como uma criada, a qual, reconhecendo a sua situação, não pretende sequer caminhar ao lado de senhoras e cavalheiros tão distintos, embora as meninas lhes dessem a honra de querê-la na sua companhia e conversassem com ela à falta de melhor. Nestas condições — e é com vergonha que o digo — preocupava-me bastante em aparentar (se ia com eles) que me sentia perfeitamente indiferente à presença deles, e em parecer completamente absorvida com os meus próprios pensamentos ou com a contemplação dos campos que me rodeavam, ou, então, ficava um pouco para trás, como para ver melhor qualquer pássaro, qualquer inseto, qualquer árvore ou flor que me chamassem a atenção e que gostava de observar melhor, e lá ia prosseguindo o meu passeio sozinha, até que as minhas alunas se despediam dos amigos e ingressavam no caminho privativo de sua casa.

Numa destas ocasiões, lembro-me perfeitamente, era uma linda tarde de fins de maio, Mr. Green e as irmãs tinham despedido a carruagem para gozar o sol brilhante e a suavidade do ar, dando um passeio até casa, com os seus hóspedes, o capitão e o tenente qualquer-coisa, e com Matilda e Rosalie Murray, que naturalmente se lhes tinham associado. Com certeza que era passeio muito agradável para Rosalie. Pela minha parte, achando-o muito menos interessante, principiei à procura de flores pelos relvados e pelas sebes, até que me afastei bastante do grupo e pude ouvir o canto alegre e suave de uma cotovia. Senti que toda a minha misantropia desaparecia com a brisa ligeira e com o sol delicioso, mas acudiram-me pensamentos tristes, recordações da minha meninice, e senti saudades de alegrias passadas e de projetos de um futuro melhor. Enquanto os meus olhos se encantavam com os valados forrados de relva tenra, e de plantas com folhinhas novas, suspirava por alguma flor que me fosse familiar e me recordasse os vales e as

colinas da minha terra natal; nos matagais de urze era melhor nem pensar. Se descobrisse urze, com certeza que os olhos se me arrasariam de água; nessa época era um dos meus prazeres doentios. Finalmente descobri, bastante acima do plano onde eu estava, entre as raízes contorcidas de um carvalho, três lindíssimas primaveras a espreitar, muito fresquinhas, do seu esconderijo, e as lágrimas rebentaram-se dos olhos. Estavam tão alto, que tentei em vão colher uma delas, para a levar comigo e me ajudar a sonhar. Não a alcançava senão saltando o valado, o que não cheguei a fazer, porque ouvi passos a aproximarem-se, e já estava para desistir quando uma voz disse as seguintes palavras atrás de mim: «Permita-me que as colha para lhas oferecer, Miss Grey», pronunciadas naquele tom sério e com aquela voz grave, que já me eram familiares.

Imediatamente as flores foram colhidas e pude apertá-las na mão. Era Mr. Weston. Quem se daria ao trabalho de fazer isso por mim, senão ele?

Agradei-lhe, mas não saberia dizer se o fiz com frieza, se com entusiasmo. O que pela certa não soube foi exprimir toda a gratidão que senti. Era talvez loucura sentir gratidão, mas pareceu-me, naquele momento, que um ato tão simples fora um exemplo notável das suas qualidades e da sua bondade; eu não podia retribuí-lo, mas nunca esqueceria tal gesto, tão pouco acostumada estava a receber atenções, e tão pouco as esperava de alguém, distante como me encontrava da minha casa.

Apesar disto não pude deixar de me sentir pouco à vontade na presença dele e fiz menção de alcançar as minhas alunas, apressando o passo.

Estou convencida de que, se Mr. Weston me tivesse deixado prosseguir sem dizer uma palavra, em menos de uma hora estaria profundamente arrependida, mas tal não aconteceu. O que para mim era caminhar depressa, era, para ele, o seu passo habitual.

- Então as suas alunas deixaram-na sozinha? — disse ele.
- Deixaram. Vão muito bem acompanhadas.
- Nesse caso não se canse para as alcançar.

Retardei o passo, mas logo me arrependi de o ter feito. O meu companheiro não falava, eu não achava coisa alguma para dizer e receava que lhe estivesse acontecendo outro tanto. No fim de algum tempo foi ele quem quebrou o silêncio, perguntando, com aquele ar brusco que lhe era peculiar, se eu gostava de flores.

— Gosto muito — respondi — principalmente de flores silvestres.

— Também gosto de flores silvestres — acrescentou. — As outras dizem-me pouco, talvez porque não tenho recordações ligadas a elas. A não ser a uma ou duas. Quais são as flores que prefere?

— Gosto muito de primaveras, de campainhas azuis e de florinhas da charneca.

— De violetas não?

— Não... talvez porque não se ligam a nenhuma recordação particular, como o senhor disse há pouco. Não há violetas nas colinas rudes nem nos vales ásperos que rodeiam a minha casa.

— É para si uma grande consolação ter a sua casa, Miss Grey — observou o meu companheiro, depois de uma curta pausa. — Embora lá vá raras vezes e esteja muito afastada, sempre é um refúgio para onde pode olhar.

— Para mim representa tanto, que julgo não poderia viver se a não tivesse — repliquei com entusiasmo de que me arrependi logo, pois tive a impressão de que fora patético.

— Podia, sim — respondeu com um sorriso e ao mesmo tempo com ar pensativo. — Os laços que nos prendem à vida são mais fortes do que muitas vezes imaginamos, ou do que supõe quem nunca sentiu quanto se podem forçar esses laços sem quebrá-los. Seria infeliz se não tivesse a sua casa, mas continuaria mesmo assim a viver e não se sentiria tão desgraçada como poderia imaginar. O coração humano é como a borracha, uma coisa pequena o faz inchar, mas uma coisa muito grande dificilmente o estala. Se às vezes uma coisa de nada o perturba, é preciso outra enorme para o quebrar. Tal como acontece com a parte exterior do corpo, onde há um poder vital que lhe é próprio e dá resistência às violências que vêm do exterior, assim cada pancada que fere o

coração torna-o capaz de receber pancadas maiores, como um trabalho constante com as mãos endurece a pele e reforça os músculos, em vez de os prejudicar. É por isso que um ofício que poria em ferida as mãos de uma senhora não faz a menor impressão a uma camponesa rude. Falo um pouco por experiência própria. Já houve tempo em que pensei do mesmo modo... pelo menos estava convencido de que o lar e a afeição dos nossos eram as únicas coisas que tornavam a vida suportável e que privada delas a existência se tornaria um fardo difícil de aguentar. Agora não tenho casa, a não ser que queira dar esse nome pomposo aos dois quartos alugados em Horton, e ainda não há um ano que perdi a última e a mais cara das pessoas de minha família. Contudo, ainda vivo e nem sequer me sinto destituído de esperança e de bem-estar, mesmo nesta vida. Devo, em todo o caso, confessar que raras vezes entro numa casinha humilde, ao cair da tarde, e vejo os seus moradores, pacificamente reunidos em volta do lume, sem sentir quase inveja dessa felicidade familiar.

— Mas ainda não pode saber a felicidade que o espera — disse eu — está agora no começo da viagem.

— A maior felicidade já eu possuo é o desejo de me tornar útil.

Tínhamo-nos aproximado da cancela que conduzia ao caminho da herdade onde Mr. Weston tencionava *tornar-se útil*, segundo creio. Despediu-se, empurrou a cancela e seguiu pelo caminho, com o seu passo habituai, firme e elástico, deixando-me a pensar nas suas palavras, enquanto seguia sozinha. Já alguém me tinha dito que ele perdera a mãe uns tantos meses antes. Era ela então a mais querida de todos, e ele tinha ficado sem lar. Senti muita pena e quase tive vontade de chorar, tão grande era a minha simpatia. Devia ser essa a causa da ruga permanente que lhe atravessava, a fronte e lhe criara fama de tristonho e intratável, na opinião de Miss Murray e dos da sua igualha. «Mas», pensei eu, «não é tão infeliz como eu seria no caso dele. Leva uma vida ativa e tem na sua frente um vasto campo onde se pode tornar útil. há de arranjar amigos e construir o seu lar, se quiser, e com certeza que quer. Deus permita que aquela com quem o partilhar seja capaz de lhe

fazer feliz a casa, tão feliz quanto ele merece! E que bom deve ser...» Mas não importa o que pensei mais.

Comecei este livro com a intenção de não ocultar coisa alguma. Que aqueles a quem isto possa interessar colham ao menos o benefício de perscrutar um coração humano. Contudo há por vezes pensamentos que só os anjos poderiam contemplar e nunca os homens, nossos irmãos, mesmo os melhores, os mais bondosos.

Entretanto os Greens tinham entrado em casa, e as Murray iam já pelo caminho que lhes era privativo, por onde me apressei a seguir. Encontrei as raparigas em animada discussão sobre os méritos dos dois oficiais. Ao avistar-me, Rosalie cortou o que estava a, dizer para exclamar maliciosa:

— Oh! Oh! Miss Grey! Até que enfim. Já me não admiro que goste de ficar para trás, nem me admira que se oponha terminantemente quando ouve atacar Mr. Weston. Ah! Ah! Agora sim, percebo!...

— Miss Murray, não diga tolices — respondi, tentando rir, bem humorada — sabe que isso é um tal disparate que nem me chego a importar que o esteja para aí a dizer.

Ela, porém, começou a falar de tal maneira, ajudada pela irmã, que julguei dever dizer qualquer coisa em minha defesa.

— Tudo isso é um disparate. Lá por uma vez o caminho de Mr. Weston ser aquele por onde eu ia e por ele se ter lembrado de dizer meia dúzia de palavras durante os metros que seguimos juntos, que tem isso de extraordinário?!... Só tinha falado com ele uma outra vez.

— Onde? Onde? Quando? — perguntaram, ansiosas.

— Em casa de Nancy Brown.

— Ah! Ah! Encontrou lá! — exclamou Rosalie, com uma risada.

— Agora, Matilde, agora percebo, por que é que ela gosta tanto de ir visitar Nancy. Vai namorar o pastor.

— Realmente, que tolice! Só o encontrei lá uma vez... e como podia eu saber que ele vinha atrás de nós?

Começava a irritar-me com o disparate e deixei de justificar-me mais. Elas, que já tinham rido o bastante, voltaram a falar do capitão e do tenente, e, enquanto discutiam, a minha indignação foi

abrandando. Esqueci, mesmo, o que me fizera irritar, e dei aos meus pensamentos um rumo mais agradável. Atravessámos assim o parque, entrámos em casa, subi as escadas que levavam ao meu quarto e nessa altura já tinha só um desejo a encher-me o coração. Penetrei no quarto, fechei a porta e caí de joelhos, pedindo com fervor:

— A ti tudo é possível, Meu Pai. Possa isto ser do teu agrado. Esta súplica pareceria ridícula a todas as criaturas, homens ou mulheres. Mas Meu Pai, tu não vais abandonar-me. — Disse isto e senti que era verdade. Pareceu-me que implorava também a felicidade de outra criatura tanto como a minha própria. Talvez me estivesse iludindo a mim mesma, mas essa ideia deu-me força para implorar e para ter esperança de não suplicar em vão.

Quanto às primaveras, pus duas delas no meu quarto, num copo com água, até que murcharam completamente e a criada as deitou fora. As pétalas da terceira apertei-as entre as páginas da minha Bíblia — ainda aí as guardo, e espero nunca mais as tirar de lá.

Capítulo 14 — O Reitor

O dia imediato esteve tão bonito como o precedente. Logo depois do almoço, Miss Matilde, deu as suas lições a correr, que pouco lhe aproveitaram nessas condições, e depois de ter martelado no piano durante meia hora, terrivelmente mal disposta com ele e comigo, porque a mãe a não autorizara a que fizesse feriado, lá se escapuliu para os seus lugares favoritos: o pátio, as cavalariças e os canis.

Miss Murray fora dar um passeio, levando por companheiro um novo romance. E eu ficara no quarto de estudo, trabalhando numa aguarela que estava fazendo para ela, e que desejava ficasse pronta nesse mesmo dia.

A meus pés dormitava um cãozinho de pelo áspero. Era propriedade de Miss Matilda, que o detestava e o queria vender, alegando que o bicho estava completamente desnorteado e que nem sequer conhecia a dona. O facto é que se tratava de um animal muito bom, que ela comprara ainda cachorro. Primeiro insistiu para que ninguém lhe tocasse, a não ser ela, mas cansou-se depressa de tratar de um bicho tão pequenino e entregou-o aos meus cuidados, e, como o cão foi tratado por mim desde muito pequeno, era-me dedicadíssimo, e eu teria apreciado muito essa recompensa aos meus cuidados, se a gratidão do pobre *Snap* não o arriscasse á ouvir palavras duras e a apanhar o seu pontapé da dona, e se não o pusesse mesmo em risco de ser vendido, entregue a qualquer dono que o não estimasse. Mas como podia eu impedir? Não podia maltratar o cão para obrigá-lo a não gostar de mim, e a dona não sábia cativá-lo. Ora, quando estava trabalhando tranquilamente, apareceu-me Mrs. Murray um tanto afadigada.

— Miss Grey — começou ela. — Não sei como consegue estar para aí a desenhar com um dia assim! — Pensava, sem dúvida, que eu estava trabalhando para mim. — Admiro-me que não ponha o seu chapéu e que não vá ter com as pequenas.

— Estou convencida, minha senhora, de que Miss Murray está a ler e Miss Matilda a brincar com os cães.

— Se tentasse distrair um pouco mais Miss Matilda, já ela não se via obrigada a ir divertir-se com os cães e com os cavalos e a ir para o pé dos criados, e se se mostrasse um pouco mais cuidadosa com Miss Murray já ela não iria tantas vezes passear sozinha pelos campos com um livro na mão. Não digo isto para a magoar — acrescentou, vendo-me corar até à raiz dos cabelos e notando que as mãos me tremiam. — Não seja tão suscetível, por favor. Isto é apenas falar. Diga-me, se sabe, onde foi Rosalie e por que preferiu ir só.

— Diz que gosta mais de ir só, quando tem um livro para ler.

— Mas por que não lê dentro do parque ou no jardim? Para que sai para os campos? E como é que Mr. Hatfield arranja sempre maneira de a encontrar? Já a semana passada ela me disse que o tinha encontrado e que seguira a cavalo ao lado dele e agora estou certa de que o vi, da janela do meu quarto de vestir, caminhar muito apressado perto do portão do parque e dirigisse para os campos onde ela costuma passear. Queria que fosse ver se ela lá está e lhe fizesse notar, brandamente, que não é próprio de uma menina da sua categoria e com a sua apresentação passear assim sozinha, exposta à atenção de quem se lhe queira dirigir, como se fosse uma rapariga pobre e desprezada, sem ninguém para cuidar dela, nem amigos para a vigiarem. Além de que o pai ficaria muito zangado se soubesse que trata Mr. Hatfield com tanta familiaridade... Ai, se alguma precetora, tivesse metade do cuidado e da vigilância que tem uma mãe, ter-me-ia agora poupado este incómodo, porque já teria percebido a necessidade de vigiá-la e por isso teria tornado a sua companhia agradável... Bem, vá, vá; agora não deve perder tempo — exclamou, vendo que eu, tendo abandonado os meus apetrechos de desenho, esperava que acabasse a sua repreensão.

Conforme as suposições da mãe, fui encontrar Miss Murray no seu campo favorito, fora do parque, e infelizmente acompanhada; a alta figura de Mr. Hatfield saracoteava-se, vagarosamente, ao lado dela.

E aí estava um problema para mim. O meu dever era interromper a entrevista; mas como devia proceder? Mr. Hatfield não era pessoa que se afastasse por ver aparecer uma pessoa tão insignificante como eu. Avançar e colocar-me do outro lado de Miss Murray, impondo a minha presença incómoda, sem dar por ele, era de uma rudeza que não queria usar, nem tão-pouco tinha coragem para gritar de longe que a chamavam lá em casa. Tomei a resolução de me encaminhar, vagarosamente, mas com firmeza, na direção deles, resolvida, se a minha presença não bastasse para pôr em fuga o galã, a dizer a Miss Murray que a mãe a mandava chamar.

Ela estava realmente bonita, enquanto caminhava devagar à sombra dos castanheiros em flor, esses velhos castanheiros que estendiam os longos braços por cima da paliçada do parque. Levava, o livro fechado numa das mãos e na outra uma hastezinha de murta, que lhe servia para manejar com grande encanto. Os brilhantes caracóis louros saíam-lhe em profusão do chapeuzinho e esvoaçavam com a brisa; tinha as mimosas faces animadas pela vaidade satisfeita e os lindos olhos azuis muito sorridentes iam olhando, sorrateiramente, ora para o seu admirador, ora para o raminho de murta.

Snap, porém, correndo à minha frente, interrompeu-a no meio de uma frase meio séria meio brincalhona, puxando-lhe pelo vestido e ladrando, até que Mr. Hatfield lhe administrou, com a bengala, uma boa pancada no lombo, que o fez voltar para ao pé de mim, ganindo de tal maneira que deu vontade de rir ao reverendo homem. No entanto, ao ver-me tão perto, pensou que devia talvez partir, e enquanto parei a afagar o cão, com piedade ostensiva, para mostrar quanto reprovava semelhante bordoadá, ouvi-o dizer:

— Quando a tornarei a ver, Miss Murray?

— Na igreja, creio eu — replicou ela — a não ser que os seus afazeres o tragam novamente até aqui, exatamente na ocasião em que calhe eu passar.

— Posso sempre arranjar maneira de ter que fazer nestes sítios, se souber quando a encontro.

— Mas não posso nem sei dizer-lhe. Sou tão pouco metódica que não tenho nunca a mínima ideia do que farei no dia seguinte.

— Então dê-me isto para me consolar — disse ele, estendendo a mão para o ramo de murta.

— Não, isso de modo nenhum.

— Dê, peça-lhe. Sentir-me-ei o mais infeliz dos homens, se mo não der. Não vai ser tão cruel que me negue uma coisa tão simples para si, e tão valiosa para mim — insistia com tal entusiasmo que parecia toda a vida dele depender daquilo.

Entretanto eu estava a poucos passos, esperando impacientemente que ele se fosse.

— Tome lá! Tome e vá-se embora — disse Rosalie.

Ele recebeu a dádiva alegremente murmurou ainda qualquer coisa que a fez corar e abanar a cabeça, com um risinho onde se traduzia bem que a sua contrariedade era afetada. Fez-lhe um cumprimento cortês e veio ter comigo.

— Já viu alguém assim, Miss Grey? — disse, ao chegar perto de mim. — Ainda bem que veio. Pensei que nunca mais me via livre dele, e estava com medo de que o papá nos visse.

— Já estavam aqui há muito tempo?

— Não, não estávamos há muito tempo, mas ele mostrava-se muitíssimo impertinente. Anda sempre por aí com o pretexto de que os deveres eclesiásticos o trazem a estes sítios, mas, na realidade, vem ver se me vê, e precipita-se logo que me avista.

— Pois sua mãe acha que não deve sair do parque sem vir devidamente acompanhada, exatamente para manter a distância os importunos. Avistou Mr. Hatfield vagueando perto dos portões, e despachou-me a toda a pressa para tomar conta de si, e também para a avisar...

— Oh! A mamã é tão aborrecida! Como se eu não soubesse tomar conta em mim! Tem-me moído por causa de Mr. Hatfield, e eu já lhe afirmei que podia ter confiança em mim. Nunca me esquecerei da minha condição nem mesmo pelo homem mais maravilhoso do mundo. O que eu gostava era que ele amanhã ajoelhasse a meus pés e me suplicasse a minha mão. Gostava de ter ocasião de lhe responder que estava enganado e que isso nunca

seria... Às vezes chega a dar-me vontade! Pensar que tenho tão pouco juízo que me vá apaixonar! Acho o amor coisa indigna de uma mulher! Detesto semelhante palavra, aplicada a alguém do nosso sexo. Uma preferência, ainda vá, mas nunca por um homem pobre como Mr. Hatfield, que não chega a ter setecentas libras por ano para se governar. Gosto de falar com ele, porque é inteligente e divertido. Só queria que Sir Thomas Ashby tivesse metade da simpatia que este tem... Além disso, sempre preciso de ter alguém para conversar e ele é o único que tem bastante espírito para vir até cá. Quando saio, a mamã não me deixa falar com mais ninguém a não ser com Sir Thomas — se está presente. Se não está, tenho de ficar atada de pés e mãos, com receio de que lhe vão contar coisas exageradas e lhe metam na cabeça que estou noiva, e segundo todas as aparências noiva de outro, ou então (e isso ainda é mais provável) a querida mãe dele pode ouvir coisas a meu respeito, donde conclua que não sou mulher digna do seu queridíssimo filho, como se o dito filho não fosse o maior velhaco de toda a cristandade, e como se qualquer mulher da mais vulgar decência não fosse sempre boa de mais para ele!...

— Isso será verdade, Miss Murray? E sua mãe, sabendo, quer que case com ele?

— Pois com certeza que é! A mamã sabe mesmo muito mais a respeito dele do que eu. Não me diz tudo com medo de que eu desanime, porque não calcula a pouca importância que ligo a semelhantes coisas. Sim, realmente não têm importância; mudará quando casar, como a mamã diz. Os devassos reformados são sempre os melhores maridos, toda a gente o sabe. Só queria que ele não fosse tão mau, mas não há por onde escolher, aqui no campo, e o papá não nos deixa ir a Londres...

— Quer-me parecer, em todo o caso, que Mr. Hatfield sempre vale um pouco mais.

— Pois vale, mas era preciso que fosse o senhor de Ashby Park. Se tal acontecesse, não havia que hesitar. O caso é este: tenho de ser senhora de Ashby Park, custe o que custar.

— Mas se, entretanto, Mr. Hatfield se convence de que gosta dele, não vê que vai ficar fortemente desiludido quando vir que se

enganou?

— Que importa lá! É o castigo da sua presunção. Atrever-se a pensar que eu podia gostar dele! Não há nada que me dê tanto prazer como abrir-lhe os olhos.

— Pois então quanto mais depressa o fizer, melhor.

— Lá isso não. Comecei por lhe dizer que gosto de me divertir à custa dele. Tenho tido até bastante cautela para que não perceba. É necessário que suponha ser capaz de me levar a gostar dele, para depois ter o castigo que merece.

— Não lhe parece melhor não lhe dar motivos para semelhante pretensão? — repliquei.

Mas tudo foi de balde. As minhas palavras só fizeram com que tomasse mais cuidado em me esconder os seus pensamentos. Nunca mais me falou do Reitor, mas eu percebia que o seu espírito, senão o coração, ainda estava preso a ele, e que resolvera conseguir outra entrevista, embora eu, segundo o desejo da mãe, me tivesse tomado companheira, permanente dos seus passeios. Ela persistia em vaguear pelos campos e pelas terras próximas da estrada. E quer falasse comigo, quer estivesse a ler o livro que trazia consigo, olhava todo o tempo em redor, ou fitava, a estrada, para ver se avistava alguém, e, se um cavaleiro aparecia ao longe, achava-o sempre péssimo, fosse lá quem fosse, só porque não era Mr. Hatfield.

«Com certeza», pensava comigo, «não sente por ele a indiferença, que ela própria julga e que pretende aparentar. Os cuidados da mãe não são tão disparatados como diz».

Passaram três dias sem que ele aparecesse. Na tarde do quarto dia, quando caminhávamos ao longo da paliçada que divide o parque, levando cada uma o seu livro (porque eu levava sempre qualquer coisa em que me pudesse ocupar, para o caso de não lhe apetecer conversar), subitamente, ela interrompeu a minha leitura exclamando:

— Miss Grey, quer ter a bondade de ir visitar Mark Wood e levar à mulher meia coroa da minha parte? Fiquei de lhe mandar qualquer coisa a semana passada e esqueci-me completamente. Olhe, aqui tem! — disse, entregando-me a bolsa e falando muito

depressa. — Não vale a pena estar a tirar aqui o dinheiro. Leve a bolsa e dê-lhe o que entender. Iria consigo, se não quisesse acabar de ler este livro. Já lá vou ter, assim que acabe. Vá depressa, sim? Não, espere, talvez seja melhor fazer-lhe também uma leitura. Passe antes por casa e traga de lá qualquer livro bom.

Fiz o que me pedia mas desconfiei de qualquer coisa por causa do inesperado da resolução, e olhei para trás antes de sair do campo. Lá estava Mr. Hatfield, ao fundo, perto do outro portão. Mandando-me a casa buscar um livro, tinha evitado que me cruzasse com ele na estrada. «Não tem importância», pensei, «não faz mal nenhum. Pobre Mark! Vai ficar todo contente com o dinheiro e provavelmente também aprecia o livro; se o Reitor conquistar o coração de Rosalie só terá a vantagem de lhe abater um pouco o orgulho, e se finalmente casarem será para ela a salvação de um destino pior!»

Mark Wood era o tal lavrador tuberculoso de que já falei. Estava muito mal. Miss Murray foi abençoada pelo moribundo, porque, se o dinheiro a ele para nada já servia, alegrava-o pela mulher e pelos filhos, que iam ficar órfãos tão cedo. Sentei-me e fiz um pouco de leitura durante certo tempo, e, depois de tentar confortá-los, a ele e à mulher, deixei-os. Não tinha dado cinquenta passos quando encontrei Mr. Weston, aparentemente a caminho do mesmo local. Cumprimentou-me sossegadamente, como costumava, e perguntou pelo doente e pela família, e, com uma espécie de inconsciente à-vontade quase fraternal, pegou no livro que eu levava na mão, e que estivera lendo, folheou-o, fez uns breves, mas justos comentários e entregou-mo. Falou depois de alguns infelizes que estivera visitando, aludiu a Nancy, reparou no meu cãozinho, que lhe estava cabriolando aos pés, falou ainda da beleza do dia e partiu.

Não conto esta conversa com pormenores, porque tenho a impressão de que não interessaria ao leitor como a mim me interessou e não porque a tenha esquecido. Pelo contrário, lembro-me perfeitamente, pois pensei nela durante esse dia e seguintes, não sei quantas vezes, e recordei todas as intonações da sua voz grave e clara, cada expressão dos seus olhos expressivos e cada

lampejo do seu sorriso agradável, mas fugidio. Receio bem que esta confissão vá parecer muito absurda, mas não importa. Já a escrevi, e quem a ler não conhecerá o autor.

Quando me pus novamente a caminho, sentindo-me feliz interiormente e contente com o que me rodeava, vi Miss Murray muito apressada ao meu encontro. O seu andar leve, as faces coradas, o sorriso radioso mostravam que também ela se sentia feliz. Correu para mim, meteu o braço no meu e sem recuperar o fôlego principiou:

— Miss Grey, deve sentir-se muito lisonjeada, porque lhe dou a honra de lhe contar o que me aconteceu, antes de falar nisso a mais ninguém.

— Que se passou?

— Oh! Muitas coisas! Em primeiro lugar, precisa de saber que Mr. Hatfield chegou, logo a seguir a ter-me deixado. Fiquei muito atrapalhada por causa do papá e da mamã, mas não podia pôr-me a correr atrás de si para a, chamar!... Oh, minha querida! Não lhe posso contar tudo, porque vem aí Matilda e tenho de me abrir com ela. Só lhe digo que Hatfield foi ainda mais audacioso, ainda mais galanteador, ainda mais extraordinariamente temo, pelo menos fez o possível... não foi muito bem sucedido, porque eu não deixei. hei de repetir-lhe tudo quanto me disse, noutra ocasião.

— Mas que lhe respondeu? Isso interessa-me muito mais!

— Também lho hei de dizer, noutra ocasião. Aconteceu eu estar muito bem disposta, mas, mesmo assim, tive o critério de, embora me mostrasse complacente e graciosa, não me comprometer. Mas calcule que esse vaidoso interpretou a minha amabilidade como lhe pareceu e finalmente teve esperança de que a minha indulgência fosse até ao ponto de... Imagine lá? Fez-me uma declaração!...

— E que lhe respondeu?

— Olhei para ele com o maior orgulho e com a maior frieza e expressei-lhe o meu espanto, dizendo que no meu procedimento nada tinha havido que justificasse as suas esperanças. Só queria que visse como ficou transtornado. Assegurei-lhe que o estimava, etc., mas que não podia corresponder, porque mesmo o papá e a mamã nunca dariam consentimento. «Mas se o dessem?»,

perguntou ele. «Estaria disposta?» «Certamente, Mr. Hatfield», repliquei com tal frieza que lhe tirei imediatamente qualquer esperança. Se visse como ficou mortificado, esmagado pela desilusão! Realmente tive quase pena dele. Contudo, voltou ainda a tentar, mais desesperado. Depois de um longo silêncio durante o qual se esforçou por se mostrar calmo e eu por me mostrar séria (sentia muitíssima vontade de rir) disse, com um sorriso contrafeito: «Mas diga-me francamente, Miss Murray, se eu tivesse a riqueza de Sir Hugh Meltham ou as esperanças do filho mais velho, recusar-me-ia? Responda-me com verdade, e pela sua honra!» «Com certeza», disse eu. «Seria a mesma coisa». Foi uma grande mentira, mas ele mostrava-se tão confiante nos seus atrativos que resolvi não deixar pedra sobre pedra. Olhou-me de frente, mas eu mantive-me com tal firmeza como se estivesse a dizer a pura verdade. «Então está tudo acabado, creio», continuou ele como se fosse ali morrer com a fúria e com a intensidade do desespero. Estava tão zangado como desiludido. Para ali estivemos ele sofrendo terrivelmente, e eu (a causa de tal desgosto) tão impenetrável e tão indiferente à metralha dos seus olhares e das suas palavras, tão calma e tão fria, que ele não podia deixar de sentir grande ressentimento. Então, disse, muito seco: «Não esperava isto, Miss Murray. Para falar verdade, o seu comportamento anterior e as esperanças que me alimentou dariam talvez que contar. Contudo, não falarei delas com uma condição.» «Não vejo que tenha condições a pôr», respondi, indignada com a insolência. «Então deixe-me pedir-lhe um favor», replicou baixando o tom imediatamente e mais humilde: «deixe-me esperar que não falará deste caso a ninguém. Se nada disser, não terá a mínima sensaboria... Os meus sentimentos tentarei guardá-los comigo, se não os puder aniquilar... Procurarei perdoar, se não puder esquecer a causado meu sofrimento. Não creio que avalie, Miss Murray, até que ponto me ofendeu. Mas se além da injúria que me fez (desculpe-me, inocente ou não, o caso é que me ofendeu), se quiser tornar público este caso infeliz, fique sabendo que, se tem que contar, eu também tenho, e se desdenhou do meu amor poderá desdenhar do meu...» Não continuou, mas mordeu os lábios sem

cor e mostrou-se tão feroz que me assustei. Contudo o meu orgulho ajudou-me a responder-lhe desdenhosamente: «Não sei o que o leva a supor que eu queira falar deste caso seja lá a quem for, mas se estivesse nessa disposição, não seriam as suas ameaças que me impediriam e nem sequer as acho dignas de um cavalheiro.» «Perdoe-me, Miss Murray», disse ele. «Gostei tanto de si (e ainda a adoro tão profundamente) que não queria ofendê-la, mas se é verdade que nunca gostei de uma mulher como gosto de si, também é verdade que nunca fui assim tratado. Pelo contrário, sempre encontrei no sexo a que pertence a bondade e a ternura mais perfeita!» Imagine o vaidoso! «E o inesperado, a dureza da lição e a amargura do logro devem desculpar as minhas palavras. Se a minha presença lhe é desagradável, Miss Murray», acrescentou porque eu desviara a vista para mostrar que me importava pouco com ele, «se a minha presença lhe é desagradável, basta que me prometa o que lhe pedi e ir-me-ei imediatamente embora. Há muitas senhoras (algumas mesmo nesta paróquia) que se sentiriam felizes em aceitar aquilo que desdenhou e estarão naturalmente inclinadas a odiar alguém cujos encantos me encheram o coração, afastando-me delas. Uma simples alusão ao que se passou, feita por mim, a uma delas bastará para levantar contra si tal maledicência que, sem dúvida, prejudicará grandemente os seus êxitos, diminuindo as suas probabilidades junto de cavalheiros que possam entrar nos seus planos ou nos de sua mãe». «Que pretende dizer?», respondi, pronta a zangar-me. «Quero dizer que todo este caso, do princípio ao fim, me dá a impressão de um *flirt* pouco sério, para não dizer pior... e sendo assim, talvez ache melhor que não se espalhe a fama pelos arredores, para mais com todas as adições e exageros que outras senhoras gostarão de acrescentar, desde que eu lhe dê o mais pequeno ensejo. Mas se me prometer que não diz nada, juro-lhe à fé de quem sou que nem uma palavra sairá dos meus lábios. «Já percebi. Pode estar certo do meu silêncio, se isso lhe dá consolação.» «Promete?» «Prometo», respondi para me ver livre dele. «Então, adeus!» exclamou em tom plangente e com um olhar em que o orgulho combatia o desespero,

e foi-se embora, desejoso, sem dúvida, de se fechar em casa, dentro do escritório, a chorar.

— Mas nesse caso está faltando à sua promessa desde já — disse eu, verdadeiramente horrorizada com tal perfídia.

— É só a si, não digo a mais ninguém.

— Espero que não. Mas já me foi dizendo que ia contar a sua irmã, e ela, por sua vez, contará aos irmãos, quando vierem a casa, e entretanto vai contar à Brown, se não for mesmo Miss Murray a contar-lho, e Brown vai espalhar por toda a parte ou arranjará quem o faça.

— Não, não espalha, nem nós lhe dizemos sem ela prometer guardar segredo.

— Como pode esperar que ela guarde segredo melhor do que as patroas?

— Bem, então não lhe digo nada — respondeu Miss Murray um tanto aborrecida.

— Mas vai contar pelo menos a sua mãe, que por sua vez irá contar a seu pai.

— Lá isso com certeza que hei de contar à mamã. É exatamente o que mais me agrada fazer, para a convencer de que não tinha razão com os seus medos.

— Oh, então é por isso, é por isso! Estranhava vê-la tão contente.

— Pois não é só por essa razão. Tenho ainda outro motivo. Desculpe-me a vaidade. Não pretendo possuir os atributos mais extraordinários do nosso sexo, mas, se visse a grande perturbação de Hatfield quando me fez aquela ardente declaração, se ouvisse os protestos lisonjeiros, e se visse, depois, a aflição dele, que nem os esforços do orgulho conseguiam esconder, quando tinha sido repellido, se tivesse visto, não deixaria de me felicitar.

— Principalmente pela aflição dele.

— Que disparate! — exclamou, toda zangada. — Não está a entender o que pretendo dizer, ou não quer. Se não tivesse confiança na sua generosidade, diria que sente inveja. Mas talvez queira perceber outras razões que ainda tenho para me sentir satisfeita comigo mesma. Refiro-me à minha prudência, ao meu

autodomínio, à minha falta de coração, se assim prefere. Não fiquei perturbada com a surpresa, nem confundida, nem encandeada. Atuei e falei, como devia, e estive sempre senhora de mim. E decididamente ele é um homem bem parecido. Jane e Susan Green acham-no muito bonito... creio que são elas as tais senhoras que gostariam de o conquistar. Realmente é um companheiro muito agradável, inteligente (não tão inteligente como a Miss Grey gosta) mas é uma pessoa que entretém, um homem que não envergonha em parte alguma e que não deve cansar. Para falar verdade, simpatizava com ele (muito mais do que com Harry Meltham) e ele evidentemente gostava muitíssimo de mim. Pois, com todas estas coisas a pesar na balança, tive a presença de espírito suficiente para o repelir fria e desdenhosamente. Tenho muito boas razões para me sentir orgulhosa.

— E também se sente orgulhosa por lhe ter dito que se ele tivesse a fortuna de Sir Hugh seria o mesmo, quando assim não é, e de lhe ter prometido que não diria nada á ninguém, sem a menor intenção de cumprir a sua promessa?

— Sem dúvida que sinto. Que queria que eu fizesse? Bem. Vejo que está mal disposta, Miss Grey. Aí vem Matilda, vou ver o que ela me diz mais a mamã.

Foi-se embora ofendida por eu não lhe mostrar simpatia e sem dúvida persuadida de que eu estava morta com inveja.

Estou firmemente convencida de que não era isso. Sentia-me triste por ela. Estava admirada de tanta vaidade e de tanta falta de coração. Pasmava de que tanta beleza tivesse sido dada a quem dela fazia tão mau uso, e, em compensação, fosse negada a outras que teriam beneficiado dela e favorecido o seu semelhante. Mas Deus lá sabe, concluí. Há, sem dúvida, homens vaidosos e egoístas, sem coração como ela, e as mulheres assim servem para puni-los.

Capítulo 15 — O Passeio

— Minha querida, preferia que Hatfield não tivesse sido precipitado! — disse Rosalie, por volta das quatro horas do dia imediato, com um bocejo. Pousou o trabalho de lã que estava fazendo e olhou para a janela, enfastiada. — Não há nada que nos leve a sair, e ainda menos há em que pensar. Os dias vão ficar tão estúpidos e tão compridos, quando não houver festas para os alegrar!... E esta semana não há nenhuma, e para a semana também não, que eu saiba.

— É pena que tenhas sido tão dura para com ele — observou Matilda, a quem eram dirigidas estas lamentações. — Nunca mais volta, e creio que gostavas dele, no fim de contas. Acho que podias muito bem tê-lo conservado como teu adorador e deixar Harry Meltham para mim.

— Ora! O meu adorador terá de ser um verdadeiro Adónis, e, além disso, muito cobiçado por todas as mulheres, para eu me contentar só com um. Lastimo ter perdido Hatfield, confesso, mas o primeiro homem possível, ou os primeiros homens possíveis que venham tomar-lhe o lugar, serão bem recebidos. Amanhã é domingo, estou com curiosidade de ver como ele vai cumprir os deveres religiosos. Talvez se desculpe com alguma constipação e se faça substituir por Mr. Weston.

— Nem penses nisso! — exclamou Matilda, com certa violência. — Não é homem para fazer tal coisa.

A irmã ficou um pouco ofendida, mas os acontecimentos provaram que Matilda tinha razão. O triste namorado cumpriu os seus deveres de pastor na forma do costume. Rosalie afirmou que o achava muito pálido, mas a diferença, se alguma havia, era impercetível. Quanto ao mais, não lhe ouvi realmente o riso na sacristia, como era costume, nem lhe ouvi a voz, falando alegremente; mas, em compensação, ouvi-a erguer-se de tal maneira para descompor o coveiro, que todos os fiéis tremeram, e, quando se encaminhou do púlpito para a mesa da comunhão, achei

que os seus movimentos eram mais pomposos e mais solenes, mas pareciam demonstrar um pouco menos de confiança em si mesmo... Parecia agora dizer: «Sei que todos me respeitam e me adoram, mas se tal não acontecesse, saberia defender-me com unhas e dentes!» Contudo a maior mudança foi nunca encaminhar a vista para a bancada de Miss Murray e não sair da igreja enquanto não partimos.

Mr. Hatfield recebera um grande choque, mas o seu orgulho impedia-o de o mostrar e todos os seus esforços tentavam disfarçá-lo. Tinham sido frustradas as suas esperanças não só de obter uma linda mulher, cheia de encantos, mas também uma fortuna e uma família que fariam brilhar os seus atrativos menos importantes. Sentia-se, por isso, sem dúvida nenhuma, muito mortificado com a recusa, e profundamente ofendido com o procedimento de Miss Murray. Ter-se-ia sentido consolado, se soubesse como ela ficou lograda por vê-lo tão pouco modificado de aparência, e por ter tido a coragem de nunca olhar para ela, embora houvesse declarado que se percebia muito bem estar só a pensar nela, e que se os olhos dele a não tinham fitado isso fora por mero acaso.

Mr. Hatfield também teria gostado de saber como ela se mostrou aborrecida toda a semana, por sentir a falta do incitamento a que já se habituara, como uma criança que, tendo comido muito depressa o doce, lambe os dedos e se lamenta da sua própria voracidade.

Finalmente, numa bela manhã, fui chamada a acompanhar Rosalie num passeio até à aldeia onde ia com o pretexto de comprar algumas lãs de cores, na modesta lojinha sustentada pelas senhoras dos arredores, mas, na realidade — e estou convencida de que não há falta de caridade em supor tal — para encontrar pelo caminho o próprio Reitor, ou qualquer admirador. Enquanto avançávamos, perguntou o que diria Hatfield se nos encontrasse, etc., etc. Quando passámos perto do portão de Mr. Green, lamentou que ele não saísse de casa e chamou-lhe por isso estúpido e cabeçudo.

Em certa altura a carruagem de Lady Meltham passou por nós e ela desejou saber o «que estaria Harry a fazer com um dia assim»

e em seguida começou a censurar o irmão mais velho por «se ter casado e ter ido viver para Londres».

— Mas que tem isso de extraordinário? Pensei que também tivesse intenção de ir viver para Londres.

— Pois tenho. Isto aqui é tão monótono!... Mas é pior ainda por ele se ter ido embora, e, se se não tivesse casado, podia contar com ele em vez de ter de suportar esse odioso Sir Thomas.

Notando que havia no chão marcas de patas de cavalo, quis saber se seriam do cavalo de algum fidalgo, e chegou à conclusão de que eram muito pequenas para pertencerem a um cavalo de tiro, ficando no ar para saber quem seria o fidalgo, e, finalmente, quando entrámos na aldeia e só vimos os seus humildes habitantes, pasmou e disse:

— Por que é que estes estúpidos não se metem em casa? — pois a aborrecia ver «caras de parvo e fatos tão ordinários... Não fora para isso que viera a Horton!»

Eu própria, devo confessar, também gostava de encontrar *alguém*, ou, pelo menos, de ver *alguém*, e, ao passarmos-lhe em frente de casa, admirei que esse *alguém* não estivesse à janela. Ao entrar na loja, Miss Murray desejou que eu ficasse à porta, enquanto fazia compras, para a chamar, se viesse qualquer pessoa. Infelizmente ninguém se mostrou, além dos camponeses, a não ser Jane e Susan Green, que desciam a rua sozinhas, como quem volta de um passeio.

— Que estúpidas — murmurou Miss Murray, quando saiu, depois de ter comprado as suas coisas. — Se não podiam ao menos ter trazido o irmão! Sempre era melhor que nada...

Em todo o caso mostrou-lhes o seu melhor sorriso e declarou-se contentíssima, por tê-las encontrado. Puseram-se-lhe uma de cada lado e principiaram a andar, brincando e rindo, como as raparigas fazem quando se encontram, mesmo não sendo muito íntimas. Eu, sentindo que estava a mais, deixei-as com a sua alegria, seguindo atrás, como era meu hábito nestas ocasiões, porque não gostava nada de me pôr a caminhar ao lado de Miss Green ou de Miss Susan, como se fosse surda muda, sem falar e sem que falassem comigo.

Isto, porém, não durou muito. Achei muitíssimo estranho que, indo eu a pensar em Mr. Weston, ele viesse ao meu encontro, mas, refletindo, achei perfeitamente natural, à parte o facto de ele me vir falar, porque estando uma manhã tão linda e achando-me tão perto de casa dele era naturalíssimo avistá-lo, e, quanto a pensar nele, toda a manhã isso me acontecera. Não havia, portanto, nada de extraordinário.

— Então vai outra vez sozinha, Miss Grey — disse ele.

— Pois vou.

— Que espécie de pessoas são essas Misses Green?

— Realmente não sei.

— É extraordinário, vivendo tão perto, e vendo-as tantas vezes!

— Creio que são alegres e boas raparigas, mas por certo que as conhece melhor do que eu, pois nunca troquei com elas uma só palavra.

— Sim! Não tinha notado que fossem particularmente reservadas.

— Provavelmente não o serão com as pessoas do seu meio. Consideram-se como pertencentes a uma esfera muito diferente da minha!

Não respondeu, mas depois de uma pequena pausa, disse:

— Creio que são essas coisas, Miss Grey, que a levam a pensar que não poderia viver sem um lar.

— Não é exatamente por essa razão. O facto é que sou demasiadamente sociável para poder viver sem ter amigos e sentir-me feliz apesar disso. Ora, como acontece que todos os meus amigos estão em casa, se um dia me faltassem, não digo que não pudesse continuar a viver, mas preferia não continuar a viver num mundo tão desolado.

— Mas por que considera esses os seus únicos amigos? É assim tão incapaz de arranjar quem goste de si?

— Não sei, o caso é que ainda não consegui, e na minha situação atual não é muito fácil, se não se arranjam anteriormente. A culpa, em parte, deve ser minha, mas não creio que o seja em absoluto.

— A culpa é, segundo julgo, em parte da sociedade, em parte daqueles que lhe estão mais perto, e em parte, talvez, sua, porque muitas senhoras nas suas condições procurariam fazer-se notadas. Mas as suas alunas deviam até certo ponto ser para, si boas companheiras; não podem ser muito mais novas.

— Sim, por vezes são boas companheiras, mas não posso considerá-las como amigas, nem elas nunca me dariam semelhante nome. Têm outras companheiras que convêm melhor aos seus gostos.

— Provavelmente é muito ajuizada em relação a elas. Como costuma distrair-se quando está só? Lê muito?

— Sim, gosto muito de ler, se tenho tempo e livros para tal.

De livros em geral, passámos a falar de alguns livros em particular, e, saltando de umas coisas a outras, chegámos a discutir pequenas questões de gosto e algumas preferências, durante essa meia hora, não sem que ele me interessasse bastante com várias opiniões pessoais, embora estivesse menos a dizer o que pensava do que a procurar conhecer os meus pontos de vista. Não tinha, porém, a arte, melhor, a habilidade, de perscrutar os meus pensamentos sem revelar os dele, mas a sua rudeza amável e a singeleza do seu espírito não podiam ofender-me; muito pelo contrário...

«Por que se preocupa ele com as minhas capacidades morais e intelectuais, e por que se interessará assim?» perguntava a mim própria. E o meu coração perturbava-se e não se atrevia a responder a tal pergunta.

Jane e Susan Green depressa chegaram a casa. Enquanto se demoravam ao portão, tentando convencer Rosalie a entrar, desejei que Mr. Weston se fosse embora de modo que esta não o visse, ao voltar-se. Infelizmente, o passeio dele tinha por fim levá-lo a visitar o pobre Mark Wood, e portanto seguia o nosso caminho até quase ao fim. Contudo, como visse que Rosalie se despedia das amigas, e que eu devia, ir ter com ela, fez menção de seguir mais apressado, mas como, elo passar por ela, tirei o chapéu amavelmente para cumprimentar, vi, com surpresa, que ela, em lugar de corresponder ao cumprimento com um simples baixar de cabeça, se dirigiu a ele

com o melhor sorriso, e, caminhando-lhe ao lado, desatou a falar com grande afabilidade e atenção, e assim continuámos todos três.

Depois de uma pequena conversa, Mr. Weston disse-me qualquer frase, aludindo a uma coisa a que nos referíamos anteriormente. Antes que eu tivesse tido tempo de responder, Miss Murray replicou e ampliou o assunto. Ele respondeu, e desde aí, até ao fim da entrevista, tomou conta dele por completo. Talvez que em parte a culpa fosse minha, da minha falta de tato e de confiança em mim própria, que assim se agravava ainda mais... Tremia, e escutava com inveja a sua eloquência fácil e rápida, vendo-o, com ansiedade, responder-lhe com um sorriso alegre, e, reparando que ela o olhava, de tempos a tempos, bem de frente, porque caminhava um nadinha adiante, com o propósito, creio, de se fazer ver, como se fazia ouvir. Se a sua conversa era ligeira e trivial, era também divertida e não perdia uma única ocasião de meter um dito de espírito. Nos seus movimentos não havia agora arrogância nem petulância, como quando caminhava com Mr. Hatfield; havia apenas uma espécie de vivacidade brincalhona e amigável, que devia agradar particularmente a um homem como Mr. Weston.

Quando ele partiu, Rosalie começou a rir e murmurou:

— Parece-me que consegui.

— Que consegui o quê? — perguntei.

— Domesticar este homem.

— Que quer dizer com isso?

— Quero dizer que vai para casa sonhar comigo. Entrei-lhe no coração.

— Como pode saber?

— Ora, tenho provas infalíveis, e a principal é o olhar que ele me deitou quando se despediu. Não foi um olhar impudente (evitei isso) foi antes um olhar de grande reverência e de tema adoração. Ah! Ah! Ah! Não é tão completamente estúpido como tinha pensado!...

Não respondi, porque sentia a garganta apertada e não poderia falar.

«Deus lhe acudirá!», exclamei interiormente. «Peço-o por ele, não por mim!»

Miss Murray fez mais algumas observações, enquanto atravessávamos o parque, às quais só pude responder por monossílabos (por maior que fosse a minha relutância em mostrar a comoção que sentia).

Se pretendia atormentar-me ou divertir-se simplesmente, não posso dizer, nem me importa. Sei apenas que não podia impedir-me de pensar na alegria do pobre com a sua única ovelha e na do rico com milhares de rebanhos, e apoquentava-me mais por Mr. Weston do que pelas esperanças que eu própria alimentara.

Senti-me feliz em poder voltar para casa e em chegar ao meu quarto. O meu primeiro impulso, quando cheguei, foi atirar-me para cima da cama e procurar alívio nas lágrimas, com a cabeça enterrada no travesseiro. Sentia um desejo irreprimível de me entregar a essa fraqueza mas, ai de mim!, tive mais uma vez de recalcar os meus desejos. A campainha tocou, a odiosa campainha que me chamava, para o jantar no quarto de estudo. E tive de descer com um sorriso calmo, tive de rir, de dizer tolices, e de comer — se consegui comer — como se tudo corresse o melhor possível e tivesse regressado de um passeio muito agradável.

Capítulo 16 — A Substituição

O domingo seguinte foi um dos dias mais sombrios desse mês de abril cheio de nuvens escuras e pesadas. Ninguém teve disposição para voltar à igreja a não ser Rosalie. Resolveu ir, na forma do costume, e mandou arranjar a carruagem, pedindo-me que a acompanhasse. Assim fiz, nada contrafeita, porque na igreja podia olhar quanto quisesse, sem receio de me tornar ridícula nem censurada, para um rosto que me era mais agradável do que quantas coisas Deus criara, e na igreja podia ouvir à vontade uma voz que me encantava mais do que as músicas mais suaves. Podia ainda ter a impressão de entrar em contacto com uma alma que me interessava tão profundamente e seguir os seus pensamentos mais puros e as suas aspirações mais sagradas, sem haver nada a misturar-se à minha felicidade, a não ser a voz da consciência que me segredava estar-me eu enganando a mim própria e estar misturando Deus aos interesses do meu coração fraco e humano, mais inclinado para a criatura do que para o Criador.

Tais pensamentos perturbavam-me bastante, mas aquietavam-me com a ideia de que não era o homem, mas a sua bondade, que eu amava, e de que, tratando-se de coisas puras, boas e honestas, não havia nunca prejuízo em pensar nelas. Devemos honrar a Deus nas suas obras e nas suas criaturas, e não conhecia outro ser onde brilhassem tantos dos atributos divinos, e onde o espírito estivesse tão marcado como nesse seu servo fiel.

Conhecê-lo e não o apreciar é que seria, da minha parte, insensibilidade e estupidez, eu que tinha tão poucas coisas elevadas com que ocupar o espírito e o coração.

Logo que as cerimónias acabaram, Miss Murray deixou a igreja, mas tivemos de esperar debaixo do alpendre, porque chovia e a carruagem ainda não chegara. Admirei-me de a ver sair tão apressada, porque nem o jovem Meltham nem Mr. Green estavam presentes. Depressa compreendi que fora para não perder a ocasião de ter uma pequena entrevista com Mr. Weston, quando ele

saísse, como, de facto, aconteceu. Depois de nos cumprimentar a ambas, fez menção de seguir, mas ela deteve-o, falando primeiro do mau tempo, depois perguntando-lhe se queria ter a bondade de ir ver, no dia seguinte, a neta da velhota que tratava da casita do porteiro, que estava doente e queria falar-lhe.

Ele prometeu.

— E a que horas poderá ir, Mr. Weston, sem lhe causar transtorno? A pobre velha gostava de saber a que horas devia esperar por si. Como decerto já notou, essa pobre gente gosta sempre de ter as coisas em ordem quando recebe pessoas de respeito. Dão a isso mais importância do que nós muitas vezes supomos.

Eram frases bem inesperadas da parte de Miss Murray.

Mr. Weston disse a hora que melhor lhe convinha. Era uma hora da parte da manhã. Entretanto a carruagem avançou e o trintanário esperava, de guarda-chuva aberto, para cobrir Miss Murray, quando esta atravessasse. Preparava-me para segui-la quando Mr. Weston, que também tinha um guarda-chuva, se ofereceu para me cobrir com ele, pois chovia com muita força.

— Não, muito obrigada, não tem importância nenhuma a chuva — disse eu. Falta-me sempre certo senso comum quando sou tomada de surpresa.

— Não gosta, em todo o caso, de a apanhar, creio! E de qualquer maneira um chapéu de chuva não lhe faz mal nenhum — replicou, com um sorriso que mostrava bem não se ter ofendido, como poderia acontecer a uma pessoa de menor penetração, em virtude da minha brusca recusa.

Em vista disto, não pude recusar e dirigi-me com ele para a carruagem; ofereceu-me a mão para me ajudar a subir — era desnecessário, mas aceitei, receando ofendê-lo. Ao afastar-se, olhou para mim de relance, sorrindo: foi um sorriso que durou um instante, mas pude ler nesse sorriso, melhor, através desse sorriso pude ver um intento que me acendeu na alma uma chamazinha de esperança, brilhante como nunca, até então.

— Se tivesse esperado um instante, tinha-lhe mandado o criado com o guarda-chuva, Miss Grey, não era preciso utilizar-se do

de Mr. Weston — observou Rosalie com uma expressão pouco amável no seu lindo rosto.

— Teria vindo perfeitamente sem guarda-chuva, mas Mr. Weston ofereceu-me o dele, e não podia recusar, mais do que fiz, sem ofendê-lo — repliquei, sorrindo placidamente, porque a minha felicidade íntima fazia com que me divertisse com coisas que noutra ocasião me feririam.

A carruagem pôs-se em movimento. Miss Murray inclinou-se para a frente e olhou pela portinhola, ao passarmos por Mr. Weston, que subia a calçada a caminho de casa e nem sequer voltou a cabeça.

— Estúpido animal! — exclamou, encostando-se no assento. — Pois não sabe o que perdeu em não ter olhado para trás.

— Que perdeu?

— Um cumprimento meu, que o levaria ao sétimo céu.

Não respondi; vi que ela estava mal disposta, e esse facto deu-me certa satisfação, não por vê-la zangada, mas pelas razões que a tinham levado a isso. Pareceu-me que as minhas esperanças não eram apenas o fruto dos meus desejos e da minha imaginação.

— Quero que Mr. Weston substitua Hatfield — disse a minha companheira, depois de uma pequena pausa, recuperando um pouco da sua alegria. — O baile em Ashby Park é na terça-feira, e a mamã acha provável que Sir Thomas se me declare. Estas coisas acontecem muitas vezes nos bailes, onde os cavalheiros são mais facilmente apanhados no laço, porque as senhoras estão mais atraentes. Ora, se me tenho de casar assim tão cedo, preciso gozar o melhor possível o presente. Resolvi que Hatfield não havia de ser o único homem a pôr o coração a meus pés, e a implorar o meu amor debalde.

— Se tem a intenção de que Mr. Weston seja uma das suas vítimas — disse eu com fingida indiferença — parece-me que para isso será obrigada, a avançar tanto, que depois achará difícil voltar para trás, quando ele lhe pedir que corresponda às esperanças que lhe fez nascer.

— Não creio que me peça alguma vez para casar com ele, nem é isso que pretendo. Seria, da parte dele, uma presunção inaudita.

Quero apenas que sinta o meu poder. Já sentiu, mas quero que chegue ao ponto de o confessar. Sejam lá quais forem as suas esperanças, terá de as guardar consigo. Quero apenas divertir-me durante algum tempo com o que daí resultar.

«Oxalá que algum espírito bom lhe segrede outras palavras», disse comigo.

Era revoltante de mais para que eu tivesse alguma coisa a responder-lhe, e durante o resto do dia não se tornou a falar em Mr. Weston, pelo menos que eu ouvisse.

Na manhã seguinte, logo depois do almoço, Miss Murray veio ao quarto de estudo, enquanto a irmã estava estudando, melhor, dando lição — porque não se podia chamar àquilo estudar — e disse-lhe:

— Matilda, quero que hoje, por volta das onze horas, vás dar um passeio comigo.

— Não posso, Rosalie! Tenho de dar várias ordens acerca do novo xairel e do freio, e preciso de falar com o caçador de ratos acerca dos cães. Miss Grey que vá contigo — disse Matilda.

— Não pode ser. Preciso de ti — retorquiu Rosalie; e, chamando a irmã para o vão da janela, segredou-lhe ao ouvido, até que ela acabou por consentir.

Lembrei-me então de que era essa a hora marcada por Mr. Weston para visitar a casita do porteiro, e percebi todo o plano.

Como não podia deixar de ser, durante o jantar tive de ouvir uma série de histórias referentes a Mr. Weston: como as tinha acompanhado pela estrada, como fora agradável o passeio, como se mostrara bom companheiro e como ficara deleitado com a condescendência de que Rosalie dera provas, etc., etc.

Capítulo 17 — Confissões

Vou entrar no campo das confissões, e devo portanto reconhecer que nessa altura dava mais atenção ao meu vestuário do que até aí. Isto não quer dizer que essa atenção fosse muita, porque, até esse momento, fora um tanto descuidada nesse particular. Agora era corrente despender uns dois minutos a contemplar a minha imagem no espelho, embora desse estudo nunca me viesse a mínima consolação. Não encontrava qualquer beleza nas minhas feições muito marcadas, nas faces pálidas e cavadas, no cabelo castanho, escuro e vulgar. Talvez houvesse certa inteligência no recorte da testa, e certa expressão nos olhos cinzentos, escuros. Mas que era isso? Uma estreita testa grega e uns olhos grandes e negros, cheios de sentimento, seriam bem mais apreciados.

É loucura desejar a beleza. As criaturas sensíveis nem a desejam para si nem se importam com ela nos demais. Se o espírito é suficientemente cultivado, e o coração bondoso, ninguém se importa com o exterior!

Assim nos ensinam os nossos mestres na infância, e assim nós repetimos às crianças que nos são entregues.

De facto, é assim que deve ser, mas condiz isto com a nossa experiência?

Estamos naturalmente dispostos a gostar daquilo que nos dá prazer, e nada é mais agradável do que um bonito rosto — pelo menos quando não sabemos nada menos agradável a respeito de quem o possui.

Uma criança gosta de um pássaro, porquê? Porque vive e sente, porque está desamparado e porque é incapaz de fazer mal!... Mas um sapo também vive e sente e também precisa de auxílio e também é incapaz de fazer mal. A criança, contudo, embora não faça mal ao sapo, não pode gostar dele como gosta do pássaro, que é gracioso nos seus movimentos, tem penas macias e olhos espertos. Se uma mulher é bonita e amável, é apreciada por

ambas as qualidades, mas especialmente pela primeira, pela maioria das criaturas. Se em compensação é desagradável como pessoa e como caráter, o que lhe é levado a mal é exatamente a sua rudeza, ao passo que se for uma pessoa franca e boa, mas modesta e de vida retirada, ninguém dará pela sua bondade, a não ser quem lhe esteja mais próximo. Todos os outros estão antes prontos a formular opiniões desfavoráveis quanto ao seu espírito e às suas qualidades, quando se trata afinal de manifestar muito simplesmente desagrado por uma natureza desfavorecida. E, pelo contrário, aquelas que abrigam um coração perverso num corpo angelical, conseguem que os seus encantos façam tolerar defeitos que noutros seriam insuportáveis.

Sem dúvida nenhuma a beleza é um dom divino, que se não pode desprezar. Por isso, aqueles que possuem a beleza devem fazer dela bom uso, e os menos favorecidos devem consolar-se e passar sem ela o melhor que lhes seja possível.

As minhas reflexões assemelhavam-se bem a isto, durante este período. Podia ainda continuar, podia ainda mergulhar mais fundo, e descortinar outros pensamentos, e fazer perguntas a que o leitor teria de responder, e podia empregar argumentos que combatessem muitos preconceitos, mas talvez só conseguisse com isso cobrir-me de ridículo, pois não me saberiam compreender. Vou calar-me.

Voltemos a Miss Murray. Na terça-feira seguinte acompanhou a mãe ao baile, muitíssimo bem arranjada e contentíssima com os seus planos e com os seus encantos. Como Ashby Park era a cerca de dez milhas, tinham saído muito cedo e eu tencionava passar a tarde com Nancy Brown, que já não via há muito, mas a minha querida aluna teve o cuidado de me não deixar arredar pé do quarto de estudo. Encarregou-me de copiar uma música, o que me prendeu até à hora de deitar.

Na manhã seguinte, cerca das onze horas, logo que saiu do quarto, veio contar-me às novidades. Sir Thomas tinha-a pedido em casamento, durante o baile, o que dera grande crédito, a seus olhos, à sagacidade da mãe, senão à sua arte de traçar planos. Estou convencida de que ela traçara primeiro os seus planos, e só

depois fizera a previsão. O pedido tinha sido aceito, e o noivo devia vir nesse mesmo dia assentar nos pormenores com Mr. Murray.

Rosalie estava encantada com a ideia de vir a ser Lady Ashby. Parecia radiante com a expectativa da boda e do seu esplendor, com a ideia da lua de mel passada no estrangeiro e com o que esperava gozar em Londres e noutras cidades. Mostrava-se muito bem disposta em relação ao próprio Sir Thomas, com quem dançara muito, e que se revelara muito galanteador. Só estava aborrecida por ter de casar tão depressa. Gostaria que a cerimónia fosse adiada por alguns meses; e eu não o desejava menos. Parecia-me horrível precipitar de tal maneira essa atroz combinação, sem dar à pobre criatura tempo para refletir no passo que ia dar.

Sem querer presumir de "mãe vigilante", sentia-me pasmada com a dureza do coração de Mrs. Murray, ou então com a sua falta de senso sobre a verdadeira felicidade da filha. Pela minha parte, tentei remediar o mal com conselhos absolutamente inúteis. Miss Murray riu-se de tudo quanto lhe disse, e depressa percebi que a sua relutância por uma união imediata vinha principalmente do desejo de pôr em prática a sua ideia, quanto aos jovens das suas relações, antes de ficar impossibilitada de o fazer, pela sua condição de mulher casada.

E foi essa a razão por que me fez prometer que não diria nada a ninguém, antes de me confiar o seu segredo. E quando percebi isto, quando a vi mergulhar cada vez mais na *coquetterie* desenfreada, deixei de a lamentar. «Seja feita a tua vontade», pensei, «bem o mereces. Sir Thomas não pode ser pior do que ela, e quanto mais depressa ficar impossibilitada de prejudicar os outros, melhor».

O casamento foi fixado para o dia 1 de junho. Entre esse dia e o do baile mediavam pouco mais de seis semanas. Mas com artimanhas tão perfeitas e tão decididas, foi possível fazer muito nesse curto espaço de tempo. Sir Thomas passou quase todo esse período em Londres, alegando carecer de tratar de vários assuntos com o seu advogado e de fazer preparativos para o casamento. Tentou suprir a ausência com uma encantadora chuva de *billets-doux*. Contudo, como isto não chamava a atenção dos vizinhos,

como teria sucedido com as visitas, o espírito altivo e reservado de Lady Ashby mãe impediu que a notícia se espalhasse; a sua saúde precária evitou as visitas do estilo, e assim foi possível manter o noivado mais secreto do que é costume em tais casos.

Rosalie exibiu-me algumas vezes as cartas do noivo, para me demonstrar quanto ele seria marido dedicado, e mostrou-me também cartas de outra pessoa, do infeliz Mr. Green, que não tinha a coragem, ou a audácia, como ela dizia, de defender a sua causa de viva voz, mas que, não se dando por vencido com uma única recusa, lhe escreveu vezes sem fim. Por certo tal não teria acontecido se ele visse as caretas que o seu ídolo fazia ao ler os apelos desesperados aos seus sentimentos, e se ouvisse os epítetos que aplicava à sua perseverança.

— Por que não lhe diz imediatamente que está noiva? — perguntava eu.

— Não quero que ele o sonhe — replicava. — Se ele souber, as irmãs sabê-lo-ão também e toda a gente ficará logo a saber, e será o fim do meu *alívio*. Além de que, dizer-lhe que estar noiva é o único obstáculo, e dizer-lhe que gostaria dele se fosse livre seria dar-lhe ocasião a imaginar uma coisa que não posso suportar que algum homem pense a meu respeito, e ele muito menos do que os outros. Não me importo com as cartas dele para nada. Pode escrever as vezes que quiser e mostrar-se o mais todo possível quando o encontro. Estou apenas a divertir-me.

Entretanto o jovem Meltham frequentava a casa mais do que até ali, e, a avaliar pelas censuras de Matilda, a irmã dava-lhe mais atenção do que seria para desejar; por outras palavras, *flirtava* com ele tanto quanto a presença dos pais o permitia. Ainda fez algumas tentativas para chamar novamente Mr. Hatfield, mas, como não foi bem sucedida, pagou-lhe a indiferença ativa com um desdém ainda mais forte, e falou dele com o mesmo desprezo e com a mesma antipatia com que falara do seu coadjutor. No meio disto tudo não perdeu de vista um só momento Mr. Weston. Aproveitou todas as ocasiões para o encontrar, experimentou todas as artimanhas para o fascinar e perseguiu-o com a mesma perseverança com que o perseguiria se gostasse dele e de mais ninguém, e como se a sua

felicidade e a sua vida dependessem de ele corresponder ou não ao seu afeto.

Um tal procedimento excedia a minha compreensão. Se lesse isto num romance, acharia pouco verosímil, e, se o ouvisse contar a alguém, acharia exagerado, mas quando vi com os meus próprios olhos, e quando sofri, mesmo, graças a isto, só soube concluir que a vaidade excessiva é como o alcoolismo, endurece o coração e diminui as faculdades, e percebi que não são só os cães que, uma vez satisfeitos, choram o que não puderam comer e olham com rancor para o mais insignificante bocadinho que outro cão faminto vai devorar.

Miss Murray mostrou-se extremamente caridosa para com os pobres camponeses. Tornou-se protetora de muitos mais, e as suas visitas às moradas humildes foram mais frequentes do que até então.

Chegou a arranjar entre eles a reputação de menina muito caridosa, e com certeza tais louvores eram repetidos a Mr. Weston. Ao mesmo tempo que tinha muito mais probabilidades de o encontrar nas suas visitas e nas suas idas e vindas, puxava muitas vezes pelas línguas, para saber os locais e as horas em que podia encontrá-lo, quer a batizar uma criança, quer a visitar um velho, um aflito, ou um moribundo; isso permitia-lhe traçar os seus planos em conformidade. Nestas excursões às vezes era acompanhada pela irmã — que, não sei por que meios, ela tinha persuadido e subornado para que entrasse nas suas combinações — outras vezes ia só ou comigo. Mas em muitas ocasiões, via-me privada do prazer de ver Mr. Weston e de lhe ouvir a voz, embora conversando com outra, o que sempre seria um prazer, conquanto isso me magoasse e me deixasse muitas vezes carregada de pena. Já nem sequer na igreja o podia ver, porque Miss Murray, com um pretexto qualquer, tomara conta do lugar que me tinha sido sempre destinado na bancada da família. A não ser que tivesse o atrevimento de me colocar entre Mr. e Mrs. Murray, só podia sentar-me de costas para o púlpito, o que me vi obrigada a fazer. Também nunca mais fui a pé, porque as minhas alunas tinham convencido a mãe de que parecia mal irem três pessoas a pé e só duas dentro do carro, e, como elas

preferiam ir a pé, se estava bom tempo, eu tinha a honra de acompanhar os mais velhos. «Além de que», justificavam, «não pode andar tão depressa como nós. Bem sabe que fica sempre para trás». O que eu sabia é que todas essas desculpas eram falsas, mas não pus qualquer objeção nem contrariei qualquer das suas afirmações.

E nas tardes de domingo, durante essas seis semanas, nunca fui à igreja.

Se tinha frio ou me queixava da mais ligeira indisposição, serviam-se disso para me obrigar a ficar em casa. Outras vezes diziam-me que não tencionavam sair, e depois afirmavam ter mudado de resolução e partiam sem me prevenir, conseguindo fazê-lo de forma que eu só dava conta tarde de mais.

Numa dessas ocasiões, ao voltar para casa, narraram-me uma conversa animada que tinham tido com Mr. Weston.

— Perguntou se estava doente, Miss Grey — disse Matilda. — Nós dissemos-lhe que não; que estava bem, mas que não lhe apetecia ir à igreja, e pareceu-me até que ele não gostou nada.

Todas as probabilidades de encontro foram por elas cuidadosamente evitadas. Logo que percebiam que eu tencionava visitar Nancy Brown, ou qualquer outra pessoa, Miss Murray tinha o cuidado de arranjar emprego a todas as minhas horas de descanso. Havia sempre algum desenho para acabar, alguma música para copiar, ou qualquer trabalho para fazer urgentemente, fosse o que fosse para me impedir de empreender qualquer coisa mais que um curto passeio pelo jardim, embora ela e a irmã estivessem entretidas e não precisassem na realidade de mim.

Numa manhã em que tinham procurado prender Mr. Weston na sua rede de sedução, vieram contar-me a entrevista.

— Tornou a perguntar por si — disse Matilda, e continuou, embora a irmã lhe ordenasse que «calasse o bico». — Admira-se que nunca nos acompanhe, e diz que deve ser de saúde muito delicada para sair tão pouco.

— Não afirmou tal coisa, Matilda. Estás a dizer tolices.

— Oh! Rosalie, és tu que estás a mentir! Sabes muito bem o que ele disse. Até respondeste... diabos te levem! Não me

belisques... Rosalie até lhe disse que Miss Grey estava boa, mas que andava tão enfronhada nos seus livros que não lhe apetecia ver ninguém.

«Deve ter ficado com uma bonita ideia a meu respeito!», pensei. «E a velha Nancy” perguntei, “tem pedido notícias minhas?»

— Tem, e nós temos respondido que Miss Grey anda tão interessada com os seus desenhos e com as suas leituras, que não lhe sobra tempo para mais nada.

— Mas isso não é verdade. Se lhe tivessem dito que tenho tido tanto que fazer que não arranjo tempo para a ir ver, tinha sido mais exato.

— Não creio — respondeu-me Miss Murray, de repente muito tema — estou certa de que, agora que tem tão pouco que ensinar, lhe fica muitíssimo tempo livre.

Não valia a pena discutir com criaturas tão pouco razoáveis, e por isso calei-me. Estava já habituada a calar-me quando ouvia dizer coisas desagradáveis e também já sabia mostrar um sorriso plácido quando o coração se me apertava, magoado. Só aqueles que já passaram por coisas semelhantes podem avaliar o que eu experimentava quando ouvia, com o meu melhor sorriso, a narração destes encontros com Mr. Weston, que elas gostavam de vir descrever-me, e quando ouvia coisas que, a avaliar por aquilo que eu conhecia do caráter dele, só podiam ser exageros, senão mentiras — coisas ofensivas para ele e lisonjeiras para elas — especialmente para Miss Murray — coisas que me apetecia imenso desmentir, ou, pelo menos, pôr em dúvida, embora não me atrevesse, porque, mostrando-me descrente, ia contra os meus interesses. Porém, havia coisas que elas me contavam e que eu receava bem fossem verdade. Era, porém, indispensável esconder a minha ansiedade por ele e a minha indignação contra elas, debaixo de um aspeto descuidoso. Por vezes ouvia frases que desejava perceber melhor, mas não me aventurava a perguntar. E assim foi passando esse horrível tempo.

Nem sequer me podia consolar com a ideia de que em breve ela estaria casada, e de que nessa altura tornaria a haver esperança para mim. Logo a seguir ao casamento viriam as minhas

férias, e, quando voltasse, provavelmente já Mr. Weston se teria ido embora, porque sabia que ele e Mr. Hatfield não se davam bem (sem dúvida por culpa deste último) e que ia deixar o seu lugar.

Além da minha fé em Deus, a consolação que me restava era pensar que, embora ele não o soubesse, eu era mais digna do seu amor do que Rosalie, encantadora e simpática como era, pois eu era capaz de apreciar-lhe todas as qualidades e ela não. Eu teria dedicado toda a minha vida a fazê-lo feliz, ela só saberia destruir todas as suas qualidades lisonjeando-lhe a vaidade momentaneamente.

— Se ele ao menos percebesse a diferença! — exclamava, fervorosa. — Mas era impossível, ele não podia saber o que me ia no coração. Mas se pudesse, ao menos, ver a frivolidade, o vazio, a falta de dignidade do coração dela, estaria ao menos salvo, e com isso já eu me sentiria feliz, embora não o tornasse a ver.

Receio que neste ponto o leitor se sinta aborrecido com a minha loucura e com a maldade que acabo de lhe expor. Não teria falado em nada disto se minha mãe e minha irmã estivessem comigo.

Para mais, tinha de mostrar-me dissimulada neste caso. As minhas orações, as minhas lágrimas, os meus receios, e as minhas lamentações deviam ficar cozidos comigo, e suportados em silêncio. Quando nos sentimos apoquentados com aflições e ansiedades, ou oprimidos durante muito tempo por sentimentos penosos que somos obrigados a guardar, sem podermos procurar simpatia, seja onde for, sem podermos esmagar esses mesmos sentimentos, procuramos alívio, quase sem querer, na poesia, e às vezes encontramos-a, quer na poesia alheia que se harmonize com o nosso próprio sentir, quer tentando dar aos nossos pensamentos e aos nossos sentimentos uma forma que, embora de estilo menos puro, se nos afigure um pouco musical e um pouco penetrante. Já noutras ocasiões, primeiro em Wellwood, depois aqui, quando me sentia saudosa da minha casa e dos meus, procurara refúgio nessa secreta fonte de consolação, e neste momento recorri a ela com mais avidez, porque a necessidade era ainda maior. Ainda conservo essas relíquias de sofrimentos e de experiências passadas, como

pilares da memória colocados pela vida fora, como sinais de acontecimentos variados. As pegadas apagaram-se, a face das coisas mudou, mas as marcas ficaram, para me recordarem o que fui.

Para o leitor curioso de conhecer esses desabafos, aqui deixo um pequeno exemplo. Frios e frouxos como se nos apresentam, esses versos foram escritos num acesso de ira e de desespero.

Furtaram-me toda a esp'rança
Tão qu'rida ao meu coração.
Roubaram-me a tua voz
Que eu 'scutava com emoção.

Não me deixam ver teu rosto
P'ra os meus olhos deleitoso.
Tiraram-me o teu sorriso
E o teu amor precioso.

Pois levem quanto quiserem:
Um tesouro ainda é meu,
Este coração que te ama
E sente o valor do teu.

Sim, pelo menos disto não podiam privar-me. Podia pensar nele noite e dia, e podia considerá-lo digno disso. Ninguém o conhecia como eu, ninguém podia apreciá-lo como eu, ninguém saberia amá-lo como eu, se *pudesse*, mas aí é que era o mal. Que necessidade tinha eu de pensar em alguém que nunca pensaria em mim? Não era uma loucura? Não era mesmo uma coisa má? Mas se a minha alegria era tão profunda ao pensar nele, e se guardava comigo o meu sentir, se ninguém era perturbado por isso, que mal podia haver? E este raciocínio impedia-me de sacudir os meus grilhões.

O pior é que se tais pensamentos me proporcionavam prazer, era um prazer doloroso e cheio de pena, muito parecido com a angústia, e dava-me maior sofrimento do que alívio; contudo

qualquer pessoa de maior bom senso e de mais experiência ter-se-ia permitido essa fraqueza. Como era duro ter de afastar os olhos da contemplação desse sonho para os voltar para perspectiva que se estendia diante de mim, sem alegria nem esperança! Mas realmente, não estava certo sentir-me tão falta de alegria e de esperança. Devia ter-me voltado para Deus e ter-lhe entregue a minha alma e a minha vida. Mas a fé era débil e a paixão forte.

Como se fosse pouco, tive ainda mais dois motivos de aflição. O primeiro pode parecer uma ninharia, mas custou-me muitas lágrimas. *Snap*, o meu cãozinho, de pelo áspero e olhos brilhantes, o meu companheiro de coração bondoso, a única criatura que tinha para amar, foi-me tirado e entregue aos cuidados do caçador de ratos da aldeia, homem conhecido pela sua brutalidade para com os animais.

O outro motivo era bastante sério: cartas recebidas de casa davam-me a notícia de que meu pai piorara. Não me diziam que fosse perigoso, mas eu tornara-me medrosa e pouco otimista, e não podia deixar de recear que qualquer calamidade viesse ao nosso encontro. Parecia-me ver nuvens negras amontoarem-se sobre as colinas da minha terra natal, e ouvia a tempestade rugir e devastar tudo que me era querido.

Capítulo 18 — Alegria e Luto

Chegou finalmente o dia 1 de junho e Rosalie ficou sendo Lady Ashby. Estava lindíssima com o seu vestido de noivado. Ao voltar da igreja, depois da cerimônia, veio a correr ao quarto de estudo, rindo excitada, com um misto de satisfação, de indiferença e de desespero, segundo me pareceu.

— Agora, Miss Grey, sou Lady Ashby! — exclamou. — Acabou-se. O meu destino está traçado, já não posso voltar para trás. Venho receber os seus parabéns e despedir-me. E agora a caminho de Paris, de Roma, de Nápoles, da Suíça e de Roma... Oh, minha querida, quantas coisas hei de ver antes de voltar. Não se esqueça de mim, que eu não a esquecerei, embora tenha sido uma rapariga muito má. Venha cá. Por que não me dá os parabéns?

— Não lhe posso dar os parabéns — repliquei — até saber se esta mudança foi para melhor, mas espero que tenha sido. Desejo-lhe do fundo do coração todas as felicidades.

— Então, adeus. A carruagem está à espera, e estão a chamar-me.

Deu-me um beijo apressado e partiu, mas, de repente, voltou e abraçou-me com maior afeição do que a julgara capaz, e foi-se embora com lágrimas nos olhos. Pobre rapariga! Senti-me, de facto, sua amiga, naquela ocasião, e perdoei-lhe todo o mal que me tinha feito e a mais alguém. Tinha a certeza de que não tivera a consciência clara do que provocara e pedi a Deus que lhe perdoasse.

Durante o resto desse dia de festividade bem triste, fiquei livre e, sentindo-me demasiadamente preocupada para qualquer ocupação, pus-me a vaguear por um lado e por outro com um livro na mão, mais a pensar do que a ler, pois não me faltava em que pensar. À tarde, porém, usei da minha liberdade para ir ver a minha velha amiga Nancy, e explicar-lhe a minha longa ausência (que lhe poderia ter parecido desapego ou desinteresse), contando-lhe os meus afazeres e também para lhe fazer um pouco de leitura e dar

alguns pontos, se ainda precisasse. Queria ainda contar-lhe o que se tinha passado durante o dia e fazer-lhe algumas perguntas referentes a Mr. Weston. A este respeito, pouco ou nada me soube dizer, e tive esperança de que não fosse verdade ele partir. Ficou muito contente por me ver, e felizmente já estava tão bem da vista que não precisou dos meus serviços. Mostrou-se muito interessada pela boda. Enquanto a distraí com os pormenores da festa, com o luxo da cerimónia e da própria noiva, meneou várias vezes a cabeça e fez votos de felicidade, mas parecia ser da minha opinião e considerar esse acontecimento mais como um motivo de tristeza do que de satisfação. Estive bastante tempo a conversar com ela sobre diferentes assuntos, mas *ninguém* chegou.

Devo confessar que algumas vezes olhei para a porta com desejo de a ver abrir-se e dar entrada a Mr. Weston, como já uma vez acontecera... e devo ainda dizer que ao voltar pelos campos algumas vezes olhei em roda e atrasei o passo mais do que seria necessário — porque, embora a tarde estivesse bonita, não estava muito quente. Finalmente fui invadida por grande desânimo ao chegar a casa sem ter encontrado ninguém, nem perto nem longe, à parte alguns camponeses que voltavam do trabalho.

Mas o domingo aproximava-se e então devia vê-lo. Miss Murray já não estava e eu podia voltar para o meu antigo lugar. Ia vê-lo e poderia então perceber pelo seu olhar e pelo seu aspeto se o casamento dela o tinha afetado muito. Felizmente não notei qualquer diferença. Tinha exatamente o mesmo aspeto que dois meses atrás. As suas palavras eram igualmente verdadeiras, o seu estilo tinha a mesma força e clareza e uma simplicidade que penetrava o coração.

Fui para casa a pé com Miss Matilda, mas ele não veio ter connosco. Matilda sentia-se agora muito só com a falta da irmã, tanto mais que os irmãos continuavam na escola e ela era muito nova para entrar na sociedade. Com o exemplo de Rosalie começara a ter em certo apreço a companhia de cavalheiros com quem pudesse namorar. Nesta época do ano nem sequer havia caça, porque, se assim não fosse, embora não pudesse ir com os caçadores, sempre se divertiria a ver o pai e os guardas saírem com

os cães, e a conversar com eles, quando voltassem, acerca do que tinham apanhado. Para mais, fora-lhe proibida a convivência com os cocheiros e os criados das cavalariças, porque a mãe, tendo casado a filha mais velha tão bem, tinha começado a dar mais atenção à outra e assustara-se verdadeiramente com a rudeza das suas maneiras, achando ser tempo de as coisas mudarem; resolveu-se, finalmente, a exercer a sua autoridade e a proibir inteiramente que a filha andasse pelos estábulos e pelas cocheiras. Não foi de todo obedecida, mas, indulgente como se mostrava em geral, uma vez que tinha resolvido, não era tão tolerante como exigia que a precetora fosse, e não se ia contra as suas ordens impunemente. Depois de várias cenas, algumas violentas, entre a mãe e a filha, cenas a que me envergonhava de assistir, e sendo várias vezes evocada a autoridade paterna a confirmar com pragas e ameaças as proibições da mãe, porque, mesmo para ele, era evidente que «ela podia ser um rapaz agradável, mas nunca uma menina aceitável», Matilda lá se convenceu de que era mais prático abandonar as regiões proibidas — a não ser, de tempos a tempos, uma visita sem a mãe saber.

No meio disto, não vão imaginar que escapei sem várias reprimendas e muitas censuras, que não deixavam de ferir, por não serem abertamente ditas. Feriam até mais fundo, exatamente porque eu não tinha defesa possível. Às vezes diziam-me que devia divertir Miss Matilda com outras coisas. Mas não podia diverti-la contra sua vontade e as observações benévolas que podia fazer-lhe de nada serviam.

— Minha querida Miss Grey, é muito estranho. Não tem culpa, não lhe está no feitio, mas admira-me que não saiba interessar esta pequena e tornar a sua companhia ao menos tão agradável como a companhia de Robert ou de Joseph!

— Sabem falar-lhe de coisas que a interessam mais — replicava eu.

— Ora aí está uma afirmação estranha feita pela precetora! Quem há de formar o gosto de uma menina senão a precetora? Conheci preceptoras que se identificavam de tal maneira com as alunas que, se ouviam a menor censura às meninas pelas suas

maneiras ou pela sua falta de elegância, se ofendiam mais do que se fossem elas as censuradas. E confesso que é essa a atitude que acho mais natural.

— Não digo que não, minha senhora!...

— A elegância e a educação de uma menina vêm mais da preceptora do que da própria menina. E, se uma preceptora deseja seguir essa vida, tem de dedicar-lhe todas as energias. Todos os seus pensamentos e todas as suas ambições devem tender para um mesmo fim. Quando se quer avaliar do mérito da preceptora, olha-se, naturalmente, para as meninas que educou, e é por aí que se julga. Uma preceptora sensata sabe isto, e sabe também, que se vive obscura, em compensação os defeitos e as virtudes das suas alunas estão bem patentes aos olhos de todos, e, se não sabe esquecer-se de si inteiramente, não pode conseguir bons resultados. É o que acontece em todas as profissões. Aqueles que desejam caminhar devem dedicar-se de corpo e alma, e, se começam a abandonar-se e a desculpar, depressa são ultrapassados pelos competidores. Entre um professor que estraga os alunos por desleixo e outro que os prejudica com o exemplo, o diabo escolha. Desculpe estas pequenas observações, mas são para seu bem. Muitas senhoras lhe falaria com mais dureza, e outras nem se dariam ao incômodo de falar e limitar-se-iam a procurar substituta. Isto era, sem dúvida, o mais fácil, mas sei as vantagens que este lugar oferece a uma pessoa nas suas condições, e não sinto nenhum desejo de me separar de si, porque tenho a certeza de que vai fazer o possível por adquirir aquele tato delicado que lhe há de tornar possível influenciar o espírito da sua aluna.

Estive quase resolvida a dizer à senhora a inutilidade da sua esperança, mas ela desapareceu, assim que acabou o discurso. Depois de dizer o que lhe aprouve, não esperou resposta. Não estava no seu plano que eu respondesse. A mim competia-me ouvir, não me competia falar.

Conforme já disse, Matilda acabou por ceder, dentro de certo limite, à autoridade da mãe (pena foi que esta não a tivesse querido exercer mais cedo). Mas privada desses divertimentos, só lhe restavam os passeios a cavalo com o escudeiro, ou a pé com a

precetora, e as visitas às herdades, e assim ia matando o tempo, falando com os seus moradores.

Num destes passeios tive a sorte de encontrar Mr. Weston. Desejava isso há muito tempo, mas, quando o vi, quis que ele ou eu pudéssemos desaparecer. Senti o coração bater tão violentamente, que receei dar mostras evidentes da minha perturbação. Ele, porém, não olhou para mim e depressa pude recuperar o sangue-frio. Depois de um ligeiro cumprimento, perguntou a Matilda se tinha tido notícias da irmã.

— Tive, sim — replicou ela. — Estava em Paris quando me escreveu e sentia-se muito feliz.

Disse as últimas palavras num tom pretensioso e olhou para ele com impertinência. Ele não pareceu reparar e respondeu também com certa ênfase, mas muito sério:

— Espero que continue sempre assim.

— Parece-lhe provável? — aventurei-me a perguntar, pois Matilda partira atrás do cão que vinha connosco e perseguia uma lebrezita.

— Não faço ideia — replicou. — Sir Thomas pode ser melhor pessoa do que eu suponho, más, por tudo quanto sei dele, parece-me um homem terrível para uma menina tão nova e tão alegre (tão interessante, direi mesmo). Parece-me que o seu maior defeito, para não dizer o único, era ser um pouco espontânea... o que não é defeito grave senão porque deixa a pessoa muito à mercê dos outros, expondo-a a muitas tentações. E é por isso que me parece lastimável que essa menina fosse assim confiada a semelhante homem. Mas era esse o desejo da mãe, segundo creio.

— Sim, era o desejo da mãe e também o dela. Riu-se sempre das minhas tentativas de dissuadi-la.

— Tentou dissuadi-la? Então resta-lhe ao menos a consolação de saber que não teve culpa, se daí vier qualquer desgosto. Quanto a Mrs. Murray, não sei como justificar a sua atitude. Se a conhecesse melhor, gostaria de lho perguntar.

— Parece realmente inexplicável, mas há pessoas que imaginam a categoria social e a riqueza os maiores bens, e, se os podem assegurar aos filhos, julgam que fizeram o seu dever.

— Isso é verdade. Mas não lhe parece estranho que pessoas com experiência, pessoas casadas conservem ideias tão falsas?

Matilde regressara com o lacerado corpo da lebrezinha na mão.

— Queria matar ou pretendia salvar essa lebrezinha? — perguntou Mr. Weston, pasmado com a alegria dela.

— Queria salvá-la — respondeu ela muito sinceramente — queria salvá-la, porque agora não é época de caça. Senão preferia logo vê-la apanhar — acrescentou. — Mas são testemunhas que não pude evitar. *Prince* estava decidido a apanhá-la, atacou-a pelas costas e matou-a num minuto. Não acham que foi uma linda caçada?

— Muito bonita, uma menina atrás de uma lebre!

Havia certo sarcasmo na resposta, mas ela não percebeu. Encolheu os ombros com um «Ora!», perguntando-me que tal «achara a função».

— Ouviu como gritou? Parecia uma lebre grande.

— Felizmente não ouvi.

— Gritou como uma criança.

— Pobrezinha! Que lhe vai fazer agora?

— Vamos embora. Deixo-a na primeira casa por onde passarmos. Não a quero levar, porque tenho medo que o papá ralhe por eu ter deixado o cão apanhá-la.

Mr. Weston já se tinha ido embora e nós seguimos o nosso caminho, mas, quando regressávamos, depois de termos deixado a lebre numa herdadezinha e de termos recebido em troca um pedaço de bolo de especiarias e um pouco de vinho vulgar, tornámos a encontrá-lo já de volta da sua missão. Trazia na mão um raminho de campainhas azuis, que me ofereceu, observando, com um sorriso, que nos últimos tempos me tinha visto muito pouco, mas que ainda não se tinha esquecido de que as campainhas azuis eram a minha flor predileta. Era um ato de mera simpatia, não correspondia a homenagem alguma, nem no seu olhar havia *terna adoração* (como diria Rosalie Murray); contudo tratava-se de uma coisa que eu lhe tinha dito e que ele não esquecera durante todo o tempo que estivera sem me ver.

— Constou-me que se tornou um verdadeiro *papa-livros*, Miss Grey, e que tem andado tão absorvida nos seus estudos que se desinteressou fosse lá do que fosse.

— É mesmo assim — gritou Matilda.

— Não, Mr. Weston, não acredite nisso, é pura invenção. Estas meninas gostam, às vezes, de fazer afirmações inconsideradas, e é preciso certo cuidado em lhes dar ouvidos.

— Espero bem que esta afirmação não corresponda de forma nenhuma à verdade.

— Porquê? Acha que as mulheres não devem estudar?

— Não. Mas acho que ninguém se deve entregar ao estudo de tal maneira que perca de vista tudo o mais. A não ser em circunstâncias excepcionais, considero o estudo, fechado e constante, como uma injúria ao corpo e ao espírito.

— Pela minha parte não tenho tempo nem disposição para semelhantes excessos.

Separámo-nos de novo. Que é que isto teve de extraordinário? Por que o recorde? Porque bastou isto, leitor amigo, para que a minha tarde fosse muitíssimo agradável, para que a noite seguinte fosse cheia de sonhos suaves e a manhã esperançosa e feliz.

Sonhos loucos e esperanças infundadas, dirão. Não serei eu quem o negue, sou a primeira a pensar isso muitas vezes. Mas os nossos desejos são como a isca que, junto à pederneira, as circunstâncias, está sempre pronta a deitar faíscas; e quando essas faíscas caem sobre os nossos desejos, estes ardem instantaneamente, e a chama da esperança fulge num instante.

Mas ai de mim, nessa mesma manhã, a chamazinha da esperança foi brutalmente apagada por uma carta de minha mãe que falava da doença de meu pai com tal apreensão, que receei haver poucas ou nenhuma probabilidade de melhoras. E embora estivéssemos muito perto das férias, receei, mesmo assim, chegar tarde de mais para o encontrar neste mundo. Dois dias mais tarde Mary escreveu-me dizendo que o estado dele era desesperado e que o seu fim estava próximo. Pedi imediatamente autorização para antecipar as minhas férias, e parti sem demora.

Mrs. Murray sobressaltou-se e pasmou com a minha insistência pouco usual, e com a energia com que pedi licença para partir com urgência, achando que não havia motivo para pressas. Mas finalmente, acabou por me autorizar, notando, no entanto, «que não havia razão para sustos, nem para tal agitação — podia tratar-se, apenas, de um falso alarme, e, se assim não fosse, era preciso pensar ser essa a ordem natural das coisas, e que todos temos de morrer um dia, e não era eu a única pessoa que estava aflita». Concluiu dizendo que eu podia dispor do faetonte para me levar à estação de O...

— E, em vez de se consumir, Miss Grey, sintá-se grata pelos privilégios de que goza. Há inúmeros pastores cuja família fica na miséria, quando morrem, mas, no seu caso, tal não acontece, porque tem amigos influentes, prontos a continuar a protegê-la e a demonstrar-lhe consideração.

Agradei-lhe a «consideração» e voltei para o quarto a fazer os meus rápidos preparativos. Pus o chapéu e o xaile, atirei com meia dúzia de coisas para dentro da minha ampla mala e descí. Podia ter feito isso com mais vagar, porque ninguém tinha pressa a não ser eu, e tive de esperar muito tempo pelo carro. Por fim, lá apareceu e pude partir. Mas que horrível viagem!... Que diferente foi das anteriores! Como já era muito tarde para apanhar a última diligência, tive de alugar um carro que percorresse as dez primeiras milhas, e depois outro para atravessar as colinas escarpadas. Eram mais de dez e meia quando cheguei a casa. Mas ninguém estava deitado.

Minha mãe e minha irmã vieram esperar-me ao corredor — tristes, pálidas, silenciosas! Fiquei tão aterrada que não pude falar e só pedi que me dissessem o que era indispensável saber.

— Agnes! — disse minha mãe, lutando para reprimir a emoção.

— Oh! Agnes! — exclamou Mary, e rompeu em pranto.

— Como está ele? — perguntei sem poder respirar.

— Já não existe.

Era a resposta que esperava, mas o choque não foi por isso menos tremendo.

Capítulo 19 — A Carta

Os restos mortais de meu pai foram sepultados. Sentadas à mesa do nosso almoço frugal, com os nossos rostos aflitos e fatos sombrios, fazíamos projetos para o futuro. O espírito forte de minha mãe não se deixara abater, mesmo com este rude golpe; ela estava abalada, mas não esmagada. O desejo de Mary era que eu voltasse para Horton Lodge e que minha mãe fosse viver com ela e com Richardson para o presbitério, onde habitavam. Afirmava que o marido estimava tanto como ela que as coisas se resolvessem assim, que seria vantajoso para ambas as partes, porque, tanto a experiência de minha mãe como a sua convivência seriam para eles muito úteis, além de que ambos fariam o possível para que ela se sentisse bem. Mas não houve argumentos que a convencessem. Minha mãe resolvera não ir. Não que pusesse em dúvida, por um instante que fosse, os bons desejos e as boas intenções dos filhos; mas achava que, enquanto Deus lhe desse vida e saúde, devia viver à custa do seu próprio esforço e não à custa de ninguém, quer a sua dependência fosse pesada aos outros quer não. Se lhe fosse possível viver como hóspede no presbitério de Mary, não escolheria outra morada, mas, assim, só lá iria de visita, a menos que uma doença ou qualquer infelicidade tornassem a sua presença necessária, ou que a idade e a doença a tornassem incapaz de trabalhar para se manter.

— Não, Mary — disse ela — se Richardson puder poupar qualquer coisa, devem guardar isso para a vossa família. Eu e Agnes ganharemos para nós. Graças a ter tido filhas para educar, não esqueci aquilo que sabia. Com a ajuda de Deus hei de vencer esta enorme aflição — acrescentava com as lágrimas correndo-lhe pelas faces, a despeito dos seus esforços para reprimi-las, mas limpava-as e resolutamente continuava: — hei de esforçar-me e procurar uma casinha pequena, mas bem colocada, em qualquer local populoso e sadio, e aí receberemos algumas meninas para educar e instruir (se conseguirmos que nos procurem) e poderemos

mesmo receber algumas alunas externas. As relações de vosso pai e os velhos amigos dele podem arranjar-nos algumas alunas, ou ajudar-nos com recomendações. Que te parece, Agnes? Estarias disposta a deixar a tua situação atual para tentar?

— Deixava, sim, mamã, e com o dinheiro que juntei podemos mobilar e arranjar a casa. Vai-se buscar ao banco.

— Se for preciso. Primeiro temos que assentar nas bases.

Mary ofereceu o pouco que possuía, mas minha mãe não aceitou, dizendo que devíamos organizar o nosso plano sobre bases de economia. Esperava que o meu dinheiro chegasse, juntamente com aquilo que podíamos conseguir com a venda do mobiliário, além de podermos contar com o pouco dinheiro reunido por meu pobre pai depois de ter pago as dívidas e que, mesmo assim, devia chegar até ao Natal. Até lá era de esperar que tivéssemos conseguido alguma coisa. Resolvemos, por fim, começar imediatamente a trabalhar. Enquanto minha mãe se ocupava com os primeiros preparativos, eu voltaria para Horton Lodge, quando acabassem as minhas quatro semanas de férias, e participaria que deixaria o meu lugar assim que as nossas coisas estivessem encaminhadas.

Discutíamos estas coisas cerca de quinze dias depois da morte de meu pai, quando trouxeram uma carta para minha mãe que, ao vê-la, se cobriu de rubor nas faces, empalidecidas pelas vigílias e pelos desgostos.

— É de meu pai! — murmurou, e rasgou o sobrescrito apressadamente.

Havia muitos anos que não tinha notícias dos seus.

Naturalmente fiquei com interesse de saber o que a carta continha, e olhei para o seu rosto enquanto ela lia, ficando surpreendida por vê-la morder os lábios e carregar o sobrolho.

Quando acabou, atirou com a carta bruscamente para cima da mesa, e disse com um sorriso de desprezo:

— O vosso avô teve a bondade de me escrever. Diz que tem agora a certeza de que eu ainda não deixei, por certo, de lamentar o meu casamento e que fiz mal em não seguir os seus conselhos. Tomará a fazer de mim uma senhora (se é que isso é possível, no

fim de tão longa degradação) e, nesse caso, não se esquecerá das minhas filhas no seu testamento. Traz-me a minha escrivanhinha, Agnes, e tira estas coisas daqui; vou responder à carta imediatamente. Mas antes de responder, e de vos privar desse legado, quero pôr-vos ao facto do que tenciono fazer. Pretendo dizer que ele está enganado se supõe que lamento que as minhas filhas, todo o meu orgulho, tenham nascido, e se imagina que renego os trinta anos que passei com o melhor dos homens. Mesmo que as nossas infelicidades tivessem sido três vezes maiores, só teria de alegrar-me por ter vivido com vosso pai, e por lhe ter proporcionado as consolações que pude; e mesmo que os seus padecimentos e a sua doença fossem dez vezes superiores, nunca lamentaria o que trabalhei para o aliviar. Se ele se tivesse casado com uma mulher mais rica, as suas infelicidades e os seus desgostos teriam sido bem menores, mas eu fui bastante egoísta para imaginar que não havia outra mulher capaz de cuidar dele como eu. Estou ainda hoje convencida de que nascemos um para o outro e nunca esquecerei os minutos, os dias, as horas que passámos juntos, nem a felicidade de tê-lo tratado na sua doença e confortado nas aflições, a não ser que prefiram que diga estar arrependida de tudo quanto se passou nos últimos trinta anos, e que as minhas filhas preferiam não ter vindo ao mundo, e que, já que tiveram tal infelicidade, se sentirão muito felizes e muito gratas com qualquer bagatela que o avô se digne atribuir-lhes.

Evidentemente que concordámos com nossa mãe. Mary levantou a mesa do almoço, e eu trouxe a escrivanhinha. A carta foi escrita rapidamente e enviada; e desde esse dia nunca mais se ouviu falar do avô, até que a sua morte foi anunciada nos jornais, bastante mais tarde — e todos os seus bens foram legados, sem dúvida, a primos ricos que nós não conhecíamos.

Capítulo 20 — A Despedida

Arranjámos uma casa em A..., cidade elegante e à beira-mar, para instalarmos a nossa escola, e conseguimos três ou quatro alunas prometidas para começar. Voltei a Horton em meados de julho, deixando minha mãe a concluir os arrendamentos, a arranjar mais alunas, a vender o mobiliário da nossa antiga casa e comprar o que era necessário para a nova.

Às vezes lamentamos os pobres, porque nem sequer têm tempo para chorar os seus desaparecidos, visto que a necessidade os obriga a trabalhar no meio das maiores aflições; mas não será a atividade o melhor remédio, exatamente, para suportar essas mesmas aflições, e o melhor antídoto para o desespero? É uma consolação dura: vermo-nos embaraçados com as preocupações da vida, quando não sentimos o menor gosto em viver, e sermos obrigados a trabalhar com o coração partido e o espírito tão magoado que só aspiramos a repousar. Mas não será o trabalho melhor que tudo o mais que ambicionamos? E não serão os cuidados e as preocupações menos penosos do que uma aflição que nos aperta constantemente a alma? Além de que não é possível suportar cuidados e aflições sem ter esperança, mesmo que essa esperança seja apenas bastante para cumprir a nossa triste obrigação de todos os dias ou fugir a desgostos maiores.

Mas seja lá como for, o caso é que me senti satisfeita por minha mãe ter tanto em que empregar as suas capacidades, pondo em prática o seu projeto. Os nossos vizinhos lamentavam bondosamente que ela, outrora tão rica e em tão boa situação, se visse reduzida a tal extremidade no meio da sua desgraça. Mas estou convencida de que teria sofrido três vezes mais, se tivesse a possibilidade de ficar, no meio do seu desgosto, na casa onde vivera a sua felicidade e as suas penas, e se a necessidade não a impedisse de olhar constantemente para as suas próprias aflições e lamentar o que acontecera.

Não me alargarei acerca do choque que senti ao deixar a minha velha casa, o jardim familiar e a aldeiazinha que me era duplamente querida, porque nela existia a igreja onde meu pai oficiara sempre, durante trinta anos, e onde agora jazia sob as lajes tumulares, e porque era rodeada por colinas nuas e belas na sua desolação, e vales estreitos, mas ridentes, cheios de verdura e de águas correntes. Não me alargarei tão-pouco acerca da saudade que trouxe da casa onde nascera, a que ligava todas as minhas recordações de infância, todas as minhas afeições, e que representava tudo para mim. Como hei de dizer o que senti quando tive de abandonar tudo isso para sempre?

É verdade que voltava para Horton Lodge, onde me restava ainda um motivo de grande prazer, no meio de tantas coisas más. Contudo, era um prazer misturado a uma grande dor, e a minha permanência aí — ai de mim! — limitar-se-ia a seis curtas semanas. Durante esse tempo, os dias passaram sem que o pudesse ver —, a não ser na igreja, uns quinze dias após a minha chegada. Pareceu-me muito longo esse tempo, e, como ia muitas vezes com a minha aluna passear, quantas esperanças não nasciam, e quantas desilusões não se lhes seguiam! Dizia então para comigo: «Eis aqui uma prova convincente. Se soubesses ver e se quisesses compreender, terias a certeza de que não se importa contigo. Se pensasse em ti, metade do que tu pensas nele, já teria feito o possível por te encontrar muitas vezes, e sabes isso muito bem, se quiseres consultar com sinceridade os teus sentimentos. Acaba com semelhante disparate; as tuas esperanças não têm qualquer razão de ser, varre do teu espírito imediatamente esses pensamentos funestos e esses desejos loucos, e entrega-te aos teus deveres e à vida estúpida que te espera».

Vi-o finalmente. Apareceu-me, de súbito, quando eu atravessava um campo, de regresso de uma visita a Nancy Brown, enquanto Matilda dava um passeio na sua magnífica égua.

Com certeza que Mr. Weston tinha sabido do grande desgosto por que eu acabava de passar; não me disse, porém, quaisquer palavras de simpatia, nem me deu condolências, limitando-se a perguntar:

— E sua mãe, como está?

Não era uma pergunta de simples cortesia, porque nem sequer lhe dissera que tinha mãe. Devia tê-lo sabido por outros, e havia uma sinceridade e uma simpatia verdadeiramente enternecedoras na maneira como formulou a pergunta. Agradei e disse-lhe que minha mãe estava melhor do que se poderia esperar.

— E que tenciona ela fazer? — inquiriu a seguir. Haveria, talvez, quem achasse essa pergunta impertinente e respondesse com evasivas. Mas semelhante ideia não me atravessou o espírito e falei-lhe sucintamente dos nossos planos e dos nossos projetos.

— Mas nesse caso, vai deixar o seu lugar muito em breve? — disse ele.

— Sim, daqui a um mês, mais ou menos.

Fez uma pequena pausa como quem está a pensar. Quando voltou a falar, imaginei que se referisse à minha partida, mas disse apenas:

— Creio que não deixa de lhe agradar a ideia de partir?

— Sim, debaixo de certos pontos de vista — repliquei.

— Apenas debaixo de certos pontos de vista? Admiro-me que haja alguma coisa aqui de que leve pena!

Senti certo enfado com o seu dito, porque me atrapalhou. Só uma coisa me fazia ter pena, e essa era tão secreta que não podia falar dela.

— Por que supõe que não gosto do lugar? — perguntei.

— Creio que já uma vez me disse — foi a resposta. — Pelo menos disse que não podia viver sem pessoas amigas, e que aqui não as tinha nem podia arranjá-las. Além disso, creio saber que não pode sentir-se bem.

— É certo que uma vez lhe disse isso. Em todo o caso, se é verdade que não sei viver sem ter ao menos uma pessoa amiga, também é verdade que não sou tão pouco razoável que exija que tal pessoa esteja sempre a meu lado. Parece-me até que seria capaz de sentir-me bem numa casa cheia de inimigos se... — Mas não... essa frase não devia ser dita. Calei-me, e acrescentei, apressada: — Além de que não é possível deixar um lugar onde se passaram três anos sem sentir certas saudades.

— Sente saudades ao separar-se de Miss Murray, afinal, a única aluna e a única companheira que lhe resta?

— Creio que sim. Não foi sem tristeza que me separei da irmã.

— Acredito.

— Pois com Miss Matilda acontece-me o mesmo. Sob certos aspetos, vale tanto como a irmã, talvez mesmo mais.

— Acha que sim?

— Acho. É bastante leal.

— E a irmã não é?

— Não quero chamar-lhe desleal, mas sou obrigada a confessar que é um pouco insincera.

— Considera-a insincera? Percebi que era um pouco volúvel e vaidosa, mas — acrescentou depois de uma pausa — creio que realmente era um pouco insincera, percebo-o agora, simplesmente era-o o bastante para se mostrar extremamente simples, confiante e franca.

— Sim — continuou ele, pensativo — isso condiz com outros pequenos pormenores que me fizeram certa confusão.

Em seguida conduziu a conversa para assuntos de ordem geral e só me deixou junto ao portão do parque. Com certeza que se desviara do seu caminho para me acompanhar tão longe, porque, quando me deixou, dirigiu-se para Mosslane, que já tínhamos ultrapassado há muito.

Não lamentei que isso tivesse acontecido, pelo contrário, só lamentei vê-lo ir-se embora, e já não estar a meu lado, e que, portanto, esses momentos deliciosos tivessem acabado.

Não pronunciara uma única palavra de amor, nem fizera a menor alusão a qualquer espécie de ternura ou de afeição, e contudo sentia-me imensamente feliz. Estar junto dele, ouvi-lo e conversar com ele, sentir que me achava digna da sua atenção, e ele me julgava capaz de o entender e de apreciar devidamente as suas palavras, era para mim o bastante.

Sim, Edward Weston, podia sentir-me feliz numa casa cheia de inimigos, se tivesse um único amigo que me amasse verdadeiramente com sinceridade, e, finalmente, se esse amigo fosse Edward Weston — embora vivêssemos separados, tendo

notícias um do outro raramente, e encontrando-nos ainda menos vezes — mesmo que estivesse cercada de trabalhos, desgostos e censuras, podia sentir-me feliz. Mas só sonhar com isso já era uma felicidade excessiva!... «E, contudo, quem sabe!...», disse comigo, enquanto subia o parque, «quem sabe o que este mês me trará! Já vivi cerca de vinte e três anos, já sofri muito, e pouco ou nada tive que me desse prazer. Será possível que toda a minha vida decorra assim, monótona e enevoada? Não escutará Deus as minhas preces, nem dispersará as nuvens sombrias, concedendo-me um raiozinho de sol? Ser-me-ão sempre negados esses bens, concedidos com tanta frequência a outros que não os pedem, nem sequer os reconhecem, se os recebem? Já não deverei ter confiança nem esperar?»

Não. Devo ter esperança e devo confiar.

Mas ai de mim! O tempo foge, as semanas seguiram-se às semanas, e a não ser uma vez, que o avistei ao longe, e mais dois encontros fugidios, quando passeava com Miss Matilda, durante os quais quase não falámos, não o tornei a ver senão na igreja.

Finalmente chegou o último domingo, e a última cerimónia na igreja. Por várias vezes quase desatei a chorar, durante a prédica — a última que lhe ouvia, a melhor prédica que ele pronunciara. Acabou — todos saíam — e eu devia sair também. Tinha-o visto e tinha-o ouvido pela última vez. No adro Miss Matilda reuniu-se às duas Misses Greens. Tinham imenso que dizer umas às outras a respeito de Rosalie e de não sei que mais. Eu só desejava uma coisa: que acabassem, e pudéssemos regressar depressa a Horton Lodge. Só aspirava à solidão do meu quarto, ou a um canto solitário do jardim, onde me pudesse entregar aos meus pensamentos — chorar a minha despedida e lamentar as minhas falsas esperanças e ilusões vãs. Só queria entregar-me a isto uma vez... e depois diria adeus para sempre a todos os sonhos inúteis... no futuro só a realidade triste e chã ocuparia o meu pensamento. Enquanto pensava assim, uma voz disse-me muito perto:

— Creio que se vai embora esta semana, Miss Grey?

— Vou, sim — respondi.

Senti-me muito sobressaltada e, se fosse dada a acessos histéricos, ter-me-ia comprometido de qualquer forma, tenho a certeza, mas graças a Deus não sou.

— Bem — disse Mr. Weston — nesse caso quero dizer-lhe adeus... provavelmente não a tornarei a ver antes de partir.

— Adeus, Mr. Weston — disse eu. Oh, mas quanto lutei para o dizer com calma! Dei-lhe a mão que ele apertou na sua durante uns segundos.

— É possível que nos tornemos a encontrar — disse ele. — Não teria pena, se nunca mais nos encontrássemos?

— Gostaria muito de o tornar a ver.

Não soube dizer menos.

Ele apertou-me a mão com amizade e partiu.

Voltei a sentir-me feliz — embora estivesse ainda mais perto das lágrimas. Se tivesse sido obrigada a falar, teria rompido em soluços, e, mesmo assim, não pude impedir que os olhos se me arrasassem de lágrimas. Comecei a caminhar com Miss Matilda, voltando a cara para o lado, e sem poder responder ao que ela me dizia, até que me perguntou se estava surda ou se emparvecera, e então (recuperando o domínio sobre mim), perguntei-lhe, como quem acorda, o que estava dizendo.

Capítulo 21 — A Escola

Deixei Horton Lodge e fui reunir-me a minha mãe, que já estava na nossa nova casa em A... Achei-a bem de saúde e resignada, mesmo bem disposta, embora mais deprimida e mais grave no seu comportamento habitual.

Para começar tínhamos apenas duas pensionistas e meia dúzia de alunas externas, mas esperávamos, com cuidados e esforços, aumentar o número de umas e outras.

Resolvi empregar a energia necessária para me desempenhar bem das obrigações do meu novo cargo. Chamo-lhe novo, porque havia uma diferença considerável entre trabalhar com minha mãe, numa escola que nos pertencia, e trabalhar como mercenária, entre estranhos, menosprezada e espezinhada por novos e velhos, e devo dizer que durante as primeiras semanas não me senti infeliz. «É possível que nos tornemos a encontrar. Não teria pena que nunca mais nos encontrássemos?» Eram palavras que ainda me ressoavam aos ouvidos, e que se me tinham gravado no coração, tornando-se o meu lenitivo e o meu arrimo. «hei de tornar a vê-lo. Ele há de vir ou escrever».

Não havia promessa extraordinária ou extravagante que a *esperança* não me insinuasse. Todavia não acreditava em tudo quanto *ela* me dizia, e fazia o possível por não tomá-la a sério. E no entanto por que me bateria o coração tão apressado quando ouvia tocar à porta e a criada, depois de abrir, vinha dizer a minha mãe que um cavalheiro lhe queria falar? E por que me sentiria mal disposta para o resto do dia, por se tratar apenas de um professor de música que vinha oferecer os seus serviços à escola? E por que sentiria a respiração suspensa quando o carteiro trazia correspondência e minha mãe dizia: «Esta é para ti, Agnes», e me entregava uma carta? E por que é que o sangue me subia às faces, ao ver no sobrescrito uma letra masculina? E por que, sim! por que sentia tal desilusão quando, depois de a abrir, via tratar-se apenas de uma carta de Mary, por qualquer razão endereçada pelo marido?

Como pude chegar ao ponto de me sentir lograda por receber uma carta de minha irmã, em vez de receber carta de um estranho? Querida Mary! E ela escrevia-me com tanta ternura, convencida de que eu gostaria muito de receber notícias dela! Não me achava sequer digna de ler as suas cartas. E era tal a indignação que sentia contra mim própria que teria posto essa carta de lado, até me achar em melhor disposição e me sentir merecedora da honra de recebê-la, se não visse minha mãe ali ao lado, desejosa de saber as notícias que essa carta continha. Lia-lha, entregava-lha depois e ia para o quarto de estudo tomar conta das alunas, mas, no meio da preocupação de emendar as cópias e as somas, nos intervalos, não me cansava de repetir ao meu coração: «Que grande loucura! Como pudeste imaginar que te escrevesse? Que base tinhas para esperar que te viesse ver, que se incomodasse por tua causa ou se desse ao trabalho de pensar em ti, sequer?»

E então, a esperança desenrolava a meus olhos a última entrevista, e repetia-me as palavras que eu guardava na memória fielmente. «Mas isso que tem? Quem pode basear-se em coisas tão frágeis? Que encontras nessas palavras que um conhecido não dissesse a outro conhecido? Sem dúvida que era possível que se tornassem a encontrar. Diria o mesmo se partisses para a Nova-Zelândia, sem que significasse a menor intenção de te tornar a ver. — E quanto à pergunta que se seguiu, qualquer pessoa a podia fazer. E que lhe respondeste? — um estúpido lugar comum, como terias respondido a Master Murray, ou a qualquer outra pessoa que se dirigisse a ti amavelmente».

«Mas nesse caso», insistia a *esperança*, «o tom e a maneira como falou não significam nada?» «Isso é um disparate. Ele fala sempre com grande expressão, e nesse momento estavam atrás de ti as Misses Greens e Miss Matilda, e havia várias pessoas que passavam, o que o obrigou a estar perto de ti e a falar baixo, a não ser que quisesses que os outros ouvissem, o que — embora não se tratasse de nada especial — ele preferia que não acontecesse». «Mas nesse caso, como interpretar o aperto de mão tão amigável, que parecia dizer: “confie em mim”, e tantas outras coisas

demasiadamente agradáveis para que se repitam mesmo só dentro de mim...»

«Que enorme loucura! — é por demais absurdo para que valha a pena contradizê-lo — é uma invenção do teu espírito tudo isso, e deves envergonhar-te. Se pensares no teu aspeto pouco atraente, na tua reserva pouco amável, na tua absurda desconfiança — que te dá um aspeto reservado e estúpido, talvez mesmo de pessoa bisonha — se tivesses pensado nisso logo a princípio, nunca terias alimentado semelhantes pretensões: mas, já que assim não foi, reza, arrepende-te e emenda-te, sem pensares mais em tal».

Não posso dizer que tenha obedecido inteiramente aos meus próprios conselhos, mas estes pensamentos tornaram-se cada vez mais persistentes, à medida que o tempo passava sem notícias de Mr. Weston, até que deixei de esperar e o meu coração concordou que não valia a pena. Contudo, continuei a pensar nele, continuei a amar a imagem que tinha gravada no espírito, guardando como um tesouro cada palavra, cada olhar, cada gesto, que a minha memória conservava. Não queria saber senão das suas qualidades, e de tudo quanto sabia a seu respeito.

— Agnes, o ar do mar e a mudança de ambiente não te fizeram afinal bem nenhum, nunca te vi tão abatida. Fazes uma vida muito sedentária, e preocupas-te de mais com a escola. Deves esforçar-te por não tomar as coisas tanto a peito, e procurar ser mais ativa e mais leve de espírito. Faz exercício, sempre que puderes, e deixa as obrigações mais fatigantes para mim. Têm a vantagem de me experimentar a paciência e de me habituar a reprimir o meu mau génio... — Isto dizia-me minha mãe uma manhã que estávamos trabalhando, durante as férias da Páscoa.

Assegurei-lhe que o meu trabalho não era nada excessivo, e que me sentia bem. Se estava um pouco enfraquecida, isso passaria logo que acabasse a primavera, e no verão passaria o melhor possível de saúde.

Mas cá por dentro a observação alarmou-me. Senda realmente que as forças me abandonavam e que o apetite me faltava. Estava a tornar-me descuidada e morosa. Realmente, se ele não queria saber de mim, se não devia tornar a vê-lo, se não me era permitido

olhar pela sua felicidade, se me era vedado experimentar as alegrias do amor, ser feliz, e fazer alguém feliz, a vida tornava-se-me um fardo, e, se o Pai do Céu me chamasse para junto de si, sentir-me-ia muito feliz. Mas eu não podia morrer e abandonar minha mãe. Que filha egoísta e indigna era eu, para assim a esquecer!? Não me estava a sua felicidade até certo ponto confiada, assim como as prosperidades das nossas jovens alunas? Tinha por acaso o direito de me negar ao trabalho que Deus me destinava, lá porque não era do meu gosto? Não sabia *Ele* melhor do que eu, o que me convinha e em que me devia ocupar? E devia eu pretender deixar de O servir antes de terminada a minha tarefa e procurar descansar, antes de ter chegado ao fim?

«Não, com a sua ajuda hei de animar-me e entregar-me inteiramente ao dever que me é apontado. Se a felicidade neste mundo não for para mim, esforçar-me-ei por dar ao menos certo bem-estar àqueles que me rodeiam, e a minha recompensa virá depois». Assim respondi ao meu coração, e desde essa altura só permiti ao meu pensamento que se fixasse na imagem de Edward Weston em raríssimas ocasiões. Realmente, ou fosse a aproximação do estio, ou o efeito desta resolução, ou ainda o decorrer do tempo, o caso é que tranquilizei o meu espírito, e a saúde do corpo e o vigor voltaram pouco a pouco. Nos princípios de junho recebi uma carta de Lady Ashby, outrora Miss Murray. Já me tinha escrito duas ou três vezes, das diferentes partes da sua viagem de núpcias, sempre bem disposta e mostrando-se feliz. De todas as vezes me espantava de que não me tivesse esquecido no meio de tantas alegrias e distrações. Houve, finalmente, uma pausa, e imaginei desta vez que não mais se lembraria de mim, pois passaram mais de sete meses sem receber carta sua. Sem dúvida que não senti o coração partir-se-me com o desgosto, embora algumas vezes pensasse no que teria sido feito dela, e me causasse satisfação o receber de novo carta sua. Vinha datada de Ashby Park, onde, finalmente, se viera estabelecer, depois de ter andado por muitos sítios, tanto no continente como na metrópole.

Pedia muitas desculpas de me ter abandonado tanto tempo, e assegurava não me haver esquecido. Pensara várias vezes em me

escrever, mas surgia sempre qualquer pequena complicação. Concordava em que levara até então uma vida cheia de divertimentos e frivolidade, achando que eu a devia considerar muito má e muito cabeça no ar; mas, apesar de tudo, lembrava-se sempre de mim e gostaria muito de me ver.

Já estamos aqui há alguns dias. Não temos nenhum amigo conosco e sentimo-nos muito aborrecidos. Sabe muito bem que nunca tive jeito para viver com meu marido como dois pombinhos solitários no seu ninho, ainda mesmo que ele fosse a criatura mais agradável que jamais vestiu um par de calças, por isso tenha pena de mim, e venha. Creio que as suas férias começam em junho, como as de toda a gente, e, por conseguinte, não pode alegar que não tem tempo. Deve vir. Espero que venha. Morro, se não vier. Quero que me visite como amiga e que se demore muito tempo. Não está ninguém comigo, como já lhe disse, a não ser Sir Thomas e Lady Ashby mãe. Não se preocupe com eles — pouco nos incomodarão com a sua companhia. Terá o seu quarto, onde se pode refugiar quando quiser. Há cá muitos livros para ler, se a minha companhia não lhe bastar. Já não me lembro se gosta ou não de crianças, mas, se gosta, vai ter o prazer de ver o meu nené — que é sem dúvida a criança mais linda do mundo. Tanto assim que nem sequer me dá o trabalho de a criar. — Resolvi absolutamente não suportar semelhante maçada. Infelizmente é uma rapariga, e Sir Thomas ainda não mo perdoou. Se vier, prometo-lhe que há de ser um dia a precetora dela e que a educará como entender, para fazer dela uma rapariga melhor do que a mãe. E também lhe quero mostrar o meu cãozinho, uma maravilha que trouxe de Paris, e dois quadros italianos de grande valor — esqueci-me do nome do autor. Tenho a certeza de que vai descobrir neles belezas prodigiosas, que mas há de mostrar e em que eu nem sequer tinha reparado. Há ainda várias curiosidades que trouxe de Roma e de outros pontos, e desejo, finalmente, mostrar-lhe a minha nova casa — a casa magnífica e os jardins esplêndidos que tanto ambicionei. Ai de

mim! Quanto o prazer de desejar excede o prazer de possuir!...
Aí está uma bonita frase!... Asseguro-lhe que me tornei uma
grave matrona, já velhota. Peço-lhe que venha, quanto mais
não seja para apreciar a enorme mudança. Escreva-me na
volta do correio, e diga-me quando começam as suas férias.
Não deixe de vir no primeiro dia, para ficar até ao ultimo e para
fazer a vontade à sua

Rosalie Ashby.

Mostrei esta carta a minha mãe e consultei-a sobre o que devia
fazer. Foi de opinião que aceitasse. Assim fiz — bastante satisfeita
por ir ver Lady Ashby e a filhinha, e disposta a fazer o que pudesse
para ajudá-la, com boas palavras e conselhos. Convenci-me de que
era infeliz — de contrário não teria apelado para mim dessa
maneira — mas senti, ao aceitar o seu convite, que ia fazer um
grande sacrifício por ela, porque forçava a minha maneira de ser,
em vez de sentir grande regozijo ao ser convidada a visitar a
mulher de um baronete como amiga. Resolvi, por isso, que a minha
visita durasse pouco tempo. Não posso deixar de confessar que
senti certa satisfação com a ideia de que Ashby Park não ficava
muito longe de Horton Lodge e de que, possivelmente, poderia
encontrar Mr. Weston, ou, pelo menos, saber dele.

Capítulo 22 — *A Visita*

Ashby Park era uma residência muito agradável. A casa por fora tinha uma aparência majestosa e por dentro era confortável e muito elegante. O parque era grande e belo, principalmente porque possuía magníficas árvores muito velhas, grandes manadas de veados e uma lagoa clara. Florestas copadas rodeavam tudo, mas o terreno era pouco acidentado e não tinha aquela ondulação que dá tanta beleza a um parque. E aí estava a morada que Rosalie Murray tanto havia ambicionado. Chegou a aceitá-la sem quaisquer condições — sem se importar com o preço por que ia pagar o nome de proprietária, e sem querer saber como era aquele com quem ia partilhar esse nome!

Mas não quero agora censurá-la.

Recebeu-me com muita amabilidade e, embora eu fosse apenas a filha de um pobre pastor, uma precetora, a professora de uma escola, mostrou prazer nada afetado em me ver e, o que me surpreendeu mais ainda, esforçou-se por me tornar agradável a estadia em sua casa. É verdade que notei que esperava ver-me deslumbrada com o luxo que a rodeava. Confesso ter-me sentido contrariada com os seus evidentes esforços para me pôr à vontade e impedir que me sentisse esmagada por tantas riquezas e intimidade, pelo marido e pela sogra, envergonhando-me do meu humilde aspeto.

A verdade é que não me sentia envergonhada com isso, pois, embora simples, tinha procurado não me apresentar muito miserável. Sentir-me-ia infinitamente mais à vontade se a minha condescendente hospedeira não se mostrasse tão preocupada com isso. Quanto ao que me rodeava, nada poderia impressionar-me tanto como a mudança que se dera no seu aspeto.

Fosse a causa a vida elegante e movimentada, fosse coisa pior, o certo é que esses seis meses tinham produzido um efeito só de esperar no fim de muitos anos, reduzindo-lhe a redondeza das

formas, a frescura das faces, a vivacidade dos movimentos e a exuberância do espírito.

Desejava bem saber se era infeliz, mas senti que não lho devia perguntar.

Devia esforçar-me por lhe inspirar confiança. Se mesmo assim preferisse esconder os seus desgostos matrimoniais, não a perturbaria com perguntas. Mantive-me, pois, em generalidades acerca da sua saúde, do seu bem-estar, em comentários sobre a beleza do parque e sobre a filhinha, que era uma menina e que devia ter sido um rapaz. Era uma criança pequena e delicada, de umas sete ou oito semanas, por quem a mãe não mostrava grande interesse nem afeição, exatamente como eu esperava.

Logo após a minha chegada, mandou a sua criada particular mostrar-me o meu quarto e ver se não faltava nada. Era um quarto simples, mas bastante confortável. Quando desci, depois de ter tirado as minhas coisas de viagem, e de me ter arranjado, em atenção às preocupações da minha hospedeira — conduziu-me ela própria até à salinha que me destinava, para quando quisesse estar só, ou para quando ela estivesse presa com visitas ou com a companhia da sogra, e também onde poderia gozar da minha companhia, segundo a sua expressão.

Era uma sala de estar, sossegada e confortável, e não me senti mal por ter esse refúgio.

— Noutra ocasião hei de mostrar-lhe a biblioteca. Nunca vi muito bem o que há lá pelas prateleiras, mas creio estar cheia de bons livros; há de ir ver e ler o que quiser. E agora vou ver se o seu chá está pronto. Daqui a pouco são horas de jantar, mas pensei que, como está habituada a jantar à uma, talvez prefira tomar chá a esta hora e jantar quando nós almoçamos. Mando servir o chá neste quarto e assim livra-se de ter de aturar a minha sogra e Sir Thomas, o que, aqui para nós, é bastante maçador — não quero dizer propriamente maçador... enfim percebe o que pretendo exprimir... Mas se preferir... principalmente quando venham outras pessoas jantar...

— Com certeza — respondi — prefiro que tudo se faça como acaba de dizer, e mesmo, se não se importa, gostava mais de

tomar todas as minhas refeições nesta sala.

— Porquê?

— Creio que isso será mais agradável a Lady Ashby e a Sir Thomas.

— De maneira nenhuma.

— Nesse caso é mais agradável para mim.

Pôs algumas objeções um pouco fingidas e acabou por concordar. Percebi então que a minha proposta a aliviava muito.

— Agora vamos para a sala de visitas — disse ela. — Já tocou a sineta para o jantar, mas não vou ainda, não vale nada a pena a gente vestir-se quando não há quem nos veja, e além disso quero que conversemos um pouco.

A sala de visitas era, sem dúvida nenhuma, uma divisão imponente, arranjada com muita elegância — notei o olhar que a sua jovem possuidora me lançou quando entrámos, para ver a impressão que me causava, e resolvi, por isso, conservar a minha calma habitual, como se não achasse nada de extraordinário. Mas essa minha intenção durou apenas um momento. «Porque hei de desiludi-la, afinal, para ressalvar o meu orgulho? Não. Prefiro dar-lhe essa pequena satisfação, inocente, afinal». Olhei em volta e disse que achava essa sala magnífica e arranjada com imenso gosto.

Pouco respondeu, mas percebi que estava satisfeita.

Mostrou-me depois o seu cãozinho francês, que era muito gordo e estava enroscado numa almofada de seda, e chamou-me a atenção para os seus dois belos quadros italianos. Não me deu, porém, tempo para os examinar, dizendo que os veria melhor noutra ocasião, e insistiu por que admirasse o relógio que trouxera de Génova. Mostrou-me ainda vários objetos preciosos que comprara em Itália: uma ampulheta muito bonita, alguns bustos, figurinhas graciosas, vasos e mármorez cinzelados, muito belos.

Falou com animação e ouviu os meus louvores com um sorriso de prazer que depressa se desvaneceu, seguido de um olhar melancólico, como se considerasse essas bagatelas insuficientes para tornar feliz um coração humano e satisfazer uma alma.

Então, estendendo-se num divã, indicou-me uma grande cadeira confortável que lhe estava próximo. Não era perto do lume, era perto de uma janela aberta, porque estávamos no verão, volto a dizer, numa tarde quente e suave de fins de junho. Sentei-me um momento, em silêncio, gozando o ar puro e sossegado, e a deliciosa perspectiva do parque, que se estendia na nossa frente, rico de verdura e de folhagem, iluminado pelos raios do sol, já atenuados pelas sombras do dia a declinar. Precisava, porém, de aproveitar essa pausa, tinha perguntas a fazer, e, como acontece nos *post-scriptum* de certas cartas femininas, o mais importante vinha no fim. Comecei, pois, por perguntar pela saúde de Mrs. e de Mr. Murray e também por Miss Matilda e pelos irmãos mais novos.

Respondeu-me que o pai estava muito atacado de gota, o que lhe dava péssima disposição, mas não o fazia desistir dos seus ótimos vinhos, nem dos seus jantares substanciais, tendo mesmo acabado por se zangar com o médico, por este se atrever a afirmar que não havia remédio que o curasse enquanto não se restringisse nos seus hábitos. A mãe e todos os outros estavam bem. Matilda continuava selvagem e rude, mas arranjava agora uma precetora com grande prática, e as suas maneiras tendiam a melhorar; muito em breve entraria na sociedade. Quanto a John e a Charles encontravam-se agora em casa, a férias; eram dois rapazes bonitos, independentes e maliciosos.

— E como vão todos os outros? — disse eu. — Os Greens, por exemplo?

— Oh! Mr. Green ficou desolado, bem sabe — replicou ela, com um sorriso lânguido. — Ainda não voltou a si do logro, nem nunca mais volta, segundo creio. Está destinado a tornar-se num velho magistrado solteirão. Entretanto, as irmãs fazem o possível por casar.

— E os Meltham?

— Creio que continuam na forma do costume, mas pouco sei deles (a não ser de Harry) — respondeu, corando subitamente e sorrindo de novo. — Vi-o muitas vezes quando estivemos em Londres, porque, assim que soube que tínhamos chegado, foi logo para lá, a pretexto de visitar o irmão, e, uma vez aí, seguia-me

como se fosse a minha sombra. Não se mostre ofendida, Miss Grey, fui sempre muito discreta, juro-lhe. Mas sabe muito bem que ninguém pode impedir os outros de nos admirarem. Pobre rapaz! Não era o meu único admirador, mas era certamente o mais dedicado de todos. E imagine que esse horrível Sir Thomas resolveu ofender-se por isso com ele, ou comigo... nem cheguei a perceber... e carregou comigo para o campo assim que deu por tal. Estou condenada a viver aqui como uma ermita toda a vida, segundo creio.

Mordeu os lábios e olhou com cólera para a linda propriedade a que tanto desejara chamar sua.

— E Mr. Hatfield, que foi feito dele?

Voltou a animar-se e respondeu alegremente:

— Oh, descobriu uma donzela madura e casou, não há muito tempo. Comparou-lhe o peso da bolsa com os encantos pessoais e teve esperança de que o dinheiro lhe desse o que o amor lhe negou. Ah! Ah! Ah!...

— Creio que já perguntei por todos, a não ser por Mr. Weston. Que é feito dele?

— Não sei. Foi-se embora de Horton.

— Há muito tempo? E para onde?

— Não sei nada a seu respeito — respondeu bocejando. — Disseram-me apenas que se foi há cerca de um mês, mas não perguntei para onde. Fizeram tanto barulho à volta desse caso — continuou — com grande aborrecimento de Mr. Hatfield. Hatfield não gostava dele por causa da influência que tinha sobre a gatinha, e creio que, para mais, não se submetia suficientemente ao que ele queria, e ainda havia outras razões, que não sei bem. Mas decididamente, tenho de me ir agora vestir; a campainha vai tocar pela segunda vez, e, se apareço assim ao jantar, nunca mais acaba o sermão que terei de ouvir a Lady Ashby. É bem singular não ser sequer dona da própria casa! Agradeço-lhe que toque, para eu mandar chamar a minha criada particular e dizer-lhe que traga o chá. Só de pensar nessa mulher insuportável...

— Quem? Na criada de quarto?

— Não. Na minha sogra... e no erro desgraçado que cometi. Em vez de a deixar ir-se embora, viver noutra casa, como ela propunha quando casei, fui tão parva que lhe pedi que ficasse a viver aqui e dirigisse a casa em meu lugar. Primeiro, porque esperava que passássemos a maior parte do ano na cidade, segundo, porque, como me considerava nova e inexperiente, assustei-me com a ideia de ter uma quantidade de criadas a meu cargo, jantares a determinar, festas a organizar, etc., e pensei que ela me poderia ajudar com a sua experiência, sem pensar que se transformasse numa usurpadora, numa tirana, numa espia e ainda noutras coisas, todas detestáveis. Só queria vê-la morta! — Nessa altura voltou-se e deu as suas ordens ao criado, que se conservara de pé, junto à porta, havia momentos já, ouvira, portanto, grande parte da conversa, e que, por certo, formara o seu juízo, apesar da cara de pau que aparentava, cara essa considerada, sem dúvida, a mais própria para entrar na sala. Quando, depois de ele sair, fiz notar a Rosalie que ele devia ter ouvido, respondeu-me: — Não faz mal! Nunca faço caso dos criados, são meros autómatos. Nada têm com o que digam os seus superiores, nem se atreveriam a repetir o que ouviram, se é que têm a pretensão de ouvir e de pensar; ninguém se importa com eles. Só faltava que tivéssemos de nos calar agora em frente dos criados!

Dizendo isto, correu a fazer a sua rápida *toilette*, deixando-me à procura do caminho para a minha saleta, onde daí a pouco me foi servido o chá. Depois de o tomar, fiquei a meditar sobre o passado e o presente de Lady Ashby, e, no pouco que tinha sabido acerca de Mr. Weston, e nas nenhuma probabilidade de o ver ou de saber dele durante toda a minha vida pacata e monótona, que parecia não oferecer dali para o futuro mais que uma perspectiva de dias chuvosos e enevoados. Por fim comecei a sentir-me cansada dos meus próprios pensamentos, e, a desejar muito saber onde era a biblioteca de que a minha hospedeira me falara com tanto entusiasmo, e a não gostar nada da ideia de ter de ficar assim sem nada que fazer até à hora de me deitar.

Como não era rica bastante para possuir um relógio, não sabia quanto tempo tinha decorrido, a não ser olhando para a sombra das

árvores que lá fora se mostravam cada vez maiores, através da janela, donde se via um canto do parque com um bosque, em cujas árvores copadas havia gralhas sem fim, muito ruidosas. Via também um pedaço de muro alto, com um pesado portão de madeira, que comunicava, sem dúvida nenhuma, com os estábulos, pois se avistava um caminho para carros atravessando o parque e indo até lá. A sombra desse muro depressa tomou conta de todo o chão, até onde a minha vista alcançava, fazendo os raios de sol retirarem-se palmo a palmo, até que se refugiaram no cimo das árvores. Mas não tardou muito que mesmo as árvores ficassem na sombra, na sombra das colinas ou da própria terra, e então tive pena dos alegres habitantes da ramaria, banhados há pouco na luz gloriosa e agora cobertos de sombra. Durante um instante, os que estavam mais alto receberam ainda um reflexo nas asas, depois isso mesmo desapareceu. As gralhas foram-se calando a pouco e pouco, e eu senti-me cada vez mais aborrecida; e só me apetecia voltar para casa imediatamente.

Por fim escureceu de todo. Já estava mesmo a pensar em tocar para pedir que me trouxessem uma luz e em meter-me na cama, quando a minha hospedeira apareceu, com grandes desculpas por me ter abandonado durante tanto tempo, atirando com a responsabilidade para cima dessa «aborrecida criatura», pois assim designava a sogra.

— Se não estou com ela, enquanto Sir Thomas fica à mesa, não me perdoa, e se me vou embora quando ele chega (fiz isso uma vez) considera ofensa imperdoável ao seu querido Thomas. Nunca ela mostrou semelhante falta de consideração ao marido, e, quanto a afeição, as esposas já não sabem o que isso é na época que atravessamos. Tudo era bem diferente no seu tempo... como se ficar na sala significasse alguma coisa, quando ele só sabe abrir a boca para rabujar e para censurar, se está de mau humor, ou para dizer tolices, se está com boa disposição, quando não vai dormir para o sofá se se sente demasiadamente estúpido para fazer outra coisa, como agora acontece muitas vezes, pois não tem mais nada que fazer senão embrutecer-se com o vinho.

— Mas não poderia tentar distrai-lo com qualquer outra coisa, e levá-lo a abandonar semelhantes hábitos? Tenho a certeza de que dispõe de meios de persuasão, que muitas senhoras lhe invejariam, para distrair seu marido.

— E imagina que estou disposta a esforçar-me por distrai-lo? Não, isso não faz parte das minhas atribuições de esposa. Pertence ao marido o querer agradar, não é à mulher que cabe esse esforço, e mesmo que ela o não satisfaça tal qual é, ele pode considerar-se ainda com muita sorte por ter conseguido desposá-la... porque não é de forma nenhuma digno disso. E quanto a persuadi-lo, juro-lhe que nunca me darei a esse trabalho. Já faço bastante em suportá-lo tal qual é, sem empreender reformas. Mas desculpe tê-la deixado sozinha tanto tempo. O que estava a fazer?

— Estive principalmente a ver as gralhas.

— Santo Deus! Como se deve ter aborrecido!... Tenho de lhe mostrar a biblioteca. Faça o favor de tocar e peça o que lhe for preciso, como se estivesse num hotel; agradeço-lhe que se instale o melhor possível. Tenho motivos egoístas para querer que se sinta bem, porque desejo que fique aqui comigo e que ponha de parte essa horrível intenção de se ir embora tão depressa.

— Muito obrigada, mas hoje não a quero afastar por mais tempo da sala, porque estou cansada e preciso de ir para a cama.

Capítulo 23 — O Parque

Na manhã seguinte desci um pouco antes das oito, como percebi, ao ouvir as horas batidas por um relógio distante; mas não vi vestígios de almoço.

Esperei cerca de uma hora que me trouxessem, procurando de balde o caminho para a biblioteca, e, depois de terminar a minha solitária refeição, esperei ainda hora e meia, bastante aborrecida, sem saber o que havia de fazer. Por fim, Lady Ashby veio dar-me os bons-dias, informando-me de que acabara de almoçar nessa ocasião, e pedindo-me que a acompanhasse num passeio matutino pelo parque. Perguntou-me se me tinha levantado há muito tempo, e, quando ouviu a minha resposta, exprimiu o maior aborrecimento por ainda me não ter levado à biblioteca. Sugeriu que seria melhor levar-me lá imediatamente para não ter de preocupar-se mais com isso. Concordou, com a condição de eu não pensar em ler, nem sequer em folhear qualquer livro naquela ocasião, porque queria mostrar-me os jardins, e dar um passeio pelo parque, antes que o dia aquecesse de mais, o que de resto já quase tinha acontecido. Prometi e fomos dar uma volta.

Enquanto vagueávamos pelo parque, conversando acerca das coisas que a minha companheira vira na sua viagem, passou por nós um cavaleiro.

Como, ao passar, se voltou e olhou para mim bem de frente, pude vê-lo bem.

Era alto, magro e de aspeto muito envelhecido, costas arqueadas e face pálida, mas um tanto esverdeada, e com os olhos orlados de vermelho. Tinha feições grandes e um ar de indiferença e de vaidade, ainda mais acentuado pela expressão dura da boca e pelos olhos mortiços.

— Detesto este homem — murmurou Lady Ashby com amargura quando ele nos ultrapassou.

— Quem é? — perguntei, não podendo acreditar que falasse do marido em semelhantes termos.

— Sir Thomas Ashby — respondeu com repulsa.

— E detesta-o, Miss Murray? — disse eu tão perturbada que nem me lembrei do nome dela.

— Detesto, sim, Miss Grey, e, se o conhecesse, também o detestaria e não me censurava.

— Mas já o conhecia antes de casar com ele.

— Não conhecia, não. Imaginava isso. Não o conhecia realmente. Lembro-me muito bem que me aconselhou a que me acautelasse dele, e oxalá a tivesse ouvido. Mas agora é tarde de mais para me arrepender. A mamã é que o devia conhecer melhor do que qualquer de nós, e nunca me disse nada contra ele; pelo contrário. Nessa altura eu estava convencida de que ele me adorava, e de que seria capaz de me deixar viver como eu quisesse. A princípio fingiu que era assim, mas agora já não quer saber de mim para nada. Isso ainda é o menos, pouco me importa, que faça lá o que quiser, contanto que me deixe divertir à minha vontade e viver em Londres ou ao menos ter comigo pessoas de quem eu goste, mas ele faz o que quer e eu tenho de viver como se fosse sua prisioneira ou sua escrava. Desde que percebeu que eu me sabia divertir sozinha e que os outros me consideravam a valer mais do que ele, o miserável, o egoísta, começou a acusar-me de ser *coquette* e extravagante, e desatou a embirrar com Harry Meltham, ele que nem para lhe lambar os pés devia servir. E então atirou comigo para o campo, obrigando-me a levar vida de monja, para que não o desonre nem o arruíne, como se ele não descesse cada dia mais e mais, com as apostas, o jogo, as bailarinas, e mais com Lady Fulana e Lady Sicrana... e também com a ajuda do vinho e dos copinhos de aguardente com água! Ah! Não sei quanto dava para voltar a ser Miss Murray. É revoltante sentir a vida a fugir, e a saúde e a beleza desperdiçadas com semelhante bruto! — exclamou desatando a chorar, com amargura e cólera.

Sem dúvida que a lastimava muitíssimo, tanto pela sua falsa conceção da vida e pelo seu desconhecimento de qualquer dever, como pelo terrível companheiro a que estava ligada. Disse-lhe tudo quanto pude para a consolar, e dei-lhe os conselhos que me pareceu ela poderia compreender: disse-lhe que procurasse

melhorar o marido com advertências amigáveis e bondosas, com bons exemplos e com persuasão, e que se, finalmente, percebesse que ele era incorrigível, procurasse então abstrair dele — refugiando-se na sua própria integridade e que, nesse caso, se preocupasse com ele o menos possível. Exortei-a a que procurasse conforto no cumprimento dos seus deveres para com Deus e para com as criaturas. Pedi-lhe que confiasse no céu e se consolasse cuidando da sua filhinha; afirmei-lhe que se sentiria largamente compensada vendo-a crescer e desenvolver-se de corpo e de espírito, e recebendo as provas da sua afeição.

— Mas não me posso dedicar inteiramente a uma criança — disse ela — pode morrer... o que é bastante provável.

— Com cuidados, muitas crianças fracas se tornam pessoas robustas.

— Mas pode vir a ser tão insuportável como o pai, e então chegarei a odiá-la.

— Não é nada provável; é uma menina e parece-se muito com a mãe.

— Isso não quer dizer nada. Preferia que fosse um rapaz, contanto que o pai não lhe deixasse uma herança que ele pudesse desbaratar. Que prazer quer que eu sinta em ver uma rapariga crescer e eclipsar-me, gozando todos os prazeres que me estão vedados? E, mesmo supondo que podia arranjar generosidade bastante para sentir com isso alguma satisfação, ainda é muito pequena. É quase o mesmo que dedicar-se a gente a um cão. Quanto a ser bondosa e ajuizada, sabe muito bem que tentou sem resultado tornar-me assim, e acho que estaria tudo muito bem se eu tivesse mais vinte anos. As pessoas devem divertir-se enquanto são novas, e, se os outros o não consentem, temos todo o direito de os odiar.

— Parece-me que a melhor maneira de encontrar a paz é cumprir os seus deveres e não odiar ninguém. O fim da religião não é só ensinar-nos a morrer; é também ensinar-nos a viver. Quanto mais depressa conseguir tornar-se melhor e mais ajuizada, melhor se sentirá. E já agora, Lady Ashby, ainda lhe dou mais um conselho: não faça da sua sogra uma inimiga; não a leve a pegar em armas e

não a considere como uma intrusa invejosa. Nunca a vi, mas tenho ouvido dizer bem dela, assim como tenho ouvido dizer mal; mas estou convencida de que, embora fria e altiva de maneiras, e até exigente, deve ser capaz de sentir afeição por alguém que a procure e se chegue a ela. Se é cegamente amiga do filho, não deve ser, em todo o caso, inteiramente destituída de bons princípios, nem incapaz de ser chamada à razão. Se se puder reconciliar um pouco com ela, e adotar um modo franco e amigável, se souber, até, confiar-lhe as suas penas... quando se trate de coisas verdadeiramente sérias, de que tenha o direito de queixar-se, estou convencida de que, com o decorrer do tempo, terá nela uma amiga que a ajude e a console, em vez de pretender dominá-la, conforme me disse.

Receando, contudo, que os meus conselhos fossem pouco aproveitados, e achando-me pouco útil, a minha permanência em Ashby Park tornou-se-me duplamente penosa. Tive, contudo, de demorar-me esse dia e o seguinte, conforme prometera. Mas depois resisti a todos os pedidos e insisti em partir na manhã imediata, afirmando que minha mãe se sentia muito só sem mim, e que esperava impacientemente o meu regresso.

Foi com o coração apertado que me despedi da pobre Lady Ashby e a abandonei na sua morada principesca. Não havia prova mais evidente de que se sentia muito desgraçada do que vê-la procurar a minha companhia como um grande conforto, desejando ardentemente a minha presença, embora os meus gostos e as minhas ideias fossem diferentes dos seus, do que vê-la procurar-me, a mim, que fora completamente esquecida nas horas felizes, a mim, cuja presença seria antes causa de aborrecimento, caso ela possuísse metade daquilo que verdadeiramente desejava!...

Capítulo 24 — As Dunas

A nossa escola não era no centro da cidade. Quando se entrava em A..., vindo do Nordeste, avistava-se uma fileira de casas com bom aspeto, de cada lado da estrada larga e clara, com jardinzinhos pequenos na frente, persianas nas janelas e um lance de escadas conduzindo a uma portazinha muito elegante, com ferragens de bronze. Numa dessas casas maiores, vivíamos, minha mãe e eu, acompanhadas pelas meninas que nos confiavam para educar. Estávamos a uma distância considerável do Oceano e separadas dele por um labirinto de ruas estreitinhas.

Ora eu gostava muito de ver as vagas, e muitas vezes atravessava a cidade para passear pela praia, quer com as minhas alunas quer com minha mãe, durante as férias. Gostava do mar em todas as estações, mas, especialmente, quando a brisa soprava e levantava vagazinhas, nas manhãs frescas de verão.

Três dias depois de voltar de Ashby Park, acordei muito cedo. O sol brilhava através das persianas. Pensei então que seria agradável atravessar a cidade tranquila e dar um passeio solitário pelas dunas, enquanto quase toda a gente dormia ainda. Não levei tempo a decidir-me nem a pôr essa decisão em prática.

Como não quis incomodar minha mãe, desci as escadas sem fazer barulho e fechei a porta devagar. Já estava pronta e na rua quando o relógio da igreja bateu o quarto para as seis. Senti-me fresca e vigorosa ao atravessar as ruas. Quando me pude livrar da cidade e senti os pés enterrarem-se-me na areia e o rosto batido pela brisa, não sei dizer o que experimentei nem tão-pouco saberei descrever a beleza do céu azul e do mar, o brilho do sol matutino nos rochedos colocados em semicírculo e sobrepujados de colmas verdes, como nem poderei dar ideia das dunas desertas e macias e das rochas junto ao mar cobertas de líquenes, tal qual pequenas ilhas forradas de relva. Mas coisa ainda mais bela do que tudo isto eram as vagas a quebrar! A frescura e a pureza dessa manhã eram indescritíveis. Havia apenas o calor bastante para a brisa nos

parecer agradável, e essa mesma brisa era quanto bastava para fazer as ondas quebrar desfeitas em espuma. Não se via ninguém. Os meus pés eram os primeiros a pisar as areias imaculadas, depois que o vento noturno varrera os vestígios do dia anterior.

Sentia-me fresca, vigorosa e encantada e lá ia seguindo, já esquecida dos meus cuidados, parecendo-me ter asas nos pés e ser capaz de andar quarenta milhas sem me cansar. Experimentava uma exaltação para mim desconhecida, desde os primeiros tempos da minha adolescência.

Por volta das seis e meia, começaram a aparecer alguns criados com os cavalos dos patrões — primeiro um, depois mais, até que houve cerca de doze cavalos e cinco ou seis cavaleiros; mas nada disso me incomodou, porque não deviam ultrapassar as rochas baixas de que já me estava aproximando. Quando as alcancei, e caminhei sobre algas escorregadias (com risco de cair nalgum desses charcos de água salgada e límpida que havia por ali) cheguei a um promontório, com o mar chapinhando em volta, e então olhei para trás, para ver quem vinha na minha direção. Só havia os criados com os cavalos, e um homem com um cãozinho escuro a correr-lhe na frente. Avistava-se também uma carreta que saía da cidade a buscar água para banhos.

Daí a nada as bombas iam começar a funcionar, e, então, senhoras e senhoras de hábitos regulares haviam de sair para o seu passeio matinal. Por mais agradável que fosse esse espetáculo, não esperaria por ele, pois o sol brilhava de tal maneira, refletindo-se no mar, que os meus olhos não podiam mais. Voltei-me, novamente, para me encantar com a vista e o ruído do mar batendo contra o promontório — não com muita força, porque era quebrado pelas plantas aquáticas e pelas rochas que havia por debaixo. Se assim não fosse, ter-me-ia encharcado instantaneamente, a maré estava a subir e os charcos iam-se enchendo; era tempo de procurar sítio mais seguro. Encaminhei-me, então, conforme pude, para o areal, resolvendo continuar até a uns rochedos pitorescamente colocados, e depois voltar.

Ouvi nessa altura um som esquisito atrás de mim, e um cão precipitou-se, latindo e rojando-se a meus pés. Era o meu *Snap*, o

meu cãozinho escuro!... Quando o chamei pelo nome, pulou para a minha cara e ladrou de contentamento. Quase tão satisfeita como ele, tomei o animal nos braços e beijei-o muitas vezes. Mas como estava ele ali? Não caíra do céu, nem viera sozinho; devia vir com o dono, com o guarda ou com qualquer outra pessoa.

Parei de lhe fazer festas, olhei em roda e avistei... Mr. Weston!...

— O seu cão lembra-se de si perfeitamente, Miss Grey — disse ele tomando, com entusiasmo a mão que eu lhe estendia, sem saber muito bem o que estava a fazer. — Vejo que se levanta muito cedo — continuou.

— Não me levanto todos os dias assim — repliquei com uma serenidade extraordinária, dadas as circunstâncias.

— Até onde se propõe continuar o seu passeio?

— Estava exatamente resolvida a voltar. Devem ser horas, segundo creio.

Consultou o relógio — que era de ouro agora — e disse-me serem sete e cinco.

— Já deve ter andado bastante — observou, voltando em direção à cidade, para onde me encaminhava agora vagarosamente, com ele a meu lado.

— Em que parte da cidade vive? — perguntou. — Nunca a consegui descobrir.

Tinha-se então esforçado! Indiquei-lhe o local onde habitávamos.

Perguntou como iam as nossas coisas. Respondi que caminhavam muito bem, que tínhamos tido muito mais alunas depois das férias do Natal, e que esperávamos ainda mais depois das férias presentes.

— Deve ser muito boa professora — observou.

— Não, minha mãe é que é — repliquei. — Dirige as coisas tão bem, é tão ativa, inteligente e bondosa!...

— Gostava de conhecer sua mãe. Querirá ter a bondade de me apresentar, se as for visitar?

— Com grande prazer.

— E quererá autorizar-me a ir vê-la de tempos a tempos, como um velho amigo?

— Com certeza... isto é, creio que sim.

Foi uma resposta muito estúpida, mas a verdade é que não me achava no direito de convidar quem quer que fosse para casa de minha mãe, sem a consultar. Se respondesse: «Sim, se minha mãe autorizar», pareceria depreender das suas palavras coisas que não devia. Mas sempre teria respondido com mais amabilidade se estivesse completamente em mim. Continuámos a andar calados durar te algum tempo. Essa pausa foi interrompida daí a pouco, com grande alívio para mim, por Mr. Weston, que comentou a beleza da manhã, os encantos da baía e depois falou das vantagens que A... oferecia, vantagens superiores a muitas outras praias mais elegantes.

— Mas ainda não me perguntou o que estou fazendo em A... — disse ele. — Não me pode imaginar bastante rico para vir apenas distrair-me.

— Ouvi dizer que tinha deixado Horton.

— E não lhe tinham dito que vim viver para F...?

F... era uma aldeia a duas milhas de A...

— Não — respondi — vivo tão fora do mundo, mesmo aqui, que só por acaso me chegam notícias, a não ser as dos jornais. Espero que lhe agrade a sua nova paróquia, para o poder felicitar.

— Espero gostar dela ainda mais, daqui a um ano ou dois, quando conseguir certas modificações em que estou trabalhando com todo o vigor... ou, ao menos, quando tenha dado mais alguns passos nessa direção. Mas desde já pode felicitar-me, porque me agrada muito ter uma paróquia só minha, sem ninguém que discorde dos meus planos ou das minhas ações. Além disso, tenho uma casa, num arrabalde muito agradável, e trinta libras por ano. De facto só me pesa a minha solidão e desejaria alguém para me fazer companhia.

Olhou para mim ao terminar e o brilho dos seus olhos escuros fez-me subir o rubor às faces, com grande aborrecimento meu, porque mostrar-me confusa nesta ocasião era para mim intolerável. Fiz um enorme esforço para remediar o mal e desviar qualquer

intenção que pudesse parecer pessoal, com uma resposta rápida em que lhe disse ser natural que, logo que tivesse mais conhecimentos na vizinhança, encontrasse muitas oportunidades para preencher essa lacuna, escolhendo entre as senhoras de F... e arredores, ou mesmo em A..., se precisava de ter assim tanta por onde escolher. Disse isto sem pensar que podia parecer um cumprimento, e só dei por tal com a resposta dele.

— Não tenho a pretensão de supor tal coisa — respondeu. — Mas mesmo que assim fosse, tenho uma ideia muito especial a respeito da companheira que há de ligar o seu destino ao meu, e é provável que não a encontrasse entre essas senhoras que me indicou.

— Se deseja a perfeição, não a poderá por certo encontrar.

— Não, não é isso que pretendo. Não posso desejar a perfeição, sendo eu próprio imperfeito.

Aqui a conversa foi interrompida pelo carro da água que passava por nós, pois já estávamos muito próximo da praia de banhos. Durante oito ou dez minutos seguimos entre cavalos e pessoas, sem podermos continuar a nossa conversa, até que voltámos costas ao mar e começámos a subir a ladeira que levava à cidade. Aí o meu companheiro ofereceu-me o braço, que eu aceitei, embora sem a intenção de me apoiar nele.

— Não costuma vir muitas vezes à praia, creio, porque tenho vindo aqui frequentemente, umas vezes à tarde, noutras de manhã e nunca a encontrei. Já percorri várias vezes a cidade, à procura da sua escola... só não me lembrei de ir exatamente à sua rua... Já cheguei até a perguntar, mas ninguém me sabia esclarecer.

Quando a subida acabou, fiz menção de retirar o braço, mas um pequeno movimento das sobrancelhas dele deu-me a entender que não era esse o seu desejo, e desisti. Falando de várias coisas entrámos na cidade e percorremos várias ruas. Percebi que se estava afastando do seu caminho para me acompanhar, apesar do longo trajeto que tinha ainda a fazer, e, receando que procedesse assim por mera delicadeza, observei:

— Receio estar a desviá-lo muito do seu caminho, Mr. Weston. Parece que a estrada para F... é noutra direção.

— Deixo-a à esquina da outra rua — disse ele.

— E quando vem ver minha mãe?

— Amanhã, se Deus o permitir.

A esquina da outra rua era quase o fim do meu passeio. Parou e despediu-se, chamando *Snap*, que parecia hesitar em seguir a antiga dona ou o seu novo possuidor; contudo acabou por seguir este último, quando ele o chamou.

— Não lho restituo, Miss Grey — disse Mr. Weston — porque também gosto dele.

— Não preciso dele — repliquei. — Agora que está em boas mãos, estou satisfeita.

— Tem a certeza disso?

Partiram ambos, eu voltei para casa, agradecendo ao Céu semelhante mercê, e implorando que as minhas esperanças não fossem novamente destruídas.

Epílogo

— Agnes, não deves dar passeios tão grandes antes do almoço — disse minha mãe, vendo que eu tomava mais uma chávena de café e não comia nada, desculpando-me com o calor e com o passeio. Devia mesmo estar febril e também cansada. — Exageras sempre. Se desses um passeio pequeno todas as manhãs, só te faria bem.

— Sim, mãe, vou começar a fazer isso.

— Como hoje fizeste é pior do que ficares na cama ou estares dobrada sobre os livros. Enches-te de febre.

— Não torno mais — respondi.

Estava dando voltas à cabeça para ver maneira de falar de Mr. Weston, porque minha mãe tinha de ser prevenida de que ele viria no dia seguinte. Esperei, contudo, até que se levantou a mesa do almoço e me senti mais calma. Então instalei-me junto ao meu desenho e comecei:

— Encontrei hoje na praia um velho amigo, mamã.

— Um velho amigo? Quem era?

— Melhor dizendo, dois velhos amigos. Um era um cão. — E recordei-lhe *Snap*, de quem já tinha contado a história, relatando a sua súbita aparição e a forma como mostrara conhecer-me. — O outro era Mr. Weston, o pastor de Horton.

— Mr. Weston! Nunca me falaste dele.

— Já lhe falei nele várias vezes, segundo creio. É que não se recorda.

— Falaste-me de Mr. Hatfield.

— Mr. Hatfield era o reitor, e Mr. Weston o cura. Falei neles algumas vezes para mostrar o contraste entre um e outro. Pois estava esta manhã na praia com o cão... comprou-o, segundo creio, ao guarda-campestre. Reconheceu-me logo, talvez por causa do animal... Conversei com ele um pouco, e ele perguntou-me pela escola. Falei-lhe da mãe e da maneira como a sabia dirigir, e

manifestou desejo de a conhecer, pedindo-me para o apresentar, quando aparecer por cá amanhã. Eu disse que sim. Fiz bem?

— Sem dúvida que fizeste. Que espécie de homem é ele?

— É homem muito respeitável, segundo penso... Mas a mamã verá. É o novo pastor de F... Está aqui apenas há algumas semanas, creio que ainda não conhece quase ninguém e sente-se um pouco isolado.

Chegou finalmente o dia seguinte. Em que ansiedade febril me encontrei desde o almoço até à tarde — hora a que ele apareceu!... Apresentei-o a minha mãe, peguei na minha costura e fui sentar-me junto à janela, à espera do resultado da entrevista. Entenderam-se perfeitamente, com grande satisfação minha, pois sentia-me ansiosa por conhecer as impressões de minha mãe. Não se demorou muito tempo, mas, quando se levantou para se despedir, minha mãe disse-lhe que teria sempre grande prazer em o ver, quando quisesse aparecer, e depois de ele partir, tive a grande alegria de ouvir minha mãe dizer:

— Pareceu-me um homem muito delicado. Mas por que estiveste tu sempre tão longe, Agnes? — acrescentou. — E por que falaste tão pouco?

— Porque gostei muito de a ouvir falar. Conversa tão bem, mamã! Não precisava nada da minha ajuda, e além disso a visita era para si e não para mim.

Depois desta tarde, apareceu mais vezes no decorrer da semana. Em geral dirigia-se a minha mãe, o que era perfeitamente natural, pois ela sabia de facto conversar. Eu quase que invejava a facilidade dela e o seu bom-senso, evidente em todos os seus ditos... Mas isto é só uma maneira de dizer. Se lastimava as minhas deficiências, alegrava-me muito por ver as duas criaturas que eu mais estimava e respeitava falarem tão amigavelmente e dizerem coisas tão interessantes. Mas a verdade é que eu nem sempre estava calada, pois nunca se esqueciam de mim. Davam-me toda a atenção, enchiam-me de mimos e de delicadezas, demasiadamente subtis para poderem ser contadas, porque lhes vinham do coração.

Terminara a cerimónia entre nós. Mr. Weston vinha como um amigo muito querido cuja presença era estimada em qualquer

ocasião. Acabou por me tratar por Agnes, primeiro disse o meu nome um pouco a medo, mas, vendo que não me ofendia, mostrou preferi-lo ao banal Miss Grey.

Que longos e aborrecidos me pareciam agora os dias em que ele não vinha! E contudo não me considerava infeliz, porque conservava a lembrança da sua última visita e tinha esperança na próxima. Mas se passavam três dias sem aparecer, sentia-me inquieta e ansiosa — era absurdo, porque ele tinha de tratar da sua paróquia. Só receava o fim das férias, quando eu própria tivesse trabalhado e não o pudesse ver, ou, então, quando tivesse de ficar só com ele, por minha mãe estar na aula.

Era uma situação que eu não desejava, embora me fosse agradável encontrá-lo fora de casa ou passearmos juntos.

Uma tarde, porém, já na última semana de férias, ele chegou inesperadamente — uma trovoadas muito forte já me tirara toda a esperança de o ver nesse dia. A tempestade acabara, e o sol brilhava de novo.

— Que linda tarde, Miss Grey! — disse ao entrar. — Agnes, gostava que viesse dar um passeio comigo até... — E disse o nome de determinado ponto à beira-mar: uma colina suave para o lado de terra e para o mar um precipício com uma vista magnífica. — A chuva acabou com a poeira e clarificou o ar; deve estar uma temperatura magnífica. Quer vir?

— Posso ir, mamã?

— Com certeza que podes.

Fui arranjar-me e desci daí a minutos, embora me tivesse esforçado mais por parecer bem do que se fosse só. A trovoadas tinha tido um efeito benéfico e estava realmente um tempo lindíssimo. Mr. Weston quis dar-me o braço. Pouco falou enquanto atravessámos a cidade. Ia muito depressa, mostrando-se sério e absorto. Admirei-me, e receei que tivesse qualquer coisa que o apoquentasse. Pus-me a imaginar o que poderia ser e tornei-me também grave e tristonha. Quando saímos da cidade, tudo isto passou. Logo que ultrapassámos a velha igreja e avistámos a colina de... com o mar muito azul por trás, o meu companheiro animou-se.

— Estou com medo de ter andado depressa de mais para si, Agnes — disse ele — impaciente como estava de abandonar a cidade, esqueci-me do que lhe podia ser mais agradável, mas agora vamos com o passo que quiser. Veja pelas nuvens que se amontoam ali, daquele lado, que vamos ter um lindo pôr de sol, e ainda falta bastante até que o astro desapareça no mar, de modo que podemos ir muito devagar.

Quando íamos a meio da colina, tornou a calar-se, o que em geral não acontecia.

— A minha casa ainda está abandonada, Miss Grey — observou, rindo. — E agora já conheço todas as senhoras da paróquia e mais algumas cá da cidade, mas nenhuma me serve para companheira. Realmente só há uma pessoa que me agradaria: é a Agnes, mas preciso de saber o que pensa.

— Está falando a sério?

— A sério? Como pode imaginar que brinco com uma coisa destas?

Colocou a mão sobre a que eu levava apoiada no braço dele e sentiu-me com certeza tremer — mas agora já não tinha importância.

— Espero não ter sido demasiadamente brusco — disse num tom grave. — Já deve ter percebido que não está no meu feitio lisonjear e dizer coisas bonitas, ou mesmo dizer o grande apreço em que a tenho, e espero que saiba que da minha parte uma simples palavra ou um olhar significam mais do que grandes protestos noutras pessoas.

Não me deu tempo a que dissesse nada quanto a não querer deixar minha mãe, nem a não querer tomar qualquer decisão sem a consultar.

— Já combinei o principal com sua mãe, enquanto se esteve a arranjar — continuou. — Ela respondeu-me que eu devia obter o seu consentimento e pedi-lhe que, no caso de ter a felicidade de a encontrar de acordo, viesse viver connosco, porque tenho a certeza de que a Agnes preferia que assim fosse. Ela, porém, recusou, dizendo que lhe era possível arranjar alguém que a ajudasse, e que preferia continuar com a escola até conseguir o bastante para viver

confortavelmente. Entretanto passará as férias ora connosco ora com Mary, e afirma que se sente inteiramente compensada vendo a Agnes feliz. E parece-me que assim respondi a todas as objeções que me iria pôr. Tem mais alguma?

— Não. Absolutamente nenhuma.

— Gosta então de mim? — disse, apertando-me as mãos com fervor.

— Gosto...

Aqui acaba o meu diário, de onde tirei estas notas. Podia continuar ainda anos e anos, mas contento-me em acrescentar que nunca esquecerei essa tarde gloriosa de verão, e que me lembrarei sempre dessa colina alcantilada, e do precipício que se abria a nossos pés, enquanto contemplávamos juntos o pôr de sol, refletido no quieto mundo das águas, que se estendiam ao fundo, ao mesmo tempo que sentíamos os corações cheios de alegria e de gratidão para com o Altíssimo — tão cheios que nem podíamos falar.

Poucas semanas depois, logo que minha mãe arranjou quem me substituísse, tornei-me mulher de Edward Weston, e nunca tive até hoje motivo para me arrepender; estou certa de que nunca o terei. Tem havido desgostos e por certo no futuro ainda haverá mais, mas suportá-los-emos sempre unidos, procurando fortalecer-nos mutuamente, preparando-nos para ter coragem na separação final — será esta a maior prova para aquele de nós que sobreviver ao outro. Mas se tivermos sempre presente ao nosso espírito a ideia do céu, seremos capazes de suportar esse transe. Entretanto esforçar-nos-emos por glorificar Aquele que abençoou o nosso caminho.

Edward, com os seus esforços aturados, conseguiu enormes melhoramentos na sua paróquia e é estimado e querido, como merece, porque, embora tenha os seus defeitos, como toda a gente, desafia quem quer que seja a atacá-lo como pastor, como marido ou como pai.

Os nossos filhos Edward e Agnes, e mesmo a pequenita Mary, prometem bastante. A sua educação, quanto às coisas temporais, está a meu cargo, e procurarei proporcionar-lhes tudo quando precisarem e dependa dos meus cuidados de mãe. Os nossos

modestos haveres são suficientes para as nossas necessidades, e, fazendo economia, coisa que aprendemos em tempos piores, nunca procurando imitar vizinhos mais ricos, conseguimos não só viver com o conforto necessário, mas pormos até qualquer coisa de parte para os nossos filhos, e ainda ajudarmos outros mais necessitados do que nós.

E parece-me que já disse o bastante.

Table of Contents

[Capítulo 1 — O Presbitério](#)

[Capítulo 2 — Primeiras Lições Sobre a Arte de Ensinar](#)

[Capítulo 3 — Algumas Lições Mais](#)

[Capítulo 4 — A Avozinha](#)

[Capítulo 5 — O Tio](#)

[Capítulo 6 — Novamente o Presbitério](#)

[Capítulo 7 — Horton Lodge](#)

[Capítulo 8 — Entrada na Sociedade](#)

[Capítulo 9 — O Baile](#)

[Capítulo 10 — A Igreja](#)

[Capítulo 11 — As Herdades](#)

[Capítulo 12 — O Aguaceiro](#)

[Capítulo 13 — As Primaveras](#)

[Capítulo 14 — O Reitor](#)

[Capítulo 15 — O Passeio](#)

[Capítulo 16 — A Substituição](#)

[Capítulo 17 — Confissões](#)

[Capítulo 18 — Alegria e Luto](#)

[Capítulo 19 — A Carta](#)

[Capítulo 20 — A Despedida](#)

[Capítulo 21 — A Escola](#)

[Capítulo 22 — A Visita](#)

[Capítulo 23 — O Parque](#)

[Capítulo 24 — As Dunas](#)

[Epílogo](#)